

# Hipólito da Costa

O Gaúcho fundador da Imprensa no Brasil



Hipólito José da Costa, bacharel em Direito e Filosofia pela Universidade de Coimbra. Jornalista e editor do Correio Braziliense em Londres, 1808-1822. Diplomata, escritor, historiador, poliglota, pianista, poeta, dramaturgo, líder maçom, médico prático e grande estudioso de Economia Política e Direito Constitucional. Sua formação filosófica abrangia conhecimentos de Metalurgia, Física, Química, Mineralogia, Zoologia, Botânica e Agricultura. Esta base cultural, combinada com suas experiências culturais nos Estados Unidos, no âmbito da Maçonaria, transformaram-no, na época, numa enciclopédia colocada a serviço do Brasil, antes de sua Independência, para a qual concorreu expressivamente. Este retrato é cópia do que se encontra no Gabinete de Trabalho do Ministro das Relações

Exteriores em Brasília, ao lado do Barão do Rio Branco e pinturas de Pedro Américo.



ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR  
TERRESTRE DO BRASIL

# **HIPÓLITO DA COSTA**

## **O Gaúcho fundador da Imprensa no Brasil**

**Cláudio Moreira Bento**

Porto Alegre, janeiro de 2005

© do autor

1ª edição: 2005

Tiragem: 1000 exemplares

**Capa:** Capitão de Fragata Carlos Norberto Stumpf Bento

**Digitação:** Professora Verônica Maria de Abreu (Itatiaia)

**Diagramação:** Sandro L.O. Camargo & Flávio A. de O. Camargo

**Divulgação:** Genesis Edições

**Revisão final e de provas:** Os autores

**Fotolitos e impressão:** Metrópole LTDA

Nota sobre a capa. Na 1ª capa os braços da AHIMTB e IHTRGS sob cuja égide a obra é publicada. Logo abaixo retrato de Hipólito retirado de jóia que ofertou a sua esposa e o título do trabalho e a informação de que foi trabalho premiado em Concurso Nacional em 1972 promovido pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul e pela Associação de Imprensa do Rio Grande do Sul. Na 2ª capa uma gravura da Colônia do Sacramento em 1737, onde nasceria Hipólito da Costa em 1774, com legenda alusiva ao fato.

**Pedidos desta obra:**

Academia de História Militar Terrestre do Brasil

AMAN - Av. Presidente Vargas, 442

Campos Elíseos - Resende - RJ CEP 27542-570

Tel: (24) 3358 4788

email: ahimtbrasil@resenet.com.br; www.resenet.com.br/users/ahimtb

CIP - CATALOGAÇÃO INTERNACIONAL NA PUBLICAÇÃO



B475h	<p>Bento, Cláudio Moreira  Hipólito da Costa: o gaúcho fundador da imprensa no Brasil /  Cláudio Moreira Bento — Porto Alegre : Gênese; Rio de Janeiro  : Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2005.</p> <p>158 p.</p> <p>1. Biografia : Hipólito da Costa. 2. Imprensa : Brasil : História  : Hipólito da Costa. I. Título.</p> <p>CDD: 92  CDU: 92(Costa, H.)</p>
-------	--

**Catálogo na publicação:**

Biblioteca Setorial da Faculdade de Agronomia da UFRGS

**ISBN: 85-87578-14-6**

## Dedicatória

Aos meus conterrâneos de Canguçu-RS, o resgate histórico, nesta biografia do patrono da Imprensa Brasileira, de aspectos relevantes do passado de nosso torrão natal, até então cobertos pela pátina dos tempos e ausentes de obras históricas do Rio Grande do Sul.

Aos jornalistas brasileiros, discípulos de Hipólito da Costa, aos empresários da Mídia do Brasil para que se mantenham fiéis às lições do referido jornalista e historiador e no respeito à função social do historiador brasileiro, de longa data ausente da Mídia em geral, por falta de espaço e critérios econômicos, lembrando que "a História é considerada a mestra da vida a mestra das mestras" e, no caso do Brasil, também a mãe de sua identidade e perspectiva históricas, como instrumento para se conhecer o passado, para entender o presente e para melhor construir o futuro do Brasil em bases realistas e não utópicas.

Aos meus confrades da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e das academias Canguçuense e Piratiniense de História para conhecerem, divulgarem e aprofundarem aspectos da História Militar Terrestre do Brasil e da História e Tradições do Rio Grande do Sul, bem como fatos históricos desconhecidos ligados aos municípios de Canguçu, de Piratini e da Região Sul do Rio Grande do Sul, que eles integram, onde viveu o menino e adolescente Hipólito da Costa, antes de seguir para a Universidade de Coimbra, e depois consagrar-se como o fundador da Imprensa do Brasil com o seu jornal **O Correio Braziliense**, editado em Londres de 1808 a 1822.







# Sumário

	<b>Pág.</b>
<b>Dedicatória</b> .....	v
<b>Prefácio</b> .....	xi
<b>Apresentação</b> .....	xiii
<b>Explicação necessária</b> .....	xvii

## Capítulo I Vida de Hipólito no Brasil

<b>NASCIMENTO EM COLÔNIA DO SACRAMENTO</b> .....	23
Português de nascimento.....	23
Filiação.....	23
....	
Situação militar do Rio Grande do Sul em março de 1774.....	23
Pai de Hipólito, furriel dos Dragões do Rio Pardo.....	24
<b>UM POUCO DE HISTÓRIA</b> .....	26
Fundação da Colônia do Sacramento - 1680.....	26
Primeiros tropeiros.....	26
Início do povoamento do Rio Grande do Sul - 1737.....	26
Guerra Guaranítica - 1754-56.....	27
Fortificações no Rio Grande do Sul - 1761.....	29
Caminho histórico Rio Grande - Canguçu - Rio Pardo.....	30

Pai de Hipólito, soldado do Exército Demarcador - 1752-61?...	32
<b>GUERRA DE 1763-1777</b> .....	33

106 gaúchos decidem o destino brasileiro do Rio Grande do



Ataque à guarda do passo do arroio Piquirí, 5 Jan 1774, por Vertiz y



Vertiz propõe evacuação portuguesa das serras dos Tapes e



Expulsão dos espanhóis de São Martinho, 31 Out



O Rio Grande do Sul em



## Capítulo II

### Vida de Hipólito em Portugal e nos EEUU, 1792-1805

<b>VIDA DE HIPÓLITO EM PORTUGAL</b>	69
Estudos fundamentais.....	69
Universitário em Coimbra.....	71
Exame de moral..... de ..... conduta	71
Funcionário público.....	72
<b>MISSÃO NOS ESTADOS UNIDOS</b> .....	74
Hipólito Agrônomo.....	74
Desejo de retornar a Pelotas e dedicar-se a agricultura.....	74
Missão de Hipólito nos EEUU e México.....	75
Objetivo principal.....	75
Objetivos secundários.....	75
O Hipólito..... repórter	76
Desempenho da missão.....	76
Experiências culturais.....	77
Amizades e relações.....	78
<b>RETORNO A PORTUGAL</b> .....	79
Colaborador do plano cultural de D. João.....	79
Guerra de 1801.....	79
Viagem à Inglaterra e à França.....	80

Preso Inquisição.....	pela	80
Missão Inglaterra.....	maçônica na	81
Nasce amizade.....	uma	82

## Capítulo III

### Vida de Hipólito na Inglaterra, 1805-1823

<b>CORREIO BRAZILIENSE.....</b>		87
Brasileiro brasiliense.....	e	89
Homem Hipólito.....	de Mello e	90
A <b>Braziliense.....</b>	idéia do <b>Correio</b>	91
Mensagem Hipólito.....	de	92
Jornal Brasil.....	dirigido ao	93
Proibição Brasil.....	de seu jornal no	94
<b>Correio Braziliense</b> Grande.....	apreendido no Rio	94
Um elogio.....		95
Despedidas <b>Braziliense.....</b>	do <b>Correio</b>	95
Hipólito Independência.....	e a	96
A Hipólito.....	Revolução ideal para	97
Hipólito Educação.....	e a	97
Hipólito Política.....	e a Economia	98
Alguns Hipólito.....	pensamentos de	98
Antevisão Brasília.....		98
Forças Brasil.....	navais do	101
Popularidade..... ....		101

Demagogos "revolucionários".....	e	101
Esclavidão.....		102
....		
<b>VIDA</b> <b>HIPÓLITO</b> .....	<b>PRIVADA</b> <b>DE</b>	104
Esposa Hipólito.....	de	104
Filhas Hipólito.....	de	105
Filho Hipólito.....	de	106
Netos Hipólito.....	de	108
Bisnetos Hipólito.....	de	108
Local viveu.....	onde	109
Morte.....		109
....		
Obstáculos Hipólito.....	na vida de	109
Hipólito e os Objetivos Nacionais Permanentes do Brasil.....	do	111

## Capítulo IV

### Homenagens à Hipólito, 1821-1874

#### (Cronologia das que o autor pode reunir)

Ano do sesquicentenário da Independência, até 11 Set 1973, sesquicentenário de sua morte.....		121
---	--	-----

## In fine

NOTAS TEXTO.....	COMPLEMENTARES	AO	131
FONTES CONVENÇÕES.....	CONSULTADAS	E	133
Dados autor.....		do	141

Dados sobre a Academia de História Militar Terrestre do Brasil	142
Dados sobre o Instituto de História e Tradições do RGS.....	143
O traslado dos restos mortais para o Brasil, em 2001, de Hipólito da Costa – o fundador e patrono da Imprensa Brasileira..... .....	148
Pósfácio..... ....	155

## **Prefácio**

Hipólito José da Costa nasceu no pampa gaúcho da Colônia do Sacramento mas passou 14 anos de sua vida no Brasil, na Província do Rio Grande do Sul, o que inspira o título ora pretendido por Cláudio Moreira Bento, como sendo o Gaúcho fundador da Imprensa Brasileira. Era filho de um furriel granadeiro, na época de seu nascimento dos Dragões de Rio Grande e teve uma infância modesta e uma educação primorosa ministrada por seu tio, o padre Doutor Pedro Pereira Fernandes de Mesquita, Pároco de São Pedro em Rio Grande. Aos 18 anos transferiu-se para Coimbra, onde bacharelou-se em Direito e Filosofia e nunca mais retornou para realizar seu sonho de agricultor em suas terras em Pelotas e Capão do Leão atuais.

Ao longo de sua curta vida, foi jornalista, diplomata, escritor, historiador, poliglota, pianista, poeta, dramaturgo, maçom e médico prático. Especializou-se

em economia política e direito constitucional mas seu conhecimento ia muito além da sua formação, abrangendo áreas da metalurgia, física, química, mineralogia, zoologia, botânica e agricultura.

Além de Portugal, residiu no México, Estados Unidos e Inglaterra, onde pôs em prática todo seu conhecimento enciclopédico e a sua experiência cultural para a consolidação e reconhecimento da independência do Brasil no exterior. Funda em 1808, o jornal **Correio Braziliense** ou **Armazém Literário**, que foi editado até o final de 1822. Este periódico publicava matérias sobre vários assuntos, entre eles política, comércio, artes, literatura, ciências, miscelânea e reflexões sobre assuntos em evidência no Brasil, preparando sua pátria e seus cidadãos para uma melhor compreensão do mundo.

Hipólito da Costa tinha por objetivo com este jornal, contribuir para a divulgação da nação brasileira, da sua civilidade social, política e econômica entre as grandes nações do mundo. Considerava que se o seu jornal fosse livre e soberano, poderia contribuir mais abundantemente para a educação e desenvolvimento do país. Entretanto, liberdade de imprensa não existia no Brasil e quando o jornal não era conveniente ao governo Português, este era proibido no Brasil.

Com a proclamação da independência do Brasil em 1822, Hipólito deixa de editar o Correio Braziliense pois seu objetivo de esclarecer seus compatriotas tinha sido cumprido e existia então liberdade de imprensa no Brasil. Durante os treze anos em que foi editado, o Correio Braziliense abordou inúmeros assuntos da qual destacaria como um dos mais interessantes, que foi a necessidade de interiorização da capital central do país e neste artigo faz um elaborado estudo de locais, com suas vantagens e desvantagens, para ser construída a nova capital. Este assunto, entre vários outros, nos dá uma clara dimensão do homem adiante do seu tempo e da

excepcional visão estratégica para o desenvolvimento do seu país e da consolidação da nossa soberania.

A curta vida de Hipólito da Costa não pode ser resumida pelo seu papel como fundador da imprensa nacional, mas sem dúvida este título lhe é apropriado. O resgate desta personalidade e da sua importância para um Brasil, que ensaiava seus primeiros passos como nação, foi mais uma vez obra do nosso Dom Quixote das histórias perdidas e das personalidades esquecidas, o historiador militar Cláudio Moreira Bento, gaúcho, natural de Canguçu-RS, também presidente e fundador da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS).

A história do gaúcho fundador da imprensa brasileira foi apresentada pelo Cel Bento em Concurso Nacional promovido pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul e pela Associação Riograndense de Imprensa (ARI), no qual foi premiada em 1972. Após 32 anos da premiação do trabalho e nos 240 anos do nascimento de Hipólito da Costa, o Cel Bento nos disponibiliza mais uma importante contribuição para o conhecimento e a divulgação desta magnânima e soberba personalidade, tão importante para a difusão do Brasil no exterior e para o esclarecimento do nosso papel como cidadãos brasileiros no início do século XIX.

Prof. Flávio A. De Oliveira Camargo  
Acadêmico da AHIMTB  
Cadeira Nº 11 - Gen Emílio Fernandes Souza Docca  
Porto Alegre, RS, janeiro de 2005

# Apresentação

Em 1792, partiu de Pelotas atual no Rio Grande do Sul, com destino à Universidade de Coimbra, com 18 anos de idade, o jovem gaúcho Hipólito José da Costa Pereira Furtado, após realizar estudos preparatórios na Vila de Rio Grande e estância de Santana, e mais tarde mudada para Santa Tecla, próxima de Pelotas, em Capão do Leão atual, e sob a direção de seu tio materno, padrinho e amigo, **o padre doutor** em cânones, Pedro Pereira Fernandez de Mesquita, pároco da paróquia de Rio Grande de 1783 a 1793.

Hipólito atravessou o Oceano Atlântico em busca de conhecimentos para retornar ao Brasil e dedicar-se à agricultura, em bases científicas, nas terras do pai e do tio, nos atuais municípios de "Pelotas e Canguçu". (1)

Tornou-se bacharel em Leis e Filosofia em Coimbra. Foi funcionário diplomático português nos Estados Unidos e um dos diretores da Imprensa Régia de Portugal.

Acusado pelo crime de ser maçom, que não figurava nas leis de Portugal, esteve três longos anos prisioneiro da Inquisição naquele país, de onde conseguiu evadir-se e asilar-se na Inglaterra, sem poder retornar à sua pátria.

Quis o destino, que ele prestasse, à distância, à sua terra e a seus compatriotas, como editor e redator do **Correio Braziliense**, em Londres, de 1808-1822, **"uma soma de serviços jamais prestada ao Brasil, por nenhum homem de imprensa, com maior constância, por mais tempo e em condições menos favoráveis"**. (2)

Por sua valente, pioneira, intensa e brilhante atuação para o engrandecimento do Brasil e valorização integral de seus patrícios, foi considerado pela imprensa brasileira, seu fundador, seu **"patrono, o modelo, a inspiração"** (3) e, pelo autor, como educador, no sentido antológico do termo, das elites brasileiras que assumiram o poder após a Independência.

O gaúcho Hipólito contribuiu decisivamente, direta e indiretamente, durante mais de 14 anos, através de eficaz ação maçônica e jornalística, para a conquista da aspiração maior dos brasileiros – **a Independência**.

O bravo jornalista gaúcho viveu para ver concretizado, parte de seu maior sonho – uma pátria livre, com uma imprensa livre e responsável, comprometida exclusivamente com a promoção do **Bem Comum** brasileiro, do qual ele foi um dos maiores apóstolos.

Morreu em 11 de setembro de 1823, em Londres, sem realizar a outra parte de seu sonho, retornar ao Brasil e morar no local que mais "o

**agradava, o Rio Grande do Sul”** e, na estância de Santana, no atual município de Capão do Leão, para descansar, **“após 20 anos de extermínios em terras estranhas”**, por um Brasil mais justo e perfeito.

Ao conhecer seu desejo não realizado, senti-me imensamente comovido. Tratava-se de um grande gaúcho que fora menino e jovem no mesmo ambiente que o autor o foi.

Daí, a sugestão por mim feita ao governo e povo brasileiros, através, inicialmente, da Coluna Querência, **Diário Popular** de Pelotas, em 30 Jan, e de 13 a 20 Fev 1972, no sentido de que seus restos mortais fossem trasladados **“de terras estranhas”**, para a sua declarada e amada **querência**, a atual cidade de Capão do Leão, próxima de Pelotas, onde repousam os restos mortais de seu pai, irmão padre Felício e, possivelmente, e de sua mãe. E, ainda, Rio Grande, onde repousam, na igreja São Pedro, os restos de seu tio, o padre doutor. (4)

A campanha repercutiu no Brasil e principalmente no Rio Grande do Sul onde foi criada Comissão para homenagear o grande filho daquelas heróicas terras. Ou seja, satisfazer seu desejo. Fazê-lo repousar eternamente no solo brasileiro e generoso do Rio Grande, trasladando em 1972, seus restos mortais para seu rincão amado.

É a vida e obra desse grande patriota brasileiro que pretendemos apresentar neste trabalho, em continuidade às obras de brilhantes historiadores e pesquisadores que nos antecederam: Barão Homem de Mello, Alcebíades Furtado, Carlos Rizzini e o diplomata Gastão Nothman, entre outros, até 1972.

Merecerá um esforço de minha parte, a reconstituição do ambiente do Rio Grande do Sul, de 1777-1792, em que Hipólito viveu, e outros, mais além, relacionados com seus interesses imobiliários ou, com a proibição de seu jornal, na então Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul.

Aqui acreditamos revelar aspectos inéditos de sua vida no Rio Grande do Sul e da própria história de nosso estado. Tudo fruto de interpretações resultantes de profunda pesquisa e análise, do ponto de vista histórico-militar, e de importantes e pouco exploradas fontes primárias sul-riograndenses.

Tratando-se da vida do patrono da Imprensa do Brasil, procuraremos abordá-los através de uma reportagem ilustrada, usando o poder de comunicação, da imagem e da linguagem simples, direta e acessível ao grande público leitor, sem perda de seu cunho histórico-científico, ou seja, fornecer ao pesquisador, referências comprobatórias da pesquisa e indicações básicas para trabalhos mais alentados, sobre a vida e obra de Hipólito ou de aspectos específicos das mesmas.

O autor pretende seguir a mesma linha do grande jornalista em seu jornal, assim vista pelo seu primeiro biógrafo, o barão Homem de Mello. (5)

“Em estilo despretenso e simples, compreensível por todos os leitores, Hipólito expunha seu intuito patriótico que movia sua ação, para a

qual, o seu amor à terra natal, era sempre a luz perene que lhe guiava os passos”.

Acreditamos na Era da Comunicação Social.

Em nosso trabalho objetivamos difundir, mais e mais, a vida e obra de Hipólito a um círculo mais amplo do público. Procuraremos evitar sermos enquadrados neste pensamento.

“Não existem ciências ocultas e, sim, cientistas que ocultam a ciência”.

Não quero pois, esconder Hipólito num texto histórico-científico, pesado, cansativo, carregado de notas de pé de página, transcrições, parênteses e quebra da exposição, etc., acessível a um público muito restrito.

Muito do objetivo por mim pretendido de levar ao conhecimento do grande público a vida do grande jornalista e patriota brasileiro, dependerá do trabalho conjugado de seus discípulos do setor das artes gráficas e da imprensa escrita, falada e televisada.

Sem este concurso, o historiador reconhece que o objetivo não será alcançado.

Cláudio Moreira Bento

Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB)  
do Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS)  
e das academias Canguçuense e Piratiniense (ACANDHIS) e (ACAPIR)





## Explicação Necessária

O presente trabalho, **Um gaúcho, o fundador da Imprensa Brasileira**, em 3 vias, concorreu e foi premiado em 2º lugar em Concurso Nacional promovido, em 1972, no sesquicentenário da Independência, pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul e Associação Riograndense de Imprensa (ARI).

Os prêmios foram entregues solenemente em sessão da referida Assembléia, ocasião em que deixou o seu lugar, e num gesto nobre veio cumprimentar-me o ilustre deputado negro Carlos Santos, que prefaciaria mais tarde um trabalho nosso premiado em 1º lugar em Concurso Nacional, em 1975, pelo Governo do Estado, no Biênio da Imigração e Colonização do RGS. Trabalho que intitulamos **O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul** e para o qual fomos motivados pelo gesto gentil daquele ilustre parlamentar do qual nos tornamos amigos, além de seu grande admirador.

Das três cópias que enviara a ARI, uma ficou como o distintíssimo jornalista Alberto André, presidente desta Associação.

O segundo, entreguei-o à Biblioteca do Exército para possível publicação, mas em seu lugar, com o tema Hipólito da Costa, foi publicado o da ilustre escritora Terezinha de Castro, por empenhos do dinâmico diretor da Biblioteca do Exército, o Cel Aldílio Sarmento Xavier.

O terceiro exemplar, entregamos à Biblioteca do Colégio N. S. Aparecida de Canguçu, onde estudamos de 1938 a 1944 e que coleciona, desde 1971, exemplares de nossa bibliografia, como seu ex-aluno, e por iniciativa de nossa querida mestra Irmã Firmina Simon, ao lá estudarmos, fundadora, anos mais tarde, da citada biblioteca.

E lá ele permaneceu por 32 anos e foi de onde o resgatamos, objetivando publicá-lo para conhecimento dos jornalistas brasileiros, em especial, dos quais ele é o patrono, para realizarem em 2004, nos 240 anos de seu nascimento, auto críticas pessoais e da Mídia em geral e, em especial da jornalística do Brasil, para saberem se mantém o rumo profissional, moral e cívico do patrono, ligado ao desenvolvimento do Brasil. E assim, se for o caso, redirecionarem os seus esforços e reverem conceitos.

De nossa parte como dirigente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), homenageamos o jornalista Hipólito da Costa, o patrono da Imprensa Brasileira por suas ligações, sem preconceitos, silêncios e deformações, com a Família Militar. Pois Hipólito nasceu em Colônia do Sacramento, filho de um furriel granadeiro da praça de Colônia, Félix da Costa Pereira Furtado, natural de Saquarema-RJ, e mais tarde comandante de uma

Companhia de Ordenanças, a primeira força militar organizada em Pelotas em 1784 e sobrinho do padre Doutor Pedro Pereira Fernandes Mesquita, que foi o capelão militar da praça de Colônia. E, ao esta ser tomada e arrasada em 1777 pelos espanhóis, foi levado preso para Buenos Aires, levando, acredito, sua irmã e o filho desta, Hipólito da Costa, com 3 anos. Local onde permaneceram prisioneiros por mais de um ano e onde o citado capelão militar, formado na Universidade de Coimbra, escreveu a sua preciosa **Relação da conquista de Colônia do Sacramento**, reproduzida por meu mestre e amigo o historiador lassalista Irmão Jacob Parmagnani em seu precioso livro **O Padre Doutor Pedro Fernandes de Mesquita**, o mestre de Hipólito da Costa, até deixar em definitivo o Rio Grande do Sul atual, aos 18 anos, para cursar a Universidade de Coimbra.

Os dois filhos de Hipólito foram militares. O que foi fruto de uma ligação que manteve antes de casar o Félix, nome em homenagem a seu pai, ele o encaminhou a Marinha no Brasil onde se destacou por seu heroísmo ao lado do jovem e mais tarde futuro Marques de Tamandaré. O outro, o único varão de seu casamento, foi oficial do Real Corpo de Engenheiros do Exército Inglês e foi assassinado por bandidos numa praia de Hong Kong, quando destacado na Ásia.

E o que dizer de sua filha Ann Shirley? Ela casou com o tenente de Engenharia do Exército Inglês Whitworth Porter. O seu filho Reginald também foi oficial de Engenheiros do Exército Inglês, tendo perecido em acidente na ilha de Malta. Mas não parou a ligação de Hipólito com a Família Militar, pois suas duas bisnetas casaram como os oficiais do Exército Inglês Arthur Sidney Bates e Jolin Oliver Bellassis. De seu filho Félix, que veio para o Brasil, entre seus descendentes, um tataraneto foi Brigadeiro da nossa FAB e o seu irmão, o historiador Cel Av Fernando Hypolito da Costa, reside com descendentes em Natal-RN é também o genalogista deste seu ramo familiar.

Assim, o patrono da Imprensa Brasileira não possuía preconceitos com a família militar, seguramente por entender a relevância desta função social em todos os países do universo.

E na cerimônia de deposição de seus restos mortais em seu monumento no Museu da Imprensa Nacional, eles chegaram ao local em uma urna transportada por 4 cadetes da Polícia Militar do Distrito Federal e ao som do Hino da Independência, executada pela banda sinfônica da referida polícia militar, lembrando que sabe, a presença espiritual no ato do pai de Hipólito que comandou em 1884 a primeira força militar que existiu em Pelotas atual, quando no início do seu povoamento, depois de expulsos os espanhóis da Vila de Rio Grande em 1º de abril de 1776 de onde controlaram por cerca de 13 anos a região de Pelotas atual. E as Ordenanças possuíam então funções semelhantes as das atuais polícias militares.

A propósito, a respeito de preconceitos relato a queixa de um intelectual riograndense e historiador promissor que isolado pela Mídia

Gaúcha assim se manifestou:

“No nosso estado, está sendo implantada e cultuada uma tradição na Mídia de retribuir com fama àqueles que atacam a cultura gaúcha. Há o caso de publicistas no Rio Grande que devem o seu prestígio, não à qualidade de suas pesquisas, mas apenas ao fato de incluírem em seus textos opiniões maniqueístas sobre nossos costumes, história, tradições, culinárias, música e festas regionais e vai por aí.

A atração é irresistível, pois imediatamente para eles se abrem os jornais e a mídia como um todo aqui no Estado. E imediatamente o intelectual entra para o Hall da fama fácil, sem que a Mídia assegure o direito e o apoio ao contraditório”. É opinião a ser confirmada ou negada!

Como Hipólito de Costa veria hoje estas estratégias alternadas de Silêncio e Deformação de nossa cultura em geral, com apoio de certa Mídia? De passagem pelo Rio Grande do Sul assisti no programa **Guerrilheiros da Notícia** uma bela exposição de um intelectual tradicionalista informando a pujança das manifestações da cultura gaúcha, mas silenciada pela Mídia, contrariando a realidade por ele exemplificada.

Ao visitarmos o Memorial do Rio Grande do Sul, instalado na antiga sede central dos Correios em Porto Alegre, não consegui, como historiador gaúcho, me identificar com a História do Rio Grande do Sul lá abordada, por não se apresentar em acordo com a interpretação consagrada de historiadores gaúchos e sim ao saber de interpretações de não historiadores, sem que se deduza os fundamentos de crítica e critérios para as referidas interpretações, as quais, em realidade, parecem manipular politicamente as mentes dos visitantes. É uma pena!

A presente edição consta de vários complementos precedidos da palavra **Nota**, atualizando com apoio em obras surgidas depois de 1972, a maioria de nossa lavra, aspectos tendentes a melhor esclarecer a nossa abordagem realizada em 1972.

Assim, foram omitidas várias ilustrações indicando obras escritas depois de 1972, onde elas figuram publicadas e, em especial, na obra de nossa autoria **História da 3ª Região Militar, 1808 - 1953 e antecedentes**. Porto Alegre: SENAI/ 3ª RM, 1994, ponto de partida do Programa História do Exército na Região Sul, em curso, sob nossa responsabilidade, já com 9 volumes editados.

Por empenhos do Itamarati e do jornal **Correio Brasileiro**, os restos de Hipólito da Costa, cujo traslado para o Brasil havíamos sugerido em 1972, conforme abordaremos no texto deste livro, foi em 2003 trasladado para o Brasil, e dentro de uma urna foram colocados em jardim defronte ao **Correio Brasileiro**, em cerimônia que contou com a presença do vice-presidente da República Dr. Marco Maciel. Este ato nos foi relatado pelo citado historiador Coronel Aviador Fernando Hypólito da Costa, que foi convidado para o ato, como tetraneto de Hipólito da Costa e descendente do filho deste, Félix Hipólito da Costa, que ele mandara para o Brasil para servir em nossa Marinha de Guerra, e que deixou descendência em Minas Gerais, para onde

se recolhera ao deixar o serviço na nossa Marinha de Guerra, conforme o citado Coronel Fernando Hypólito da Costa levantou e foi publicado no último volume da edição fac similar do **Correio Braziliense**, 1808/1822, que fora editado em Londres e agora publicado e lançado pela Imprensa do Estado de São Paulo e a UNB-Brasília em 2002, numa coleção de 3 volumes, numa tiragem de 3.500 exemplares. Código 12.0.812.586.

E notícias da edição fac similar do **Correio Braziliense** e da cerimônia de colocação de Hipólito em seu monumento, as reproduzimos no subtítulo acrescido ao livro ao final e intitulado - O traslado dos restos mortais de Hipólito da Costa para o Brasil, o fundador e patrono da Imprensa Brasileira. E isto com apoio no **Correio Braziliense** de 16 de junho e 5 de julho de 2001.

Vale recordar que em 21 de abril de 1972, no início das comemorações do Sesquicentenário da Independência, quando integrávamos a Comissão de História do Exército, do Estado-Maior do Exército, fomos convidados pelo editor do **Correio Braziliense**, Ari Cunha, para nos encarregarmos da edição histórica do jornal, quando então assinamos as seguintes matérias: O patrono da Imprensa do Brasil e a Independência, Os Dragões da Independência de Brasília, O Exército na consolidação de Brasília (que publicou em meia página a primeira foto do atual Quartel General do Exército) e mais um artigo O adeus às armas de um herói da FEB, referência ao Ten Cel Nestor Silva. E, de 16 Out 1971 a Jan de 1976 publicamos no **Correio Braziliense** 30 artigos sobre História Militar do Brasil, todos amplamente ilustrados. Esta explicação necessária complementa e atualiza o assunto abordado em nosso trabalho a seguir.

**Cláudio Moreira Bento**

Presidente da AHIMTB e do IHTRGS e da ACANDHIS e ACAPIR  
Itatiaia-RJ, 15 Dez 2004

# **Capítulo I**

## **VIDA DE HIPÓLITO NO BRASIL**

**NASCIMENTO EM COLÔNIA DO SACRAMENTO  
UM POUCO DE HISTÓRIA  
GUERRA DE 1763-1777**

## **NASCIMENTO EM COLÔNIA DO SACRAMENTO**

### **Português de Nascimento**

Hipólito da Costa nasceu em 25 de março de 1774, em Colônia do Sacramento, atual Uruguai, quase ao final da guerra de 1763-77, que selou o destino brasileiro do Rio Grande do Sul.

Colônia nesta época estava em poder dos portugueses e sitiada pelos espanhóis.

### **Filiação**

Foram seus pais o furriel (6) Félix da Costa Pereira Furtado, granadeiro do Regimento da praça de Colônia e D. Ana Josefa Pereira.

Seu pai era natural de Saquarema, no Estado do Rio de Janeiro. Sua mãe, natural de Colônia do Sacramento, filha mais moça de um casal português radicado há mais de meio século naquela praça e natural da Freguesia de Alfândega da Fé, arcebispado de Braga – Portugal.

Hipólito foi o primogênito de uma família de três filhos. Seu pai, na ocasião de seu nascimento, tinha cerca de 40 anos e sua mãe 33 anos.

### **Situação militar do Rio Grande do Sul em março 1774**

No dia em que Hipólito nasceu, marchava entre Rio Grande e Montevideú, amargando o peso de uma derrota, o Exército Espanhol, composto de 1.014 homens ao comando do mexicano D. Vertiz y Salcedo, governador de Buenos Aires.

Fora derrotado por uma centena de guerrilheiros gaúchos com suas bases na **Encruzilhada do Duro** (Coxilha do Fogo-Canguçú) e **Guarda da Encruzilhada** (atual Encruzilhada do Sul).

A primeira, ao sul do rio Camacuã. Era comandada pelo capitão Rafael Pinto Bandeira. Tinha por missão principal cobrir o Forte do Rio Pardo de um ataque espanhol partido da vila de Rio Grande. Esta, em poder dos espanhóis há 11 anos.

Mais adiante abordaremos com maiores detalhes este episódio, por sua grande influência no destino brasileiro do Rio Grande do Sul.

Por ocasião do nascimento de Hipólito, começaram a chegar em Santa Catarina, reforços militares enviados pelo Marquês de Pombal, destinados à Porto Alegre, Rio Pardo e São José do Norte.

Essas tropas foram recrutadas em Portugal, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Colônia do Sacramento.

Vieram com a missão de reconquistar o Rio Grande do Sul e impedir que forte exército, em preparo na Espanha, expulsasse os portugueses do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Colônia do Sacramento.

Estavam em poder dos espanhóis a vila do Rio Grande e grande parte das terras adjacentes aos fortes por ele construídos em 1774, Santa Tecla, em Bagé e São Martinho, em Santa Maria.

### **O pai de Hipólito, furriel dos Dragões do Rio Pardo**

Nesta ocasião, integrando as tropas do Coronel Roncali, deve ter chegado a Porto Alegre, como furriel granadeiro, o pai de Hipólito da Costa. Ele, presumivelmente, não assistiu o nascimento do filho.

Em 17 de outubro de 1775, foi criada, em Rio Pardo, a companhia de Granadeiros (artilharia leve), do Regimento de Dragões, atendendo sugestão do capitão guerrilheiro Rafael Pinto Bandeira. Este, era encarregado de atacar os fortes espanhóis de Santa Tecla e São Martinho à frente de

estancieiros e aventureiros gaúchos. Mas seria tarefa difícil o apoio de artilharia leve.

Foi designado para integrá-la, como furriel granadeiro, por possuir experiência com artilharia, o pai de Hipólito.

A companhia foi composta de 68 homens, 2 tenentes, 2 alferes, 2 furriéis (sargentos), 4 cabos e 58 soldados. Foi dotada com 250 cavalos e equipada com armamento enviado de Porto Alegre.

Esta tropa era obrigada a usar bigodes.

Era uma tropa de elite, com homens práticos em operar na campanha gaúcha.

Para o pai de Hipólito ser aproveitado no posto de furriel, com cerca de 40 anos de idade, e na especialidade de granadeiro de uma tropa de elite, se deduz tratar-se de um militar profissional há muitos anos e especialista no trato de canhões e granadas.

Ao deixar o serviço ativo, em 1782, com cerca de 48 anos de idade e 30 de serviço, já era oficial há 7 anos, no posto de alferes (equivalente a 2º tenente). Em 1784 era Capitão de Ordenanças na Região de Pelotas, conforme abordamos, sob o título Uma companhia de Ordenanças em Pelotas (desde 1774?), na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 344, Jul/Set 1983, corrigindo um erro sempre repetido na História de Pelotas, pois em 1774 aquela região era dominada pelos espanhóis.

## **UM POUCO DE HISTÓRIA**

Para nos situarmos no ambiente em que Hipólito veio ao mundo em Colônia do Sacramento e no que viveu no Rio Grande do Sul, de 1777 até cerca de 1792, ou seja, dos 4 aos 18 anos de idade, recuemos ao ano de 1680.

### **Fundação da Colônia do Sacramento, 1680**

Neste ano, Portugal fundou a Colônia do Sacramento, defronte a Buenos Aires. Em torno de sua posse definitiva, os espanhóis e portugueses lutaram durante 97 anos. O ponto de apoio mais próximo de Colônia era o Rio de Janeiro.

Para aproximar este apoio foi fundada, por paulistas, São Vicente e, em 1688, Laguna, em Santa Catarina.

A partir de 1703 foi estabelecida uma ligação por terra entre Colônia e Laguna.

### **Primeiros tropeiros**

Este caminho, mais tarde, serviria para drenar, das campanhas do Uruguai para Laguna, grandes manadas de gado cavalariço e vacum, selvagem ou chimarrão, que proliferava nas campanhas uruguaias.

Mais tarde, caminhos e picadas foram abertas nas encostas da Serra do Mar para conduzir estas riquezas diretamente à São Paulo e Rio de Janeiro, passando por Sorocaba.

Até 1737, tropeiros lagunenses e paulistas transitaram pelo litoral do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, com destino a São Paulo, através da Serra Geral.

Alguns estancieiros fundaram suas estâncias nos atuais municípios de Viamão, Porto Alegre, Gravataí, Santo Antônio da Patrulha, Sapucaia, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Osório.

### **Início do povoamento do Rio Grande do Sul, 1737**

**Fundação oficial do Rio Grande do Sul pelo Brigadeiro de Infantaria José da Silva Pais, 38 anos antes do nascimento de Hipólito da Costa em Colônia do Sacramento, no atual Uruguai, então domínio de Portugal. De Colônia, Hipólito partiu, definitivamente, para a reconquistada vila de Rio Grande. Fonte: Bento, História da 3ª RM, v.1, p.81**

### **Guerra Guaranítica, 1754 - 56**

Em 1750, Espanha e Portugal celebraram o tratado de Madri.

Por ele, Portugal receberia os Sete Povos das Missões e se obrigaria a entregar a Colônia do Sacramento à Espanha.

Para dar cumprimento ao tratado foi organizado o Exército Demarcador Português, ao comando do general Gomes Freire de Andrade, Governador de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

Ele deveria demarcar o tratado juntamente com o Exército Demarcador de Espanha.

Ao darem início à demarcação no Rio Grande do Sul encontraram resistência dos índios missioneiros em Santa Tecla, em Rio Pardo e no passo do São Lourenço, no Rio Jacuí. Capitaneava a reação militar o índio Sepé Tiarajú.

**Aqui teve início o Rio Grande do Sul brasileiro, nesta fortaleza de Santa Ana do Estreito, no Rio Grande de São Pedro do Sul. Foi mandada construir pelo Brigadeiro Joé da Silva Pais em fevereiro de 1737. Era previsto ser guarnecida por 43 peças de diversos calibres e defendida, à distância, pelas guardas estabelecidas no arroio Chuí, no Forte São Miguel e nos arroios Bolacha, atual, e Arroio. Deste ponto forte se irradiou a conquista e povoamento português do Rio Grande do Sul. Ela se apoiava no leito de dois pequenos arroios e foi construída com madeiras da ilha do Marinheiro. Fonte: Carta pirogravada em couro de 31 x 44 cm existente no Centro de Documentação do Exército. Ela possui a idade do Rio Grande do Sul português. Foi construído junto ao canal o Forte Jesus Maria José, como quartel, cuja planta, que reconstituímos em maquete, foi publicada a cores na Revista Militar Brasileira, v. 101, Jan/Jun 1973, junto com outros fortes. Gravura reproduzida em tamanho grande em maquete que encontramos em visita ao Museu de Rio Grande.**

Os exércitos de Espanha e Portugal decidiram marchar pelo sul, para atingir as missões.

O de Portugal partiu do Forte São Gonçalo, na margem direita do Rio Piratini, próximo à foz do São Gonçalo.

O de Espanha partiu de Montevideú. Encontraram-se nas cabeceiras do rio Negro, em Bagé atual.

Marcharam unidos na direção das missões.

Em Caiboaté, próximo a São Gabriel, o Exército Missioneiro se opôs ao avanço dos exércitos de Portugal e Espanha.

Travou-se, em 10 de fevereiro de 1755, a Batalha de Caiboaté, na qual foram mortos quase todos os índios. Morrera três dias antes, junto a Sanga do Bica, em São Gabriel atual, o general índio Sepé Tiarajú, o mais determinado e bravo combatente missioneiro.

Os exércitos prosseguem. Os índios resistem como podem, queimando campos e emboscando patrulhas portuguesas e espanholas.

Ofereceram a última resistência no Combate do rio Churieby (atual arroio Chuí) em 10 Maio 1756, próximo a São Miguel.

Poucos dias após, os portugueses e espanhóis entraram em São Miguel, capital dos Sete Povos, e submeteram os índios à obediência.

### **Fortificações no Rio Grande do Sul, 1761**

Nesta campanha, conhecida como Guerra Guaranítica, 1754-56, os portugueses estabeleceram no Rio Grande do Sul as seguintes fortificações:

- Forte de Santo Amaro, em Santo Amaro.
- Forte Jesus Maria José do Rio Pardo.
- Fortim do Passo São Lourenço no rio Jacuí (margem direita).
- Forte de São Gonçalo, no rio Piratini (margem direita, próximo à foz do canal São Gonçalo, que recebeu este nome por causa do forte).

**Alegoria da morte de Sepé Tiarajú na noite de 7 Fev 1756 na cidade de São Gabriel atual, lanceado pelas costas por um peão português e logo em seguida atingido por um tiro de pistola pelo governador de Montevidéu. (Fonte: Ptolomeu Assis Brasil. A Batalha de Caiboaté. Porto Alegre, Liv. Globo,1935). Estudo de Cilka Silva, com nossa orientação.**

### **Caminho histórico Rio Grande – Canguçu – Rio Pardo**

Para ligar por terra as bases militares portuguesas; de Rio Grande, São Gonçalo e Rio Pardo, foi aberto um caminho.

Este é balizado hoje pelos seguintes locais: Rio Grande – Povo Novo – Passo do Liscano no São Gonçalo – Pedro Osório – Vila Freire – Morro Redondo – Canguçu – Coxilha do Fogo – Vão dos Prestes no rio Camacua – Encruzilhada do Sul – Pântano Grande e Rio Pardo.

Ao longo do mesmo, por irradiação de Rio Grande ou Rio Pardo, foram se estabelecendo estâncias, a partir de 1756.

Em 1763, presumivelmente, estabeleceu sua estância no rincão dos Cravos, (corruptela de escravos) em Canguçu, Luiz

Marques de Souza, irmão mais velho do mais tarde Marechal Manoel Marques de Souza I.

**Combate de Churieby de 10 Mai 1756, onde os índios missioneiros, orientados pelos jesuítas, ofereceram a última resistência aos exércitos demarcadores de Portugal e Espanha, apoiados em 5 trincheiras e 5 peças (canhões) de taquaruçu retodavas de couro. O local seria um passo do arroio Chuni, a 15 km de São Miguel. A gravura é cópia de desenho da época, executado pelo Cel Miguel Angelo Blasco, Quartel Mestre General do Exército Demarcador  
Fonte: Arquivos da antiga Comissão de História do Exército.**

As ruínas desta estância ainda existem. Foram por mim localizadas em 1972. (7) Ela desempenharia importante papel na guerra de 1763-77, como base de guerrilha de Rafael Pinto Bandeira, contra os espanhóis, que dominavam a vila de Rio Grande.

**Pai de Hipólito, soldado do Exército Demarcador  
(1752-61?)**

É de presumir-se que o pai de Hipólito da Costa tenha integrado o Exército Demarcador Português que andou no Rio Grande do Sul e Colônia do Sacramento, de 1752-61. Ao final dessa campanha ele deve ter sido destacado em Colônia, com cerca de 27 anos.

Este Exército foi formado por tropas de Santos e Rio Grande do Sul e com três companhias de granadeiros dos três regimentos do Rio de Janeiro, de onde o pai de Hipólito era natural.

## **GUERRA 1763-1777**

Em 1761, o tratado revogatório de El Pardo anulou o Tratado de Madrid. Os espanhóis decidiram expulsar os portugueses do Rio Grande do Sul, Colônia e Santa Catarina.

O Rio Grande do Sul estava despreparado militarmente. Sua defesa se baseava fundamentalmente no Regimento de Dragões em Rio Pardo, criado em 1754.

Os portugueses fundaram o Forte de Santa Tereza, no atual Uruguai, em 1762.

Em 1º de outubro de 1762, a Espanha desferiu forte ataque à Colônia do Sacramento. A praça capitulou após um mês de cerco e de lutas.

À guarnição militar foi dado o direito de retirar-se para o Rio Grande e Rio de Janeiro. A família de Hipólito, por parte de mãe, permaneceu no local e assistiu a luta. Sua mãe possuía 21 anos nesta ocasião.

Prosseguindo no seu propósito, a Espanha atacou o Forte de Santa Tereza em abril de 1763. Este se rendeu sem oferecer resistência. Era comandado pelo coronel Tomaz Luiz Osório, proprietário dos terrenos onde Hipólito viveria 20 anos após, na região da atual cidade de Pelotas.

Em 12 de maio, seu poderoso exército de 3.000 homens entrava na vila de Rio Grande, ao comando do general D. Pedro Ceballos, governador de Buenos Aires.

Prosseguindo em seu avanço firmou pé em São José do Norte.

Neste ano foi firmado o Tratado de Paris entre Espanha e Portugal. A Espanha devolveu a Colônia do Sacramento.

No Rio Grande, os limites entre os espanhóis e portugueses eram em São José do Norte.

Toda a barra do Rio Grande ficou dominada pelos espanhóis. Os portugueses se retiraram para Viamão. Pouco após, Porto dos Casais, atual Porto Alegre, seria a capital do Rio Grande do Sul.

### **Reação portuguesa**

Ficaram em mãos dos portugueses os fortes do Rio Pardo e Santo Amaro.

As serras dos Tapes e do Herval foram ocupadas por guerrilhas portuguesas.

Entre o canal São Gonçalo e o rio Camacã, se localizaram as bases de guerrilhas de Rafael Pinto Bandeira, nos seguintes locais do atual município de Canguçu:

- Estância de Luiz Marques de Souza, próximo a Vila Freire junto ao passo do Acampamento.

- Encruzilhada do Duro, atual Coxilha do Fogo. (8)

Entre os rios Camaquã e Jacuí se localizaram as bases de guerrilhas comandadas inicialmente pelo capitão Francisco Pinto Bandeira. (9)

A base central era a guarda de Encruzilhada, atual Encruzilhada do Sul.

As bases de Rafael em Canguçu tinham por missão:

Cobrir, à distância, a base do Rio Pardo de um ataque espanhol partido do Rio Grande.

Penetrar fundo no território espanhol para arrear gados e colher informações militares.

Distrair efetivos espanhóis da vila de Rio Grande para a linha do canal São Gonçalo.

Essas guerrilhas tiveram papel decisivo na definição de um Rio Grande do Sul brasileiro, conforme demonstrarei mais adiante. Eram compostas de aventureiros e dos primeiros estancieiros que se estabeleceram nas serras dos Tapes e do Herval, enquadrados por oficiais dos Dragões em Rio Pardo. O próprio Rafael Pinto Bandeira era tenente dos Dragões.

Os portugueses pouco a pouco começaram a reagir e se preparar para a ofensiva.

Construíram, em Estreito, o Forte São Caetano e, em Taquari, o forte Tebicuary, cobrindo a direção estratégica Rio Pardo – Taquari – Porto Alegre.

Em 28 de maio de 1767, fracassou um ataque português visando reconquistar Rio Grande. Comandou a ação o intrépido coronel Marcelino de Figueiredo.

Em 6 de junho de 1767, este bravo coronel expulsou os espanhóis de São José do Norte.

E durante 6 anos estas posições ficaram estabilizadas.

No fim deste período nasceria, em Colônia, Hipólito José da Costa.

Seu nascimento coincidiu com a 2ª invasão espanhola do Rio Grande do Sul.

### **Invasão do Rio Grande do Sul, 1773-74**

Desde 1769 os portugueses fortaleceram o território em suas mãos no Rio Grande do Sul. Por irradiação de Rio Pardo, ao longo do caminho, atualmente balizado por Rio Pardo – Encruzilhada do Sul – Vao dos Prestes – Coxilha do Fogo – Canguçu – Morro Redondo – Vila Freire – Pedro Osório – Capão do Leão e Pelotas, infiltraram-se estancieiros, açorianos e aventureiros que tinham sido expulsos, em 1763, da faixa entre o forte Santa Tereza e Rio Grande.

Os espanhóis consideravam este povoamento das serras dos Tapes e do Herval como infiltração irregular. Preocupava-os as bases de guerrilhas portuguesas na Encruzilhada do Duro e na guarda de Encruzilhada, respectivamente ao sul e ao norte do Camacuã.

Elas incursionavam profundamente no território espanhol para arrear gado, destruir estabelecimentos espanhóis e colher informações militares.

Já, em 1767, o governador espanhol da vila de Rio Grande, D. José Molina, reclamou em carta de 21 de janeiro ao governador Marcelino de Figueiredo, a ocupação da Serra dos Tapes por tropas de Rio Pardo, acampadas na região da "Estância de L. Marques". (10)

Esta estância era a de Luiz Marques de Souza já referida anteriormente. Suas ruínas ainda existem no município de Canguçu. O local onde as tropas estacionavam conserva até hoje o nome de Passo do Acampamento, junto ao rio Piratini. Quem comandava estas tropas era Rafael Pinto Bandeira.

Carta topográfica do ano de 1784 registra o passo, bem como a localização da estância. (11)

Abordo estes fatos por serem inéditos e ligarem-se a região na qual Hipólito passaria a viver 4 anos mais tarde.

**Estas ruínas talvez sejam os últimos vestígios do passado do Rio Grande do Sul, 1737-1812. Creio fossem desconhecidas e não consideradas por estudiosos que nos antecederam. Visitei-as e sobre o assunto tratei em artigo Tropeada cultural à Zona Sul no Diário Popular de Pelotas em 12 e 19 Mar 1972. Fonte: História da 3ª RM, v.1, p.119**

### **Plano de invasão**

O Governador de Buenos Aires, o mexicano D. Juan José de Vertiz y Salcedo, em período de perfeita paz entre Espanha e Portugal, resolveu atacar de surpresa o Rio Grande do Sul. Reuniu em segredo um poderoso exército de 1.014 homens.

Segundo minha interpretação, após acurada análise de diversos documentos, Vertiz y Salcedo concebeu o seguinte plano para expulsar os portugueses do Rio Grande, **referido aos acidentes geográficos atuais:**

Invadir o Rio Grande do Sul, pelo sul, e estabelecer o Forte de Santa Tecla, em Bagé.

Combinar esta invasão com outra partida das Missões que deveria estabelecer o Forte de São Martinho, acima de Santa Maria e trazer-lhe reforços para a remonta de seu Exército ou Armada para eles.

Após a união das duas colunas, frente a Rio Pardo, atacar esta praça e prosseguir para conquistar Porto Alegre, após conquistar os fortes de Santo Amaro e Tybiquari e outras fortificações estabelecidas na margem esquerda do Jacuí.

Conquistada Porto Alegre e expulsos os portugueses dessas regiões, esmagar contra Rio Grande, dominada pelos espanhóis, os efetivos portugueses que dominavam São José do Norte, apoiados pelo Forte São Caetano, no Estreito.

Após unir-se em Rio Grande com aquela guarnição amiga, expulsar das Serras dos Tapes, no município de Canguçu, as bases de guerrilhas da Estância Luiz Marques de Souza e da Encruzilhada do Duro (Coxilha do Fogo) que talavam os campos espanhóis, arreando gado e atacando estâncias.

Seu plano era bastante exeqüível. O Rio Grande do Sul contava com o Regimento de Dragões em Rio Pardo e uma centena de bravos guerrilheiros nas Serras dos Tapes e do Herval, para defenderem um enorme arco balizado pelos seguintes pontos: São José do Norte – Porto Alegre – Taquari e Rio Pardo.

A mãe de Hipólito da Costa, carregando-o em seu ventre, por certo estava apreensiva com a possibilidade de êxito deste ousado plano.

Disto poderia resultar a queda definitiva de Colônia do Sacramento onde sua família possuía propriedades e vivia há mais de 50 anos.

**Nesta ocasião nascia em Colônia do Sacramento Hipólito da Costa, em 25 Mar 1774. Nascera quando o general Vertiz Y Salcedo marchava entre a vila de Rio Grande e Montevideu amargando pesada derrota, e deixando incrustados no Rio Grande do Sul os fortes de Santa Tecla, junto a Bagé atual e o de São Martinho, na serra próximo a Santa Maria atual. Restavam em poder de Portugal os fortes de Colônia e o de Rio Pardo. Nesta guerra, 106 gaúchos decidiram o destino brasileiro do RGS. (vide texto). Fonte: Bento, História da 3ªRM, v.1, p.141.**

### **106 gaúchos decidem o destino brasileiro do Rio Grande do Sul**

D. Vertiz y Salcedo invadiu o Rio Grande do Sul e fundou, em Bagé, o Forte de Santa Tecla.

As guerrilhas gaúchas com base em Encruzilhada do Duro (Coxilha do Fogo – Canguçu) sondam a intenção do inimigo.

Desde 1770, aí se encontrava Rafael Pinto Bandeira, conforme reclamação de governador espanhol de Rio Grande, D. Molina, ao governador Marcelino de Figueiredo. (12)

O capitão Rafael Pinto Bandeira avisou o governador do Rio Grande da invasão. Este determinou a concentração do máximo de forças no Rio Pardo e sobre os caminhos da invasão espanhola.

Rafael partiu de Canguçu para a guarda da Encruzilhada, com 40 homens.

Daí marchou para o passo do arroio Irapuá.

Aí veio a seu encontro o capitão Cypriano Cardoso com 55 gaúchos.

Prosseguindo na direção do inimigo juntaram-se a ele 11 dragões do Rio Pardo, ao comando do tenente Francisco Álvares de Oliveira. (13)

Este transmitiu a Rafael recado do tenente Manoel Marques de Souza 1º, ajudante de ordens do governador.

“A coluna inimiga que nos invade pelas missões está acampada na margem esquerda do Santa Bárbara”.

O capitão Rafael Pinto Bandeira partiu ao encontro do inimigo, à frente de 106 bravos gaúchos, para realizar um feito da maior projeção militar e estratégica, no sentido da definição de um Rio Grande do Sul brasileiro.

Ao clarear do dia 2 de janeiro de 1774, menos de dois meses antes do nascimento de Hipólito da Costa, Rafael Pinto Bandeira, mais tarde seu vizinho na região do arroio Pavão em Pelotas, de 1882-1895, realizaria a maior façanha de sua vida.

Rafael carregou de surpresa sobre a tropa de 390 homens, ao comando do capitão Antônio Gomes Veloso, derrotando-a e fazendo inúmeros prisioneiros de guerra.

Aprisionou o comandante e três oficiais, 80 milicianos de Corrientes e muitos peões índios. Apresou 1200 cavalos, 300 muares de carga e 100 bois de tração, essenciais para o transporte do pessoal e das cargas de Exército de Vertiz y Salcedo.

No apresamento destes animais residiu a derrota do exército inimigo, por ficar a pé, sem mobilidade para prosseguir além de Rio Pardo ou, retirar-se, tranqüilo e com segurança, sobre Santa Tecla, em Bagé, no caso de ser mal sucedido no ataque a Rio Pardo.

Sua cavalaria, muares e boiadas que transportavam o Exército estavam imprestáveis.

Esta apreciação é inédita na História do Rio Grande do Sul. Por longo tempo atribuiu-se a outras circunstâncias.

Apelou-se, inclusive, para uma lenda. Esta, de que Marcelino de Figueiredo fez parecer ao inimigo que possuía maior poder em Rio Pardo do que na realidade.

### **Ataque à guarda do passo do arroio Piquiri, 5 Jan 1774, por Vertiz y Salcedo**

Em 5 de janeiro, ultrapassou a guarda do passo do arroio Piquiri, defendida pelo capitão paulista Miguel Pedroso Leite, herói do ataque a Monte Grande, em Santa Maria atual, em 1º de janeiro de 1763. O capitão Pedroso vendo a inutilidade da resistência retirou-se para o Rio Pardo com seus vinte e um homens. Ali foram presos por não terem resistido a 1.014 espanhóis.

Entusiasmado, Vertiz y Salcedo lançou este ultimatum ao governador Marcelino em Rio Pardo, cujos principais trechos transcrevo:

### **Vertiz reclama contra o roubo de gado por aventureiros**

“Dom Juan José de Vertiz y Salcedo, caballero comendador de Puerto Plano en el Orden de Calatrava, Marechal de Campo de los Reales Exércitos, Governador y Capitan General de Províncias del Ryo de La Plata, Uruguai, Paraná y **Rio Grande de São Pedro**.

A los Señores Governador de Viamont (Viamão) e Villa de Ryo Pardo y comandantes de las Guardias Portuguesas de la banda Meridional (sul) de los Ryos Grande y Yacuy:

Hago saber.

El Viamont, Ryo Pardo y esta banda Meridional del Rio Grande y Yacuy fueron hasta hoy el refúgio de quantos delincuentes correm por los Campos de Misiones, território de Monte Védio, Maldonado, Soriano e Bacas, penetrando, tambien em los de Santa Fé e Corrientes, com o iniquo objeto de robar los Ganados Vacuns, Cavalhadas y yeguas de las

Estâncias situadas a esta parte Oriental de los ríos de La Plata, Uruguay y Paraná.

E ellas (estâncias) al mismo tiempo que el Dueño no esta seguro ni a cubierto de estas violentas irrupciones, siento en sus bienes los mas sensibles e considerables prejuicios, y ve destruidas sus haciendas **por tan continuada e insessante execucion de hurtos (roubos de gado).**

### **Vertiz propõe evacuação portuguesa das serras dos Tapes e Herval**

Por esta declaração verifica-se a extensão das **razzias** empreendidas por aventureiros do Rio Grande do Sul, contra estâncias espanholas, na larga faixa compreendida pelas Missões, Uruguai, Santa Fé e Corrientes.

O forte de Santa Tecla visava impedir a ação desses aventureiros que se lançavam contra as estâncias espanholas no Uruguai, de Canguçu e Encruzilhada.

O forte de São Martinho visava proteger a ação de aventureiros partidos do Rio Pardo, para atuarem nos Sete Povos das Missões, Corrientes e Entre Rios.

Estas ações denominadas **razzias** eram praticadas sem apoio governamental expesso.

Mais tarde, como operação militar e com apoio oficial, tomaram o nome de **arreadas**.

Prosseguindo em sua exposição, que gira, toda, em torno de postos portugueses avançados nas serras dos Tapes e Herval que roubavam gado de suas estâncias, Vertiz y Salcedo propunha que estas áreas fossem evacuadas.

Era impossível impedir o roubo de gado praticado por portugueses e espanhóis para vender o sebo e o couro em Rio Pardo e Rio Grande.

Do lado espanhol era impossível obter-se um preço bom, em razão do monopólio exercido pela Espanha sobre o couro e o sebo.

### **Combate do Tabatingá, 14 Jan 1774**

Vertiz y Salcedo destacou do Exército uma coluna de 400 homens ao comando de Zabala.

Os capitães Rafael Pinto Bandeira e Cypriano Cardoso receberam o reforço do capitão José Carneiro da Fontoura, comandante da praça do Rio Pardo e desta operação. Rafael Pinto Bandeira, tirando o máximo partido do terreno, armou uma grande emboscada ao inimigo.

Este penetrou num banhadal onde ficou atolado. As tropas portuguesas caíram a sua retaguarda, causando-lhe pesada derrota, com muitas baixas entre mortos e feridos.

A coluna derrotada de Zabala foi juntar-se a Vertiz y Salcedo, acampado, a duas léguas de Rio Pardo, no Campo do Capitão Pereira.

Tabatingaí, conhecido como sanga do ataque, fica próximo a Tabatingaí na Br 390, sobre o arroio Tabatingaí. Tabatingaí, em Tupi Guarani "é o local onde se enterram os mortos", segundo J. A. L. Tupi Caldas ("Toponímia", **RIHGRGS** nº 83).

As forças portuguesas possuíam cerca de 200 homens.

### **Fracasso da Expedição de Vertiz y Salcedo**

Em 13 de janeiro de 1774, Vertiz y Salcedo intimou Marcelino de Figueiredo a abandonar as terras que tomara posse indevida.

Do contrário, iria tomá-la pela força, dentro de 8 dias.

Decorridos dois dias do seu ultimatum, seu ânimo arrefeceu ao saber dos desastres de Tabatingaí e, principalmente, do de Santa Bárbara.

No dia 16, para salvar as aparências e seu Exército, ou Armada de destruição, por estar com sua cavahada, muares e boiadas de carga imprestáveis, mudou de conversa. Sentiu seu Exército a pé e distante de Montevideú. Prosseguiu no seu intento invasor seria correr risco de destruição. Seu exército perdera o ímpeto ofensivo com o apresamento, em Santa

Bárbara, das cavalhadas, mulas e bois de carga, vitais para o transporte.

### **Retirada do Exército invasor**

Dois dias após Tabatingaí, o Exército de Espanha levantou acampamento e bateu em retirada na direção da base espanhola mais próxima – Rio Grande, sem realizar o seu ousado e exeqüível plano de guerra.

Escreveu ao governador do Rio Grande que se retirava por estar satisfeito ao destruir as guardas portuguesas ao sul do Jacuí.

Em marcha acelerada, para não dizer desesperada, fez 12 léguas, indo acampar em Encruzilhada do Sul atual.

No dia 17 transpôs o rio Camacua, no passo do Camaquam de Baixo (Vão dos Prestes), penetrando no atual município de Canguçu.

Até aí foi perseguido e hostilizado por guerrilhas portuguesas.

Em Canguçu, nada havia a destruir. Rafael Pinto Bandeira, que possuía suas bases em Encruzilhada do Duro (Coxilha do Fogo) e Estância Luiz Marques de Souza, marchava na retaguarda inimiga.

De 18 a 22 de janeiro, Vertiz y Salcedo atravessou Canguçu onde deve ter aproveitado para recuperar sua tropa. Pois, somente a 17 de fevereiro, em Rio Grande, reiniciou reclamações epistolares.

Em retirada, o Exército espanhol deve ter acampado nas margens do arroio Pavão, em Pelotas atual, onde próximo passaria a viver o menino Hipólito da Costa, 10 anos após estes sucessos.

Ali conviveria, durante 13 anos, com o maior soldado na expulsão de Vertiz y Salcedo – Rafael Pinto Bandeira.

Vertiz y Salcedo permaneceu em Rio Grande, em guerra epistolar, até, pelo menos, 3 de março, data da última carta que lhe enviou Marcelino de Figueiredo. (MONTEIRO, **Dominação**, p. 200)

Em 25 de março, data do nascimento de Hipólito da Costa, o Exército de Vertiz y Salcedo marchava com destino a Montevideu e, em algum lugar do litoral, entre Rio Grande e aquela praça.

Em 16 de fevereiro de 1774, chegavam em São José do Norte, 500 homens do Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro e dois esquadrões de cavalaria do Vice Rei.

Comandava-os o tenente coronel Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara que veio para o Rio Grande do Sul para cumprir um relevante papel em sua história militar.

Seria o governador do Rio Grande do Sul de 1782-1792, período em que Hipólito da Costa viveu no Rio Grande do Sul, em Pelotas.

Exceto de 1784-88, período em que o governo foi exercido interinamente por seu vizinho do arroio do Pavão – o coronel Rafael Pinto Bandeira, também, na época, comandante da Fronteira do Rio Grande. A sede deste comando ficou por longo tempo na estância de Rafael Pinto Bandeira, no Pavão, em Pelotas.

Talvez seja a Rafael que Hipólito referiu (no **CB**, XXII, Fev 1819, pág. 96) como governador, que mandou açoitar um suspeito de contrabando, cena testemunhada pelo adolescente Hipólito.

**Nota:** Biografamos e interpretamos a vida e obra do Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira como o primeiro general nascido na área da Região Sul no livro Comando Militar do Sul - 4 décadas de História. Porto Alegre: Pallotti, 1995. p.37/52, bem ilustradas. Este estudo serviu de base para intruirmos proposta aprovada de ele ser considerado denominação histórica ou patrono do 3º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado, aquartelado na Serraria em Porto Alegre.

### **Expulsão dos espanhóis de São Martinho, 31 Out 1775**

Em outubro de 1775, Rafael foi chamado de suas bases em Canguçu para comandar importante operação.

Atacar e expulsar os espanhóis do Forte São Martinho. Após desbordar o forte através de uma picada de 3 léguas,

Rafael e seus bravos caíram de surpresa na retaguarda inimiga. Apanharam a guarnição dormindo.

Desta ação participaram 150 guerrilheiros das serras dos Tapes e Herval e 50 homens da Companhia de Granadeiros do Regimento de Dragões do Rio Pardo. Desta, fazia parte o furriel Félix Pereira da Costa, pai de Hipólito.

Este, com pouco mais de um ano de idade.

Participaram do ataque, entre outros: Antônio José de Matos, estancieiro no Capivari, capitão Jerônimo Xavier de Azambuja, Antônio Lopes Duro e Bernardo Soares, todos destacados guerrilheiros de Rafael Pinto Bandeira.

### **Conquista de Santa Tecla, 27 Mar 1776**

Em fevereiro de 1776, Rafael Pinto Bandeira recebeu a missão de atacar o Forte de Santa Tecla, em Bagé atual.

Reuniu seus guerrilheiros, das serras dos Tapes e Herval.

Foi reforçado com 50 homens da Companhia de Granadeiros dos Dragões de Rio Pardo, ao comando do Sargento Mor (major) Patrício Correia da Câmara.

A fortaleza, após quase um mês de cerco, rendeu-se, em 27 de março de 1776. Foi ocupada e destruída no mesmo dia.

**Nota:** Abordamos em detalhes este episódio em nosso livro, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, **3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada - Brigada Patrício Correia da Câmara**. Porto Alegre: Edit.Pallotti, 2002, bem como na obra **A Guerra da Restauração** (do Rio Grande do Sul) Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1996.

**Alegoria. Nesta ação o pai de Hipólito da Costa teria participado como furriel granadeiro do Regimento de Dragões do Rio Grande com base em Rio Pardo. A surpresa foi conseguida com a abertura de uma picada de 3 léguas na mata que levou os atacantes, ao comando do Major Rafael Pinto Bandeira, até a retaguarda inimiga, em ataque noturno. Em 1º plano, Rafael Pinto Bandeira, a quem o Rio Grande do Sul deve grande parte de seu destino brasileiro. Fonte: Bento, História da 3ª RM.v.1, p.119.**

### **Expulsão dos espanhóis da vila de Rio Grande, 1º abril 1776**

Quatro dias após a queda de Santa Tecla, os portugueses atravessaram o canal do Rio Grande na madrugada de 1º de abril de 1776 e reconquistaram a praça que há 13 anos estava em poder dos espanhóis.

Pouco mais de um ano dessa reconquista de Rio Grande ali viveria, dos 3 aos 8 anos, o menino Hipólito da Costa. O Coronel Veiga Cabral, que fora o primeiro a penetrar na reconquistada vila de Rio Grande e que a governaria de 1780 a 1801 foi quem concedeu ao pai de Hipólito da Costa a estância

de Santana (e depois Santa Tecla), segundo FORTES: **Rio Grande de São Pedro.**

Patrício Correia da Câmara foi enviado da Fronteira do Rio Pardo para a do Rio Grande, quando retornava vitorioso de Santa Tecla.

Atravessou o atual município de Canguçu e estacionou, numa de suas etapas de marcha, na região do arroio Pavão. Nesta, fixar-se-ia, 6 anos mais tarde, um antigo granadeiro de seu regimento, o alferes Félix da Costa, pai de Hipólito.

Patrício deixou esclarecedor relatório desta marcha através dos municípios atuais de Canguçu e Pelotas (De Paranhos Antunes, **Dragões**, p. 111-128). O reproduzimos com mais detalhes, correções e adaptação ao linguajar militar atual no citado **3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada.**

Seu relatório esclarece que Encruzilhada do Duro não era o mesmo que Guarda da Encruzilhada, como se acreditava até o momento pelo trabalho de Rego Monteiro **Dominação Espanhola do RGS.**

Uma ficava ao sul do Camaquã na serra dos Tapes no atual município de Canguçu. A outra na serra do Herval, atual Encruzilhada do Sul.

Patrício atravessou o rio São Gonçalo, defronte a atual cidade de Pelotas. Mencionou a existência, no outro lado, de um fortim espanhol abandonado que vigiava o vale do São Gonçalo.

### **Legião Ligeira de Cavalaria**

Em razão dos êxitos de Rafael, o rei de Portugal resolveu criá-lo coronel de uma **Legião Ligeira de Cavalaria**, composta de aventureiros do Rio Grande de São Pedro, Viamão, Rio Pardo e de outros territórios ao sul até o rio da Prata e a oeste, até onde chegassem os finais do Continente do Rio Grande de São Pedro (Carta do Marquês de Pombal, de 31 Jul 1776, por mim publicada no **Correio do Sul**, de Bagé, de 24 Mar 70).

Surgiu a segunda unidade militar do Rio Grande do Sul. Daí por diante, até 1817, os dragões do Rio Pardo seriam o núcleo da Fronteira do Rio Pardo e, a Legião Ligeira, da Fronteira do Rio Grande.

A 8ª Brigada de Infantaria Motorizada de Pelotas possui suas mais profundas raízes históricas na Legião de Cavalaria Ligeira de Rio Grande.

Seus dois primeiros comandantes, Rafael Pinto Bandeira (1776-96) e Manoel Marques de Souza I, a partir de 1796, foram os primeiros filhos do Rio Grande do Sul a ocuparem o posto de governador, embora interinamente.

Estes dois personagens povoariam a mente do menino Hipólito na sua infância e juventude passada em Rio Grande e Pelotas. Manoel Marques de Souza 1º morreu no ostracismo no Rio de Janeiro, pouco antes da Independência, por ter sonhado e se mostrado favorável a ela.

Talvez, sob influência das idéias, daquele outrora menino, que conhecera em sua fronteira, defendidas através do **Correio Braziliense**, editado em Londres.

Manoel Marques de Souza 1º é um grande injustiçado. Ainda não mereceu uma homenagem por seu sacrifício pelo ideal da independência de sua pátria.

Quase ao final da vida foi arrancado da terra gaúcha, à qual prestou serviços assinalados, na sua recuperação, manutenção e expansão, para ser degredado no Rio de Janeiro, por suspeita de favorável à independência de sua pátria. E o era.

Isto é o que se deprende da leitura de Pretextato Maciel **Os generais do Exército Brasileiro**, Rio, Bibliex, 1940, 2ª ed. v. 1, p. 206-272).

**Nota:** Resgatamos sua vida e obra na obra **8ª Brigada de Infantaria Motorizada - Brigada Manoel Marques de Souza 1º**. Porto Alegre: Pallotti, 2001 que elaboramos em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, dentro do Projeto História do Exército na Região Sul.

## **Rendição da Colônia do Sacramento, maio de 1777**

A Espanha tratou de reagir ao poderio português no sul. Despachou, de Cádiz para a América, poderosa esquadra ao comando de D. Pedro Ceballos, nomeado Vice-Rei do Rio da Prata.

Seu plano era conquistar Santa Catarina. A seguir marchar por terra para conquistar o Rio Grande em combinação com Vertiz y Salcedo. Este deveria partir de Montevideú, por terra, com o mesmo fim.

**Foi nesta ocasião que Hipólito da Costa deixou sua terra natal, Colônia. Foi morar na vila de Rio Grande, reconquistada um ano antes por Portugal. Hipólito possuía então cerca de 4 anos. Fonte: BENTO, História da 3ª RM, v.1.**

Os portugueses tomaram medidas defensivas. Construíram, em Torres, o Forte São Diogo das Torres. Destacaram para as serras dos Tapes e Herval a Legião de Cavalaria Ligeira de Rafael, para cobrir, à distância, Rio Pardo e Rio Grande.

A esquadra espanhola conquistou Santa Catarina em 22 de fevereiro de 1777. Velejou para o sul. A vila de Rio Grande foi salva por uma ventania que dispersou a esquadra inimiga.

Em 22 de maio de 1777, Ceballos apresentou-se em Colônia e desembarcou 5.000 homens. A praça não teve condições de resistir. Em 3 de junho rendeu-se aos espanhóis.

Vejamos alguns trechos desse fato, segundo a narrativa do tio, padrinho, amigo e mais tarde professor de Hipólito, em Pelotas, na estância de Santana – o padre doutor Pedro Fernandes de Mesquita. (RIHGB, tomo 31, p. 68)

O padre doutor revela bonito estilo, acessível e claro. Deixemos que ele fale:

**Situação militar da praça:** “Achava-se por governador de Colônia o coronel Francisco José da Rocha, homem de grande inteligência da milícia e certamente digno de melhor sorte.

...de tudo fez avisos para a capital, para assim ser socorrido pois, considerava-se inevitável a perdição da praça, não só por se achar com pouca guarnição, mas, muito principalmente, pelas faltas que havia muito tempo experimentado de mantimentos e terem-nos os castelhanos fechado todos os portos por onde nos podia entrar alguma coisa, por nos haverem cercado também por mar”.

**Causa da rendição:** “Toda esta tropa (soldados pagos e cerca de 100 paisanos) estava bem exercitada, e com ânimo e disposição para a defesa, porém, como a falta de sustento cada dia se aumentava, determinou o governador render a praça, antes que seus habitantes perecessem a fome, antes que o inimigo rompesse o fogo, julgando que maior serviço faria ao rei, em salvar os bens e as vidas d’aqueles vassallos, que em outra ocasião o podiam servir com utilidade, de que sacrificar tudo sem esperança de vencimento, e ser irremediável o render-se, quando o não fosse as forças do inimigo, ao inexorável golpe da fome, e talvez poderia, assim, tirar do inimigo algumas condições mais vantajosas”.

**Alimentação na praça:** “Mandou (o comandante) fazer uma exata averiguação dos víveres, e apenas se achou que

havia nos armazéns reais com que mucionar (alimentar) a tropa cinco dias e nas casas do povo, que todas foram miudamente registradas, se não achou coisa alguma; porque havia muito tempo que todos comiam d'el rei (população alimentada pelo governo), por haver mais de **oito meses** que não vinham embarcações de comércio..."

Por aqui constatamos que o menino Hipólito, com pouco mais de 3 anos e durante oito meses, foi alimentado basicamente com farinha.

**Rendição:** "No dia 3 junho se formou toda a guarnição desarmada no meio da praça, com suas mochillas às costas; foram saindo pela porta de campanha regando o caminho com lágrimas, por entre duas alas que formou a tropa espanhola, desde a porta até à praia, e ali foram embarcando para bordo de alguns navios que tinham pronto para isso, e os conduzirem a Buenos-Ayres, cujo destino ao depois esperamos".

Trata-se apenas dos soldados da praça.

**Saída dos oficiais:** "Em 25 de junho saíram os oficiais com suas famílias e alguns particulares, que a força de dinheiro o alcançaram, em quatro embarcações".

Neste dia Hipólito deixou Colônia, definitivamente, em companhia de seu pai, desde algum tempo oficial, no posto de alferes. Possuía 3 anos, 3 meses e um dia de idade.

Este episódio deve ter marcado profundamente sua infância.

**Saque dos civis:** "Foram-se embarcando os portugueses com o que puderam levar" (destino: Buenos Aires).

"E foi uma infame política muito própria do seu gênio, fez este general (Ceballos) um saque, aos portugueses, mais enorme do que faria seguindo os estyos de guerra: pois, mandando-os embarcar atropelladamente, deixaram a maior parte dos seus móveis, e os que levaram para os navios, eram logo roubados injustamente pelos marinheiros; e que d'elles escapava, servia de presa a outros no desembarque em Buenos Aires".

Os tios maternos de Hipólito, inclusive o autor dessa memória, não escaparam de serem roubados e vilipendiados pelo inimigo.

**Destino dos civis:** "Mandou avisar aos prisioneiros para serem levados a diferentes paragens na fronteira dos índios bárbaros, intentando formar com as famílias portuguesas algumas vilas, se servissem de barreiras as suas povoações e em que se pudesse levar a barbaridade dos índios, que com continuadas erupções desbastavam e abriam os lugares de campanha, não perdoando a vida a hespanhol algum".

Segundo o relato do **padre doutor**, os portugueses foram enviados para os seguintes locais na atual Argentina: Varadeiro, Lujan (mais de 30 famílias), Araco, Arreifes e Pergaminho.

Com o tempo, alguns foram conseguindo fugir e voltar para o Brasil.

**Destino dos soldados:** "os da Colônia, a cidade de Córdoba... estes estiveram aquartelados algum tempo no collégio que foi dos jesuítas".

**Cena pungente:** "Na praça de S. Nicolau se ajuntaram as carretas para a condução, assignalando-se uma para nove pessoas com seus trastes...

... Entre outras coisas que alli sucederam contarei uma...

... Entre as mulheres portuguesas que alli se achavam para se encarretarem (embarcarem), estava uma casada com um soldado, chamado Manoel Alves, com um filhinho de bexigas nos braços, que estava morrendo. Chegou-se ao tenente-rei, e, mostrando-se o estado em que tinha seu filho, pediu-lhe **com mais lágrimas que palavras** se compadecesse delle, concedendo-lhe que ficasse para ir d'ahi a dias, ou em outra conducta (viagem) enquanto lhe morria e sepultava o filho, que segundo se via não duraria muitas horas.

Mas elle, mais insensível que uma pedra, entrou a berrar como um touro, e com destoados gritos lhe respondeu que atirasse com o filho fora, e se embarcasse logo.

E porque o frio era excessivo expirou o menino, e metteram a mãe na carreta, mais morta que viva, e a fizeram

sahir sem lhe dar tempo, nem ainda para chorar e dar-lhe os últimos ósculos.

Uma viúva, que ao mesmo sítio lhe suplicou a dispensasse do desterro, por ter uma filha e uma sobrinha donzelas sem homem algum que lhes servisse de abrigo, respondeu em altas vozes na mesma praça: Que fosse para onde era mandada, que tão viúva seria lá como em Buenos Aires; que se Jesus Christo fosse português não escaparia a ser desterrado”.

O tio e mestre de Hipólito termina sua descrição escrita, em 1778, em Buenos Aires com esta acusação.

**Responsabilidade pelos sofrimentos:** “Pois esta ação que acabo de referir, foi executada pelo Exmo. Sr. D. Pedro Ceballos, vice-rei e capitão general da província do Rio da Prata, professo nas ordens de S. Linero e S. Thiago, cavalleiro da chave dourada, gentil – homem com entrada e general dos exércitos de Sua Majestade Cathólica etc. etc, finalmente, o homem de mais alta esphera que pisou nestas índias”.

### **Vila de Rio Grande, 1777-82**

No período 1777-82, Hipólito viveu na vila de Rio Grande, junto com diversas famílias retirantes de Colônia.

Seu pai viveu, ora em Porto Alegre, ora em Rio Grande, até licenciar-se do serviço ativo.

Hipólito morou na vila do Rio Grande dos 3 aos 8 anos.

Segundo depoimento do governador do Rio Grande do Sul da época, General Sebastião Veiga Cabral, a vila de Rio Grande apresentava a seguinte situação em 22 de dezembro de 1780, quando Hipólito aí vivia (**RIHGB**, tomo 40, parte I, 1877, p. 243-248).

Deste documento, dirigido ao Vice-Rei, transcrevo em linguagem atual alguns tópicos.

**Aí viveu Hipólito da Costa de 1777 a 1782, dos 4 aos 8 anos, a partir de um ano após daí terem sido expulsos os espanhóis que dominaram a vila de Rio Grande por 13 anos. Em Rio Grande foram concentrados inicialmente os deslocados de Colônia e em especial familiares de militares e comerciantes. Quando Hipólito deixou o local para residir no novel povoado de São Francisco de Paula (atual Pelotas) nome dado em homenagem ao santo do dia 1º de abril, em que a vila de Rio Grande foi reconquistada. Fonte: Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército, 1972.**

**Edificações:** "Na vila existem edifícios muito descentes relativamente ao fim a que se destinam. Por exemplo:

A igreja, a casa de residência do governador, o armazém, o hospital, a ferraria, a casa de armas, dois corpos da guarda e os quartéis do Forte S. José da Barra.

O restante das casas, poucas são boas. A maior parte delas são cobertas de palha, construídas com madeira de má qualidade, sem reboco, forros quase sem pregos.

O número de casas tem aumentado consideravelmente. Isto, com as numerosas famílias vindas de Colônia do Sacramento e também homens de negócio.

Esses, como não são pobres, fazem as melhores casas”.

**População:** “Hoje ultrapassam de 2.400 os dependentes da freguesia da vila de Rio Grande, posto que muitos vivem em estâncias afastadas”.

A Freguesia de Rio Grande abrangia na época os territórios dos atuais municípios de São José do Norte, Rio Grande, Pelotas, Canguçu, São Lourenço do Sul e parte dos de Pedro Osório e Piratini.

**Trigo:** “Foram semeados este presente ano 1.116 alqueires de trigo”.

**Segurança militar da vila:** “A defesa da vila depende de duas ou ambas as condições; uma profunda paz ou um respeitável Corpo de Cavalaria, bem pago, bem armado e disciplinado.

Do contrário, sua posição em campo raso é de fácil acesso por diversos caminhos batidos, sem padraços (trincheiras), rio caudaloso, fortaleza ou qualquer outro obstáculo, tornarão infrutíferas quaisquer medidas defensivas”.

A fronteira era no arroio Taim. Além, até os arroios Chuí e São Miguel, era terra de ninguém – os campos neutros. Estes, o atual município de Santa Vitória do Palmar.

**Materiais de construção:** “Não há pedra na vila. Madeiras de boa qualidade são encontradas muito distante. Não dispõe de fábricas de tijolos e telhas.

Estes dados foram enviados para que o vice-rei decidisse se a capital do Rio Grande deveria ser Rio Grande ou Porto Alegre.

### **Porto Alegre 1777-1782**

No tocante a Porto Alegre o governador informou:

“População da freguesia 1.500 pessoas. Trigo semeado, 63 alqueires. Situada em terreno firme e abundante de pedras e madeiras para construção e com uma fábrica de tijolos e telhas a menos de 4 léguas.

Bem situada em relação ao Rio Pardo e ao Rio Grande para apoiar, com seus armazéns, estes dois locais.

Melhores condições de defesa em caso se ataque inimigo”.

Sobre a vida de Hipólito em Rio Grande, 1777-82, leia-se Francisco Pereira de Souza in: **Primeiros Cronistas...** p. 154-157.

Seu autor relata os costumes dos açorianos no Rio Grande do Sul, em 1777. Descreve o vestuário de ambos os sexos e assuntos que dominavam suas conversas. Quanto ao modo de vida dos meninos, por certo amiguinhos de Hipólito, refere: “Os meninos, logo de tenra idade, aprendem a laçar cachorros, quando maiores terneiros, e quando homens, potros, potrancas, éguas, cavalos, quer domésticos, quer xucros. A ler e a escrever senão empregam, pois todo o destino é lançar, é arrear e bolear”.

Hipólito seguiria destino diverso de seus amiguinhos de infância. Cinco anos após já sabia ler e escrever.

Sobre a situação do Rio Grande do Sul, um mês após a edição por Hipólito, do primeiro número do **Correio Braziliense**, dispõe-se de preciosa fonte primária: MAGALHÃES, **Almanak da Vila de Porto Alegre**. (Vide bibliografia ao final). Explorei diversos pontos dessa fonte primária em artigo “O Rio Grande de São Pedro em 1808”, **Diário Popular** Pelotas, 6 a 13 Jun 71.

### **O Rio Grande do Sul em 1783**

Em 1783, quando Hipólito já se encontrava há um ano na estância de Santana, próximo de Pelotas, o governador Veiga Cabral relatou, em 10 Dez 1783, a situação do Rio Grande do Sul, em correspondência enviada da Vila do Rio Grande. (**RIHGB**, tomo 40, parte I, p. 250-261)

Dele transcrevo alguns trechos para o leitor imaginar o ambiente em que Hipólito da Costa viveu sua adolescência no Rio Grande do Sul.

**Abundância de carne:** “A abundância de carne ou facilidade de comprá-la à preço ínfimo, e a que o vulgo chama

**felicidade**, é a causa do descuido da agricultura e em particular do auge da **preguiça**".

**Clima:** "É favorável e de ordinário torna robustos seus moradores".

**Modo de vida:** "Seus moradores são criados a maior parte, expostos ao rigor do tempo, sem outro abrigo que os das suas insignificantes e dispersas habitações.

São acostumados a trabalhos violentos, desde que se adaptem aos seus temperamentos. Ou sejam, andar correndo a cavalo, laçar, matar e preparar uma rês para a alimentação diária e para o fabrico do charque e pastorear seus rebanhos em campo aberto.

Estes exercícios se por um lado os tornam vigorosos, também, indiferentes com os prejuízos e males de seus compatriotas".

**Criminalidade:** "Não falta aqui quem cometa toda a sorte de crimes por vingança ou cobiça... por ignorância grassa em razão da **absoluta falta de mestres e de ensino das artes e das ciências**.

O mais insuportável neste continente do que a existência de delitos e delinqüentes é o asilo e agasalho encontrado por qualquer malvado, seja homicida, ladrão, desertor, contrabandista etc... por parte de pessoas que tenham toda a responsabilidade em prendê-los, perseguí-los e evitá-los".

**Contrabando:** "Ninguém desconhece ser o contrabando proibido por lei.

No entanto ele é aqui difundido pelas seguintes razões: Aumenta a riqueza do povo e do soberano. Torna intrépidos e práticos para a guerra os que se dedicam a esta atividade. No entanto, observa-se na guerra, em que seus serviços poderiam ser úteis, desaparecerem, reduzindo as forças para a defesa de um enorme território a pouquíssima tropa regular e poucas auxiliares.

Saiba que os chamados contrabandos do Rio Grande, raras vezes deixam de consistir em tomar o alheio, a força, com se dispender um vintém, e a espancar ou matar quem tente estorvar semelhantes desordens, além de obrigar a responder

por eles **o comandante militar da fronteira onde são cometidos.**

**Justiça:** A prejudicial falta de um juiz letrado, fixo, bem intencionado e desambicioso é palpável.

**Distribuição de terras:** "Até aqui não encontrei ninguém que não se suponha autorizado a pedir terrenos.

A única indagação antes da concessão é se os terrenos são ou não devolutos, sem atender a sua verdadeira situação e limites".

Este seria o ambiente da infância e adolescência de Hipólito da Costa no Rio Grande do Sul, segundo relatório de sua autoridade máxima.

Este relatório não menciona o fabrico do charque, em escala industrial, na região atual de Pelotas.

Mapa posterior, do ano seguinte e assinado pela mesma autoridade (14) assinala duas charqueadas ao sul do rio Piratini, próximo ao Forte São Gonçalo.

O mesmo mapa não registra na região, da cidade de Pelotas, charqueadas. Somente a estância do Capitão Mor Bento da Rocha, ao norte do rio Pelotas.

Menciona a estância do coronel Rafael Pinto Bandeira no arroio Pavão, bem como o **arroio do padre doutor**, que lembra o tio de Hipólito, o padre doutor Mesquita.

Menciona também junto ao passo das Pedras, a estância do então Sargento Mor Manoel Marques de Souza I. Mais ao norte, entre a atual vila Freire e o passo do Acampamento, no atual município de Canguçu, a estância de Luiz Marques de Souza. Ela servira de 1770 a 1777, de base de guerrilhas de Rafael Pinto Bandeira.

Este documento é muito elucidativo e, inexplorado, creio eu.

Acha-se publicado neste trabalho para evidenciar o ambiente geográfico da infância e adolescência de Hipólito.

### **Período de paz e do progresso**

O período que Hipólito viveu em Pelotas coincidiu com uma longa fase de paz que perduraria até 1801.

A região dos atuais municípios de Pelotas, São Lourenço e Canguçu receberam o influxo de diversos povoadores (militares desmobilizados, açorianos e retirantes de Colônia).

O estabelecimento de charqueadas na região começou a trazer muita riqueza para a região. (Vide nosso artigo **Diário Popular**, Pelotas, 1 e 8 Mar 70)

A plantação de trigo estava em grande evidência. Era praticada na região do Laranjal e daí subia a serra dos Tapes. (Vide nosso artigo **Diário Popular**, Pelotas, 23 Jan 72).

Em 1783, um ano após Hipólito fixar-se em Pelotas, o governador Veiga Cabral estabeleceu em Canguçu-Velho atual, no município de Canguçu, a Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu, acionada por escravos transferidos de Santa Cruz no Rio de Janeiro outros aprendidos num contrabando.

Ela foi transferida para São Leopoldo, em 1789, três anos antes de Hipólito deixar a região para estudar em Coimbra.

As ruínas da sede da Feitoria foram por mim localizadas. (vide nosso Artigo **Diário Popular**, Pelotas, 30 Ago e 6 Out 70 e 12, 19 e 26 Mar 72).

Com a criação da capela curada de Canguçu, em 1800, o local da Feitoria passou a denominar-se Canguçu Velho.

### **Hipólito, proprietário em Canguçu e Pelotas?**

Criei-me na Serra dos Tapes ouvindo que Hipólito fora proprietário em Canguçu e Pelotas, sem nunca haver tomado posse das mesmas, por ter se afastado para sempre do Brasil, ainda jovem.

Homem de Mello escreveu em 1871 (**RIHGB**, tomo 35, parte 2 p. 202, 1872):

“Pertencia Hipólito a uma família distinta... seu pai... era proprietário abastado, estabelecido em terras pertencentes aos atuais municípios de Canguçu e Pelotas”.

Homem de Mello fora Presidente da Província do Rio Grande do Sul. Era muito bem informado, voltado para a

História e o primeiro a biografar Hipólito (Hoje é o meu patrono na Academia Itatiaense de História por nós fundada em 1992).

Mecenas Dourado revelou em seu trabalho o testamento do pai de Hipólito do qual constavam as seguintes propriedades que foram ou eram da família:

- Estância de Santana no serro de Santana.
- Chácara nas faldas da Serra dos Tapes.
- Propriedade no rincão do Pestana, na serra dos Tapes, ocupadas pelo pai de Hipólito desde 1782, e doadas a este "in voce".

**Ambiente onde Hipólito foi menino e adolescente dos 8 aos 18 anos. Nesta gravura, figura o arroio Padre Doutor, seu tio que o educou e a estância Santana que pertenceu ao seu pai. As charqueadas aparecem no rio Piratini próximo do Forte São Gonçalo e não em Pelotas como é tradição. Fonte: BENTO. O negro na sociedade do RGS. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/Grafosul, 1976.p.185.**

Em 1801, em Portugal, Hipólito dirigiu requerimento ao Rei pedindo proteção dos seus bens no Rio Grande.

"Teve notícia que **suas fazendas e terras** sitas na capitania do Rio Grande do Sul e que estão de posse "de meu pai e seu tio padre doutor" se achavam ameaçadas por pessoas

que em razão da falta de clareza de títulos que existe nas terras de todo aquele continente, poderiam perturbar sua posse sobre as mesmas". (Homem de Mello, op. cit., p. 235)

O requerimento refere a "**suas fazendas e terras**". Será que possuía mais terras além destas?

Seu pedido foi deferido.

"Estes documentos se encontram no livro de Cartas Régias, ano 1796-1863 na Secretaria do Governo de Porto Alegre" (Homem de Mello, op. cit. p. 236)

Hipólito manteve a posse de suas terras até 1822. Em fevereiro de 1822, seu irmão requereu a D. Pedro que suspendesse a concessão a outrem das terras de Hipólito.

Ignora-se o destino e localização das mesmas.

Talvez o pesquisador Paulo Xavier possa elucidar o assunto a partir da pista acima, por ele dada a Mecenaz Dourado, para a obra deste, **Hipólito da Costa...** p. 24, v. 1.

Hipólito morreu logo após. Seus pais, irmão e tio padres já haviam morrido. Seu único irmão vivia no Rio. Sua esposa e filhos viviam na Inglaterra. Quem ficou com suas terras?

Onde elas situam-se? Seus filhos foram esbulhados? (15)

Eis uma questão interessante para ser elucidada por um de seus discípulos do jornalismo brasileiro.

**Nota Importante:** Quando Hipólito vivia na Estância Santana, dos 9 aos 15 anos, foi instalada no Rincão do Canguçu, entre a Lagoa dos Patos e a atual cidade de Canguçu e os atuais arroios Grande e Correntes, a Real Feitoria do Linho Cãnhamo, com sua sede em Canguçu Velho atual, onde encontramos as ruínas de seu sobrado sede e de um mangueirão de pedra. Até então era assunto esquecido e irrelevante. Publicamos o assunto em diversos trabalhos nossos como **O negro na sociedade do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre:IEL/Grafosul, 1975, p.96/107 com ilustrações, e do mesmo modo em **Canguçu, reencontro com a História**. Porto Alegre: IEL,1983, com detalhes da Real Feitoria do Linhocãnhamo do Rincão do Canguçu, e mais nossa plaqueta com este nome ( São Lourenço: Prefeitura de Canguçu,1992). Oposição a esta idéia dava como a feitoria tendo funcionado na ilha da Feitoria. Provamos que não, e sim que a ilha da Feitoria fora agregada pela Estância da Feitoria adquirida e estabelecida em terras que haviam pertencido a Real Feitoria ao ser esta transferida para São Leopoldo. A tese da Real Feitoria na ilha foi levada por interessados à consideração do Conselho Estadual de Cultura que declarou por unanimidade a validade de nossa tese.

E Carlos de Souza Morais em seu livro **Feitoria do Linhocânhamo-documentação inédita**. Porto Alegre: Parlenda,1994, publicou carta nossa sobre o assunto, enviada a Fernando O`Donnel, presidente do Conselho Estadual de Cultura às p. 58, 59 e 109 a 112. Desta controvérsia guardo encadernada e ordenada toda a documentação sobre o assunto, com apoio de Carlos Reverbel, biógrafo de J Simões Lopes Neto que, em **Revista do Centenário de Pelotas** em 1912, havia apresentado Canguçu Velho como sendo a sede de uma antiga missão jesuítica, o que causaria a citada controvérsia, que solucionamos.

Naquela época, no início do povoamento de Pelotas e da Serra dos Tapes, seguramente o menino Hipólito da Costa, através do tio Padre Doutor e de seu pai, agora comandante de uma Companhia de Ordenanças em Pelotas atual, a partir de 1784 manteve contato estreito com o administrador da Real Feitoria em Canguçu, o padre Rodrigues Prates e seus auxiliares militares, o sargento José Morais Sarmento e os dois irmãos João e Matias Martins, do Regimento de Bragança, que havia participado da reconquista da Vila de Rio Grande. Administração que empregava na Real Feitoria 72 escravos, sendo 43 vindos do Rio, da Fazenda Real de Santa Cruz e 29 apreendidos num contrabando. e dos quais seus e descendentes revelamos os nomes em o citado **O Negro e descendentes na Sociedade do RGS**, com o auxílio do deputado estadual Carlos Santos que prefaciou o citado livro.

### **Síntese**

Resumindo este capítulo poderíamos dizer o seguinte a respeito de Hipólito.

- Viveu de 1774 a cerca de 1792 entre Colônia do Sacramento e Rio Grande do Sul. Ou seja, até a idade aproximada de 18 anos.

- Do nascimento até a idade de 4 anos, em Colônia do Sacramento. Dos 4 anos até 8 anos na Vila de Rio Grande onde aprendeu a ler e a escrever com seu tio, o padre doutor. Dos 8 anos, até aproximadamente 18, na estância de Santana, no atual município de Capão do Leão. Aí e em Grande estudou com seu tio, o padre doutor, e durante dez anos preparou-se para o ingresso na Universidade de Coimbra.

- Que seu pai fora militar de primeira linha na especialidade de granadeiro e atingiu o posto de alferes equivalente a 2º tenente. Após, aposentou-se com cerca de 48 anos e 30 de serviços militares, indo residir na região de Pelotas atual , a partir de 1782.

- Que Hipólito viveu na região de Pelotas, então povoado São Francisco de Paula, a melhor parte de infância e toda a adolescência; daí o desejo manifestado mais tarde de retornar para a estância de Santana, cenário de seus dias mais felizes e de preparação para o desempenho de um relevante papel na Independência de sua pátria.

Hipólito sempre foi um **brasiliense** como o denominava o **brasileiro** em seu célebre **Correio Braziliense** e sobretudo um gaúcho brasiliense.

Nunca esqueceu a terra que escolheu como sua querência. E a maior evidência era seu desejo de para ela voltar.

**Nota:** Meu querido mestre de literatura no Colégio Gonzaga de Pelotas em 1949, o irmão lassalista Benildo Amadeu e hoje Irmão Jacob Parmagnani, escreveu o livro **Padre Doutor-Pedro Pereira Fernandes de Mesquita**. Canoas: Gráfica La Salle, 2002. Neste livro, nos honra com a publicação de nosso artigo "O repatriamento dos restos mortais do fundador da Imprensa Brasileira" às p.111,112 e 113, sendo que, na última, publica nosso retrato como comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá, 1981/82, tendo como legenda: "Coronel Cláudio Moreira Bento, historiador "iniciador do movimento pró-repatriação dos restos do Patrono da Imprensa Brasileira". E tenho a convicção de que o fui, através de três artigos no **Diário Popular** de Pelotas em 30 Jan, 01 e 02 Fev de 1972, sob o título "Pelotas e o fundador do jornalismo brasileiro". Artigos que repercutiram na Coluna de Arquimedes Fortini do **Correio do Povo** e, a partir desta, no **Estado de São Paulo** e no **Jornal do Brasil** em artigo de Alexandre Barbosa Sobrinho, presidente da ABI, que referiu "que a idéia da iniciativa do traslado dos restos mortais do patrono da Imprensa Brasileira, que deveria ter sido de um jornalista, o fora de um historiador militar e oficial do Exército". E daí a campanha tomou vulto só não se concretizando por não ter concordado com a idéia o governo inglês. Dentre outras repercussões, recordo a criação do Museu Hipólito da Costa em Porto Alegre e do concurso no qual concorremos com este trabalho, promovido pela Associação Rio Grandense de Imprensa, capitaneado por Alberto André e pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul.

E com apoio no mestre e amigo irmão Jacob, para melhor compor a moldura em que Hipólito da Costa viveu até os 18 anos, de seu livro precioso sobre o Padre Doutor, tiramos as seguintes conclusões:

- Que o Padre Doutor era homem importante em Colônia e no Rio Grande do Sul, onde foi capelão de um Regimento de Infantaria da Guarnição de Colônia e depois pároco da imensa paróquia de Rio Grande, de 1783 a

1793, além de haver sido vigário da Vara em Rio Grande até 1805, condição que equivalia a representante do bispo do Rio de Janeiro em Colônia, antes de vir para o Rio Grande. E mais, que havia estudado em Coimbra, condição que tornou possível educar seus sobrinhos, os irmãos Hipólito, Saturnino e padre Felício. Este, o primeiro pároco da freguesia de São Francisco de Paula, criada em 1812 junto com a de Canguçu, com o concurso do padre Doutor. Que o padre Doutor foi feito prisioneiro como capelão militar na conquista de Colônia do Sacramento, para onde se acredita tenha levado a sua família e em especial sua irmã e mãe de Hipólito, o seu único filho nascido até então. Padre Doutor que, desterrado em Buenos Aires, escreveu em 1778 a preciosa fonte histórica da tomada de Colônia pelo General D. Pedro Ceballos, intitulada **RELAÇÃO DA CONQUISTA DE COLÔNIA** pelo Doutor Padre Pedro Pereira Fernandes de Mesquita. E sobre este fato e gesto assim o reconheceu o comandante da Legião de Cavalaria do Rio Grande, o coronel Manoel Marques de Souza I, hoje denominação histórica da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada, cujas raízes históricas tem origem na citada Legião de Cavalaria. Ele atestou:

**...“Havendo sido capelão do Regimento da Praça da Colônia e tendo sido feito prisioneiro na perda da mesma em 1777, levado para os domínios da Espanha recolheu-se aos domínios de Sua Alteza Real logo que se fez a paz, transportando a sua custa a família e alguns soldados da tropa, igualmente prisioneiros”.**

Isto nos leva a crer que sua irmã, mãe de Hipólito, tenha sido prisioneira e levada junto com ela para Buenos Aires onde, libertados, vieram para Rio Grande e depois de 1780 para a região de Pelotas, que se iniciou a repovoar depois de liberta do domínio espanhol em 1766, com a expulsão dos espanhóis da Vila de Rio Grande.

- Que o padre Doutor, sendo proprietário da estância Santana em Capão do Leão atual, acreditamos que ficava mais em Rio Grande, onde era o pároco, de 1783 a 1793 (dos 9 aos 18 anos de Hipólito) e que, para dar a primorosa educação aos sobrinhos, estes deveriam passar longos períodos com ele em Rio Grande. Do contrário, como prepararia Hipólito da Costa para seguir em 1792 para cursar a Universidade de Coimbra. Assim é possível concluir que Hipólito esteve preso em Buenos Aires do 3 aos 4 anos com o tio e a mãe e que sua permanência em Rio Grande junto ao tio foi mais longa.

- Que o padre doutor em 1812, aos 83 anos, segundo o notável historiador dos lassalistas e meu inesquecível mestre de Literatura e Diretor no Colégio Gonzaga, o irmão Jacob, biógrafo do citado padre: “em 1812 ele teve a alegria de ver concretizado aquilo para o qual tanto se empenhara, a criação da paróquia (freguesia) de São Francisco de Paula (atual Pelotas) e a nomeação de seu sobrinho Padre Felício como seu pároco”. Acreditamos tenha o padre Doutor influenciado para a criação da freguesia de Canguçu, gêmea da de Pelotas no mesmo ano, conforme abordamos no livro lançado pela Academia Canguçuense de História **Os 200 anos da Igreja Matriz N.S. da Conceição de Canguçu**. Resende: Graf. Patronato, 1999. O padre

Doutor faleceu em sua Estância Santana, em Capão do Leão atual, em 27 de agosto de 1813, tendo sido levado para ser sepultado na igreja matriz, de São Pedro em Rio Grande. Estância Santana, depois vendida à família do Barão de Santa Tecla, passando então a ser conhecida a partir daí como estância Santa Tecla.

O padre Doutor muito bem preparou seus 3 sobrinhos: Hipólito, jornalismo e política, Felício, sacerdote e Saturnino, destaque na administração pública e no ensino. Foi uma excelente contribuição de meu mestre irmão Jacob à historiografia do Brasil, ao abordar pontos desconhecidos ou cobertos pela pátina dos tempos, permitindo aprofundamentos na vida de Hipólito da Costa, meu biografado.

# **Capítulo II**

## **VIDA DE HIPÓLITO EM PORTUGAL E NOS EEUU, 1792-1805**

**VIDA DE HIPÓLITO EM PORTUGAL  
MISSÃO NOS ESTADOS UNIDOS  
RETORNO A PORTUGAL**

## **VIDA DE HIPÓLITO EM PORTUGAL**

### **Estudos fundamentais**

O local onde Hipólito estudou para ingressar na Universidade de Coimbra é assunto controvertido. Há referência como sendo no Rio de Janeiro, mas eu me inclino por Rio Grande, onde seu tio, padre Doutor, foi o pároco de 1883 a 1793, quando Hipólito criou-se, dos 9 aos 18 anos, até ir para a Universidade de Coimbra em 1892.

Homem de Mello não menciona o assunto. Para Mecenas Dourado, provavelmente Hipólito tenha estudado na estância de Santana sob a orientação de seu tio, padre Mesquita, doutor em cânones. Pois a este tio referiu-se em termos filiais, em 22 Nov de 1798, em seu **Diário de Viagem a Filadélfia**, p. 50 (Dourado, op. cit., p. 31, v. 1).

Barbosa Lima Sobrinho refere que Hipólito "completara os estudos preliminares em Porto Alegre e viajara para Coimbra". (História da Imprensa **in: História da Independência**: Rio de Janeiro: A casa do livro, 1972, v. 2, p. 8-43)

Em relatório do governador do Continente de São Pedro do Sul (atual RS), já mencionado, aquela autoridade afirmava, em 10 Dez 1783, que a causa do alto índice de criminalidade no Continente "era por ignorância grassa em **razão da absoluta falta de mestres**"...

Nesta ocasião Hipólito possuía quase 10 anos. Residia com seu pai e por vezes seu tio, o padre doutor Mesquita, pároco da Vila de Rio Grande, na Estância de Santana, fazia cerca de um ano.

O próprio Hipólito forneceu elementos esclarecedores em seu trabalho: **Narrativa da perseguição**. Londres: W. Levis, 2 Pater Noster Row, 1811. Nele contava sua prisão pela Inquisição. (16)

De trecho dessa narrativa (Homem de Mello, op. cit., p. 236) conclui-se, à luz de outros elementos:

Hipólito aos nove anos já sabia ler e escrever. Nesta idade já se encontrava na região de Pelotas atual há um ano. Foi ali que teria começado a estudar gramática latina pelo livro texto: **O Novo Método**, do padre Antônio Pereira.

Além do latim estudou grego e "todas as línguas vivas que na Europa são necessárias".

Estudou estas línguas para ficar em condições "de aprender ciência, o que não poderia bem fazer sem entender os livros que nestas línguas são escritas".

Mais adiante, perguntado quais os graus acadêmicos que possuía respondeu: "Bacharel em Direito e em Filosofia e que estudara Matemática, Geografia, História e Letras".

Como no Rio Grande do Sul não havia mestres e Hipólito convivia com seu tio, **padre e doutor em cânones**, é lícito deduzir-se que este foi o seu mestre em latim e grego e outras matérias necessárias ao ingresso em Coimbra. E esta é nossa interpretação, a confirmar.

Seu pai poderia ter-lhe ajudado em Geometria, conhecimento indispensável a um oficial de Artilharia.

Seus irmãos, Felício e José Saturnino, mais moços do que ele, respectivamente 2 e 4 anos, também estudaram com o tio padre doutor.

Felício seria padre e o primeiro vigário colado da Freguesia de São Francisco de Paula, atual Pelotas, criada em 1812. Nesta função manteve-se até 1818, quando faleceu com 42 anos. José Saturnino radicou-se no Rio de Janeiro. Ali casou-se, com 37 anos. Foi deputado às Cortes de Lisboa e mais tarde senador do Império. Faleceu no Rio, em 7 de setembro de 1852, com 73 anos de idade.

É muito difícil acreditar-se que os três tenham estudado no Rio de Janeiro na infância e adolescência e sim, no início da mocidade.

## **Universitário em Coimbra**

Em 29 de outubro de 1792, Hipólito ingressou no primeiro ano de Matemática da Universidade de Coimbra. Dois a três dias após, na Faculdade de Filosofia.

Decorrido um ano ingressou na Faculdade de Direito.

Em 5 de junho de 1798, formava-se em Direito, com a idade aproximada de 24 anos, após 5 anos e meio de frequência na Universidade.

Não se dispõe de elementos para referir a vida universitária em Coimbra, onde gastou cerca de 1/10 de sua existência.

Quando Hipólito viajava para Portugal morria, pelo ideal de Independência do Brasil, em 21 de abril de 1792, seu irmão de maçonaria e de ideais de independência da pátria comum – o Alferes de Cavalaria José Joaquim da Silva Xavier – O Tiradentes.

Tiradentes atingiu o mesmo posto que seu pai, o de Alferes. Hoje é o Patrono Cívico do Brasil e Hipólito foi consagrado o Patrono do Jornalismo Brasileiro.

No **Correio Braziliense**, de Brasília, de 21 de abril de 1972, início dos festejos do sesquicentenário da Independência, tivemos o privilégio cívico de escrever sobre a contribuição destes dois grandes patriotas para nossa Independência.

A data coincidiu com o 160º aniversário do suplício de Tiradentes, 12º aniversário do **Correio Braziliense**, em Brasília, e daquela cidade, no Planalto Central sonhada por Hipólito.

No artigo sobre Hipólito reproduzíamos sugestão feita à Imprensa do Brasil, de trasladar-se os restos mortais de seu fundador para o Brasil, refletindo os artigos publicados no **Diário Popular** de Pelotas, de 30 Jan, 13 e 20 Fev 1972.

## **Exame de conduta moral**

Hipólito recebeu seu diploma de advogado, em 7 Ago 1798.

Passou no exame de conduta moral, estabelecido pela rainha D. Maria I, por Carta Régia de 3 de junho de 1792. Esta, decretada pouco antes do ingresso de Hipólito em Coimbra.

O exame era de caráter secreto. O resultado era enviado à rainha para escolher candidatos aproveitáveis no serviço público de Portugal.

O exame abrangia os seguintes aspectos:

Primeiro – **Procedimento e costumes.**

Segundo – **Merecimento literário.**

Terceiro – **Prudência, probidade e desinteresse.**

Oito professores votaram em Hipólito.

No primeiro aspecto, procedimento e costumes, teve um voto contra.

No segundo aspecto foi considerado muito bom para sete membros e bom para um.

No terceiro aspecto foi aprovado por unanimidade. (Dourado, op.cit. p.36,v. 1)

É de presumir-se que o mesmo professor que o reprovou no primeiro aspecto o tenha julgado bom em Literatura.

Era impossível para Hipólito, com seu temperamento, deixar de chocar-se, mesmo de leve, com algum mestre.

Mecenas Dourado atribui isso ao fato de Hipólito haver absorvido a doutrina Condillac, que não era bem vista na Universidade.

### **Funcionário público**

Em outubro de 1798, Hipólito da Costa foi admitido no serviço público de Portugal. Foi mandado servir no Ministério da Marinha e Negócios Ultramarinhos.

Talvez aí resida sua afinidade com assuntos de Marinha, cuja organização seria sua preocupação no **Correio Brasileiro**, após a nossa Independência.

À Marinha do Brasil ele destinaria seu filho José Tito, com 12 anos de idade.

José Tito combateu, com 16 anos, ao lado do tenente Joaquim Marques Lisboa – o mais tarde Almirante Tamandaré, atual patrono de nossa Marinha de Guerra.

A 29 de maio de 1828, o tenente Marques Lisboa comandando a escuna "Bela Maria", conseguiu aprisionar o brigue "Ocho de Febrero" em poder dos argentinos.

Ela havia sido tomada aos brasileiros. A "Bela Maria" defrontou-se com o barco inimigo próximo do Cabo Santo Agostinho. Este fugiu e encalhou nos baixios do Asegui, próximo ao Teuí. Após violento bombardeio, o barco inimigo se rendeu ao tenente Marques Lisboa.

Desta e de muitas ações participou o filho de Hipólito da Costa.

É muito provável que existisse uma ligação de amizade entre o tenente Marques Lisboa e a família de Hipólito no Brasil.

Tamandaré era natural do Rio Grande. Foi batizado com urgência por correr perigo sua vida, pelo Brigadeiro Manoel Marques de Souza I, Comandante da Fronteira do Rio Grande e, já referido anteriormente, como possuindo estância em terras dos municípios de Pedro Osório e Canguçu, próximo à Estância Santana, onde Hipólito teria vivido por 10 anos nos intervalos de seus estudos com o tio em Rio Grande.

**Nota:** O filho de Hipólito que aqui aparece como José Tito, é mencionado como Felix por seu descendente, o Cel Av Fernando Hypólito da Costa residente em Natal-RN que levantou dados genealógicos deste ramo brasileiro que figuram no último volume da edição fac similar do **Correio Braziliense** editado na Inglaterra.é uma questão a ser definida.

## **MISSÃO NOS ESTADOS UNIDOS**

### **Hipólito Agrônomo**

Em 22 de setembro de 1798, Hipólito recebeu instruções para o desempenho de sua primeira comissão. Esta, a se desenvolver nos EEUU e México.

Era enviado por um "ministro iluminado", voltado para questões diretamente ligadas ao desenvolvimento de Portugal, o célebre D. Rodrigo de Souza Coutinho, de cuja ação muito se beneficiou o Brasil, após a vinda da família real, em 1808.

Essa autoridade influenciaria Hipólito no sentido do gosto por questões econômicas. D. Rodrigo aproveitava em Hipólito, não o bacharel em Direito, mas o bacharel em Filosofia.

Esta abrangia, em Coimbra, os seguintes conhecimentos: Agricultura, Botânica, Zoologia, Mineralogia, Física, Química e Metalúrgia.

Iniciando por estudar Filosofia em Coimbra, é provável, segundo Mecenaz Dourado, que Hipólito tivesse a intenção de voltar a região de Pelotas atual, para dedicar-se a agricultura, após formar-se.

### **Desejo de retornar a Pelotas e dedicar-se à agricultura**

Em 1821, Hipólito revelou em carta a um irmão, o desejo de retornar a região de Pelotas atual e o seu acentuado gosto pela agricultura.

Queria adquirir a estância de Santana que fora vendida por seu pai.

Acrescentava:

"Logo que possa arranjar os negócios de minha família e cobrar o que aqui tenho, no Brasil vou me estabelecer **e nenhum país (lugar) me agrada mais do que o Rio Grande**".

E noutro trecho escreveu:

“Que esse bem sabia que ele (Hipólito) **sempre teve a maior inclinação pela cultura de terras “ou seja, pela agricultura.** (Furtado, Alcebiades. Biografia de Hipólito... **RIHGSP**, v. 17)

### **Missão de Hipólito nos EEUU e México**

A missão de Hipólito nos Estados Unidos e México tinha os seguintes objetivos, segundo **Instruções** recebidas do ministro em 22 Set 1798 (Doc. Arq. Nac. Coleç. Portugal, ex 766, pacote 4, 21).

**Objetivo Principal:** Obter no México o inseto e planta de **cochonilha**, modos de preparo e tratamento dos mesmos e enviá-los secretamente para o Brasil, iludindo a vigilância alfandegária.

**Objetivos secundários:** Estudar nos EEUU a cultura e a preparação do **fumo** da Virgínia e Maryland, verificando se era o mesmo cultivado no Brasil.

Enviar todas as notícias teóricas e práticas sobre o fumo, para aproveitamento antes de seu retorno.

- Idem, em relação ao cânhamo, velho problema português, já conhecido de Hipólito na sua adolescência, em Canguçu Velho, na Real Feitoria do Linho-Cânhamo do Rincão do Canguçu 1783-89, na Serra dos Tapes. Nessa época ela funcionava no Fachinal da Courita, no município atual de São Leopoldo, há 10 anos.

- Idem, em relação a cultura de batatas, pastagens artificiais, fertilizantes mais usados e um tipo de cana de açúcar chamado “acer sacharinus”.

- Estudar no México, além do **cochonilha**, todas as culturas daquele país, e mais:

- Métodos de exploração das minas de prata e ouro.

- Princípios de economia pública e privada utilizados.

- Estudo de obras e equipamentos hidráulicos usados na navegação dos rios e canais.

Isto mostra o bacharel em Agronomia, como diríamos hoje, procurando transferir para Portugal e para o Brasil, tecnologia ou **know how**.

De sua missão nos EEUU e México Hipólito deixou os seguintes trabalhos, publicados em data recente no Brasil.

( - ) **Copiador e registro de cartas de ofício**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1955.

( - ) **Diário da Viagem a Filadélfia**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1955.

( - ) Memória sobre a viagem os Estados Unidos - 24 Jan 1801. Rio de Janeiro , **RIHGB**, vol 21, p. 351-365.

Escreveu seis **Cadernos**. Estão referidos no **Diário de Viagem a Filadélfia**. São inéditos.

### **O repórter Hipólito**

**O Diário de sua viagem a Filadélfia** seria a primeira reportagem do atual patrono do jornalismo brasileiro.

Ele abrangeu suas observações sobre sua viagem e missão aos EEUU. (10 Out 1798 – 27 Dez 1799). Ou seja, um ano e dois meses. Permaneceu nos EEUU cerca de 20 meses.

Este trabalho tem despertado grande interesse nos pesquisadores, nos EEUU. Já existem algumas edições em inglês, patrocinadas pelas universidades de Pennsilvânia e Harvard. (Dourado, op. cit., p. 45, v. 1)

Ele contém observações sobre diversos assuntos. É uma impressão universal. Nada escapou à percepção de Hipólito.

Este trabalho como já mencionado, foi editado no Brasil em 1954, sob o patrocínio da Academia Brasileira de Letras. É minucioso e interessantíssimo, pelo valor de suas observações. Deve-se a uma iniciativa de Alceu Amoroso Lima.

### **Desempenho da missão**

Hipólito cumpriu o objetivo principal de transferir para Portugal e, após para o Brasil, **o inseto e a planta da cochonilha**.

Esteve em condições de enviá-los para Portugal, ou Brasil, em 25 de agosto de 1799. Pediu instruções sobre como proceder. Não recebeu resposta. Seu trabalho perdeu-se.

Quanto aos objetivos secundários realizou os seguintes:

Envio de sementes de 192 plantas para serem cultivadas no Brasil e Portugal.

Envio ao ministro de **Memórias** sobre os seguintes assuntos:

- Cultura e beneficiamento de cana de açúcar "acer saccharinum".

- Cultura e preparo do ginsão (cereja? cereja gigante?).

- Bomba hidráulica de navios que dispensam o trabalho humano.

- Tratado sobre o bicho da seda.

- Máquina americana para remover a lama que se acumula junto aos marachões (represas).

- Observações sobre a cultura e preparo da cochonilha.

- Memória sobre pastagens artificiais (prados artificiais).

- Método de construção de pontes de madeira com um só arco ("que deve ser preciosa para o Brasil onde existe abundância de madeira").

Enviava recortes de jornais americanos que abrangiam assuntos como:

- Ordem de Batalha da Marinha dos EEUU.

- Legislação sobre Higiene Pública.

- Causas e preservativos de moléstias epidêmicas.

- Contágio e tratamento da febre amarela.

Comunicava que os americanos esperavam bons resultados com chá e que estava convencido que esta plantação daria bons resultados no Brasil.

### **Experiências culturais**

Travou conhecimento com cientistas de nomeada: William Hamilton, Mülleberg, John Bastram, Humphrey Marshall, Charles Wilson Peale, Mittshell, Elias Boudinot, Benjamin Rush.

Tirou inclusive um curso de Medicina Prática, com o professor Benjamin Rush, "o maior físico dos Estados Unidos na época". A seguir estudou Anatomia. Era orgulhoso de seus conhecimentos médicos. Chegou a colaborar numa revista especializada **Medical Repository**.

Em outra ocasião, curou uma criança na hospedaria onde residia.

### **Amizades e relações**

Hipólito, no desempenho de suas funções, manteve contato com importantes personalidades:

Foi apresentado aos presidentes John Adams e Thomaz Jefferson.

Manteve relações oficiosas com dois secretários dos EEUU, Timothy Pickering e Oliver Walcott, contatos com Thomas Laiv, sobrinho político de George Washington, com Benjamin Franklin-Bache, neto de Benjamin Franklin e editor do jornal "**Aurora**", assinado por Hipólito durante um ano.

Privou com o general Eustace. Morou com o coronel Forest, em Germantown. Este era um veterano das guerras da Independência dos EEUU. Em sua casa Hipólito tocava piano. Era também músico, além de desenhar bem.

As ilustrações de seus trabalhos: plantas, máquinas e detalhes arquitetônicos, eram feitos por ele e "com muita segurança".

Em Nova York, Hipólito alugou um piano e o colocou em seu quarto. Foi obrigado a mudar-se para a Broadway nº 141. Seu hospedeiro estava atrasado nos aluguéis. Por uma lei local, o locador poderia, como garantia, reter as bagagens dos hóspedes. Hipólito mais que depressa retirou tudo o que pode à noite, deixando o piano alugado. Logo que seu hospedeiro pagou os aluguéis em atraso, Hipólito devolveu o piano.

## **RETORNO A PORTUGAL**

### **Colaborador do plano cultural de D. João**

Ao final de 1800, Hipólito retornou a Portugal, após quase dois anos de estadia nos Estados Unidos.

Possuía 26 anos e uma invejável bagagem cultural.

Nos dois anos seguintes trabalhou na execução do programa cultural do príncipe Regente D. João.

Em 7 de dezembro de 1801, Hipólito passou a integrar a Junta Administrativa, Econômica e Literária da Imprensa Régia, Tipografia Calcográfica e Literária do Arco do Cego, Lisboa.

Nela foram publicados alguns de seus trabalhos:

1 – **Descrição da árvore açucareira.** 1800, 36 páginas.

2 – **Descrição de uma máquina para tocar bomba a bordo dos navios sem o trabalho de homens.** 1800, 36 páginas. Este trabalho foi oferecido à Real Marinha Portuguesa. Foi reeditado, em 1955, pela Academia Brasileira de Letras.

3 – **Memória sobre a broncocele ou papo.** Tradução de trabalho de Benjamin Barton, professor de Medicina da Universidade de Pensilvânia.

Este trabalho foi prefaciado pelo príncipe Regente D. João. 1801.

4 – **História breve e autêntica do Banco da Inglaterra.** Tradução de E. Fortune, 1801.

5 – **Ensaio políticos e econômicos e filosóficos.** Tradução de Benjamin Runford, 2 v, 1801 e 1802.

### **Guerra de 1801**

Quando Hipólito se encontrava na Imprensa Régia, o Rio Grande do Sul era envolvido pela Guerra de 1801.

Dela resultou um aumento substancial do território deste estado.

É assunto pouco conhecido no Rio Grande do Sul em todas as suas complicações. Principalmente, a participação da Zona Sul do estado, onde Hipólito viveu 10 anos antes da guerra. Nesta ocasião, suas terras foram ameaçadas de serem doadas a terceiros, obrigando-o a recorrer a D. João, conforme mencionamos no início do trabalho.

**Nota:** Abordamos esta guerra com uma interpretação original, com base na História e não na Tradição, na **História da 3ª Região Militar**. Porto Alegre: 3ª RM/SENAI, 1994. V.1, p.131/139; **História da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada-Brigada Manoel Marques de Souza I**; Porto Alegre: Pallotti, 2001; na História da **3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada - Brigada Patrício Correia da Câmara**. Porto Alegre: Pallotti, 2002 e, inicialmente, em nosso **Canguçu, reencontro com a História-um exemplo de reconstrução de memória comunitária**. Porto Alegre: IEL, 1983. Versão diversa da tradicional, mitificada, como sendo iniciativa de aventureiros e não governamental.

### **Viagem à Inglaterra e à França**

Em abril de 1802 viajou à Inglaterra e à França em atividade maçônica, acobertado pela missão oficial de adquirir livros, máquinas e outros materiais para a Imprensa Régia. Demorou cerca de três meses na Inglaterra.

### **Preso pela Inquisição**

Ao retornar, foi preso em sua casa por ordem do Intendente Geral de Polícia, Diogo de Pina Manique, sob a acusação de ter viajado sem passaporte.

Mas a causa era o fato de ser maçom de longa data, falta considerada gravíssima em Portugal.

E teve início um longo período de sofrimento para Hipólito. Seis meses na prisão do Limoeiro e dois anos e meio nos cárceres da Inquisição, até evadir-se no início de 1805, auxiliado pela Maçonaria.

Levou consigo os regulamentos da Inquisição, publicando-os após.

Para testemunhar este período atribulado de sua vida, publicou o seguinte trabalho:

**Narrativa da Perseguição de Hippolyto Joseph da Costa Pereira Furtado de Mendonça, natural de Colônia do Sacramento no Rio da Prata, preso e processado em Lisboa pelo pretense crime de Framaçom ou pedreiro livre.** Londres: W. Lewis – 2, Pater Noster Row, 1811.

O trabalho publicava um retrato de Hipólito com 37 anos de idade, ornado com suas insígnias maçônicas.

Foi pintado por Harlow e gravado por H. R. Cook.

É o que publicamos no início deste trabalho.

### **Missão maçônica na Inglaterra**

Ao chegar em Portugal, Hipólito começou a desenvolver, secretamente, intensa atividade maçônica. Isso era proibido pela Inquisição.

Foi a Inglaterra representando quatro lojas portuguesas, desejosas de se unirem à maçonaria da Inglaterra.

Hipólito freqüentou ostensivamente a maçonaria inglesa. Em maio, celebrou um tratado de união com esta, na qualidade de procurador da maçonaria lusitana.

A notícia chegou a Portugal. Hipólito foi avisado que seria preso.

Mesmo assim, retornou com todos os papéis comprometedores.

De 1780 a 1805, período de Pina Manique na Intendência da Polícia de Portugal, "as idéias francesas e a maçonaria foram combatidas com determinação".

As lojas maçônicas de Portugal se disfarçaram em jogos, danças, e reuniões literárias e musicais.

Enquanto uns se entretinham, outros trabalhavam maçonicamente".

Existiam muitos maçons em Portugal, mas Hipólito se expusera demais.

Além da **Narrativa** de Hipólito sobre sua perseguição, citamos duas fontes, para os desejosos de ampliar conhecimento sobre o assunto.

CARVALHO, José Liberato Freire. **Memória da minha vida**. Lisboa: Tip. José B. Morando, 1855.

DOURADO, Mecenas. **Hipólito da Costa**. p. 80-100 (vide bibliografia).

HOMEM DE MELLO (Vide Bibliografia).

### **Nasce uma amizade**

Encontrava-se em Portugal o Duque de Sussex, filho do rei George III da Inglaterra, durante a prisão e processo de Hipólito.

O duque estava sendo processado por ter casado contra a vontade do pai. Este tratava de anular o casamento.

O duque se empenhou seriamente na libertação de Hipólito. Era maçom, como o rei e os príncipes ingleses.

Foi sob a orientação do duque que Hipólito foi à Inglaterra em missão maçônica.

Sob os auspícios desse príncipe, foi fundado o Oriente Lusitano, em 1804, cujo primeiro Grão Mestre teria sido Sebastião Sampaio, neto do Marquês de Pombal.

O Duque de Sussex desempenhou papel decisivo na libertação de Hipólito. Daí surgiu uma grande amizade.

Quando Hipólito fugiu para a Inglaterra, recebeu a proteção do príncipe, então irmão do rei da Inglaterra, e Grão Mestre da Maçonaria Inglesa a partir de 1814.

Como prova desta amizade, Hipólito batizou seu último filho com o nome do príncipe – Augusto Frederico. Filho que integrou o Exército Inglês até ser assassinado por bandidos junto com um colega numa praia de Hong Kong quando destacado na Ásia.

O belo necrológio existente na pequena igreja de Santa Maria Virgem em Hurley-on-Tames, onde Hipólito foi sepultado, é de autoria do duque de Sussex, seu amigo e protetor.

As palavras estão gravadas em mármore, afixadas nas paredes da igreja, próximo a campa onde Hipólito esteve sepultado por cerca de 180 anos. Em 20 de junho de 1972, o governo brasileiro homenageou Hipólito, através de seu embaixador na Inglaterra, Sérgio Correia da Costa (**Correio Braziliense**, Brasília, 28 Jun 1972).

Esta autoridade assim traduziu a inscrição de uma placa:

**"Dedicado à memória do comendador Hipólito da Costa, falecido em 11 de setembro de 1823, com 49 anos.**

**Um homem não menos ilustre pelo vigor de sua inteligência e habilidade em Ciência e Literatura, do que pela inteireza de sua educação e caráter.**

**Descendia de uma nobre família do Brasil. E durante os 18 anos em que viveu neste país (Inglaterra) de onde, através de numerosos e valiosos escritos, difundiu entre os habitantes daquele vasto Império o gosto pelo conhecimento útil, o afeto pelas artes que embelezam a vida e o amor pela liberdade constitucional, fundada na obediência à leis sadias e assentada nos princípios de benevolência e boa vontade entre os homens.**

**Um amigo que o conheceu e admirou suas qualidades, as recorda para o proveito da posteridade".**

Nesta ocasião, o Brasil, através de seu representante na Inglaterra, iniciava sua saudação com estas palavras de reconhecimento:

**"Reunimo-nos hoje, nesta igreja de Santa Maria Virgem para prestar homenagem à memória de Hipólito José da Costa, fundador da Imprensa Brasileira e cujo pensamento e idéias tanta influência tiveram na conquista de nossa Independência, em 1822".**

Esta cerimônia contou com a presença de dois casais da família Oliver Bellassis, respectivamente, tataranetos e bitataranetos de Hipólito.

Falou na ocasião o superintendente dos Diários Associados de Brasília, Goiás e Mato Grosso, Edílson Cid Varela,

dizendo das três razões de Assis Chateaubriand retirar do esquecimento Hipólito, “vulto extraordinário e sólido pilar da nacionalidade”:

1 – Admiração pelo jornalista vigoroso e indomável.

2 – Veneração ao profeta que anteviu Brasília.

3 – Veneração ao profeta que anteviu a grandeza de sua pátria – o Brasil.

No necrológio do Duque de Sussex ressaltam duas vigorosas qualidades morais: **inteireza de educação e de caráter.**

Delas deu grandes provas, durante sua prisão. Não delatou nenhum maçon português. Não traiu em um só momento sua educação, esta considerada no sentido ontológico. Jamais fez algo a que não fosse obrigado por lei.

Discutiu com firmeza, durante 3 anos de prisão, com os inquisidores, provando-lhes que ser maçon não era crime, pelas leis de Portugal, as quais acatava religiosamente.

Isto está evidenciado na **Narrativa de sua perseguição.**

Não ajoelhou-se perante seus inquisidores, que queriam humilhá-lo.

Respondeu que eles poderiam incorrer na ira do Santo Ofício.

Pois estavam exigindo idolatria que somente era devida a Deus.

“Descendia de uma família nobre do Brasil”. De fato, as famílias materna e paterna de Hipólito receberam o brasão de nobreza, em 1797, quando ele se encontrava no último ano de Coimbra.

Era um escudo partido em pala com as armas dos Costas e dos Pereiras e acha-se registrado no livro 5º, fl 174 no Cartório de Nobreza, segundo:

BAENA, Sanches, visconde. **Arquivo Heráldico Genealógico.** Lisboa, 1872, v. 1, p. 251).

Estas informações foram prestadas por Mecenaz Dourado (op. cit. p. 27, v. 1).

Difusão de cultura entre os brasileiros. O maior testemunho serão seus escritos no **Correio Braziliense**, que abordaremos a seguir, que o consagram:

- Como um dos maiores brasileiros de todos os tempos.
- Como o brasileiro mais culto de seu tempo.
- Com um dos maiores expoentes da Independência do Brasil.

E para toda a imprensa brasileira "o patrono, o modelo, a grande inspiração" (Editorial do **Jornal do Brasil**, Rio, 5 e 6 Mar 72).

# **Capítulo III**

**VIDA DE HIPÓLITO NA INGLATERRA,  
1805 – 1823**

**CORREIO BRAZILIENSE  
VIDA PRIVADA DE HIPÓLITO**

## **CORREIO BRAZILIENSE**

Hipólito, ao fugir da prisão, esteve escondido em Portugal durante seis meses, protegido pela Maçonaria. Encontrava-se em Lisboa, na época, seu irmão mais moço, José Saturnino.

Hipólito deixou Portugal disfarçado de criado. Dirigiu-se à Espanha e logo a seguir a Gibraltar. Daí foi transportado para a Inglaterra, onde chegou ao final de 1805, com a idade de 31 anos.

No exílio, Hipólito exerceu, segundo suas próprias palavras, "multiplicadas ocupações".

Não existem provas documentais sobre suas atividades. Esses documentos pertencem à Maçonaria.

Existem insinuações de ter sido professor de português, tradutor, corretor comercial, etc...

"Em 1808 ingressava na loja maçônica Antiquity. Passou a desempenhar grande papel na maçonaria inglesa".

Nesta ocasião começou a editar o **Correio Brasileiro**, além de exercitar outras atividades ligadas, inclusive, à independência da Colômbia e Chile, como agenciador de armas, munições e mercenários ingleses para as guerras de Independência nesses países.

Este tipo de serviço foi-lhe solicitado para o Brasil por José Bonifácio, para nossas guerras da Independência. A presença de diversos ingleses na nossa Marinha é um testemunho de sua participação na nossa Independência, além de sua ação jornalística.

Em 1822, auxiliou Simon Bolívar na obtenção de um empréstimo na Inglaterra, de 18 milhões de cruzados.

Em 1815, declararia possuir bens de fortuna.

Em 1817, casou com a filha de um homem abastado.

Em 1818, "possuía fundos no Banco da Escócia, o que lhe dava o direito de ser eleito para o Parlamento da Inglaterra".

“Em 1819, Hipólito, Leinster e o Duque de Sussex foram elevados ao grau 33 pelo Grande Oriente da França, com vistas à formação de um Supremo Conselho da Maçonaria Inglesa, com jurisdição sobre todo o Reino Unido”. (Dourado, op.cit., p. 120, v. 1)

Isto atesta a importância do brasileiro Hipólito, na direção da Maçonaria Inglesa, ao lado do príncipe, seu amigo.

Em 1823, como coroamento de sua obra e vida, Hipólito passou a freqüentar a corte da Inglaterra, a convite do Duque de Sussex.

Pouco após, foi nomeado cônsul do Brasil na Inglaterra, o que lhe impossibilitava de freqüentar a corte.

Pedi então, para ser nomeado Conselheiro de Embaixada o que lhe foi concedido. Ele não soube, pois morrera 5 dias antes de sua nomeação, aqui no Brasil.

Suas amizades na Inglaterra foram importantíssimas para o reconhecimento de nossa Independência.

Por todas estas razões foi que, ao sentir a grandeza desde grande vulto de nossa história, iniciei uma campanha, em 30 Jan 72, como historiador, no sentido de homenagear condignamente, Hipólito da Costa no sesquicentenário de nossa Independência, visando particularmente a nossa Imprensa, da qual ele é considerado o fundador e o seu patrono e sugerindo o traslado dos seus restos mortais para a região onde vivera como menino e adolescente e para onde manifestara desejo de retornar.

Mais tarde, através de artigo, Austragésilo Athayde, Presidente da Academia Brasileira de Letras dizia: “estranhar a falta de preocupação em lembrar devida e honradamente os nomes dos jornalistas que prepararam o ambiente moral e intelectual de nossa independência, à frente dos quais está Hipólito José da Costa, em cujos conselhos e moderação de equilíbrio e de sabedoria política, é possível identificar a linha mais constante e pura do jornalismo brasileiro”. (Editorial. **Correio Braziliense**, Brasília, 11 Jun 1972)

E Hipólito tem sido homenageado e bastante lembrado como o demonstraremos no final do trabalho. Por enquanto diríamos:

Em 1954, a Academia Brasileira de Letras publicou dois de seus trabalhos por iniciativa de Alceu Amoroso Lima. (**Jornal do Brasil**, 5 e 6 Jul 72)

Em 1956, o Exército, o homenageou, através de publicação, por sua biblioteca, da obra de Mecenaz Dourado.

Em 1960, houve a criação do **Correio Braziliense** em Brasília.

### **Correio Braziliense**

O **Correio Braziliense**, ou **Armazém Literário**, foi editado de Jun 1808 a Dez 1822.

A distribuição das matérias obedecia ao seguinte esquema:

Política, Comércio e Artes, Literatura e Ciências, Miscelânea e Reflexões sobre as novidades do mês.

Nas reflexões eram debatidos assuntos relativos ao Brasil.

A publicação era mensal. Ao final do ano formava dois volumes, num total de 1.400 a 2.000 páginas.

Foram editados de 1808 a 1822, durante 14 anos e meio, 29 volumes, num total aproximado de cerca de 20.000 páginas.

Homem de Mello referiu, 101 anos atrás, existirem as seguintes coleções no Brasil: na Biblioteca Nacional uma coleção, faltando o volume 29, ou seja, o último. No Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – 17 volumes, faltando 12 volumes.

**Nota:** A Imprensa do Estado de São Paulo e a UNB-Brasília lançaram em 2002 edição fac-similar do jornal, numa coleção de 3 volumes, numa tiragem de 3.500 exemplares. Código 12.0.812.586.

### **Brasileiro e brasiliense**

Neste jornal Hipólito adjetivava o **brasileiro** de **brasiliense**.

Brasiliano era o termo que usava para designar os índios do Brasil.

Brasileiro designava o português europeu ou estrangeiro que negociava com o Brasil, ou que aqui se estabelecia a negócios.

Portanto, no seu entendimento, o jornal se chamaria hoje, **Correio Brasileiro**.

O **Correio Braziliense**, de Brasília, não tem o sentido de ser um jornal brasiliense, adjetivo que designa os filhos de Brasília. É a continuação em Brasília, de seu jornal editado na Inglaterra.

O **Correio Braziliense** foi editado durante três anos nas oficinas de W. Lewis – 2, Pater Noster Row.

A partir desta data, passou a ser editado em oficina própria de Hipólito. Na folha de rosto os seguintes versos de Camões:

**“Na quarta parte nova os campos ara  
E se mais mundo houvera lá chegara”.**

Canto II, estrofe 14.

Estes versos são mantidos pelo **Correio Braziliense** de Brasília,

### **Homem de Mello e Hipólito**

O primeiro biógrafo de Hipólito foi sem dúvida o barão Homem de Mello, em artigo publicado na **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**, Tomo 35, parte II, p. 203-245, ano 1871.

Isto, 48 anos após a morte de Hipólito. Não fora seu trabalho, este grande vulto talvez não emergisse do esquecimento.

Dizia Homem de Mello nas considerações iniciais de seu trabalho:

“Na grande obra de emancipação do Brasil e organização política do Império, distinguiram-se muitos brasileiros notáveis

pelos seus serviços à causa pública e conquistaram um lugar de honra na história do país...

...Mas, o nome do publicista eminente, que na época agitada da Independência, armado de cólera do patriotismo, intimou à metrópole os direitos da oprimida colônia do Brasil:

Esse nome venerando não recebeu ainda o tributo que é devido, pela dedicação que votou em sua existência à liberdade política de sua pátria.

Entre esses audaciosos roteadores do futuro, que são os publicistas, avulta Hyppolito José da Costa Pereira, como o primeiro que entre nós honrou a carreira de escritor público e abriu a seus concidadãos a esteira luminosa seguida depois com tanto brilho por..."

Homem de Mello transcreveu importantes pensamentos de Hipólito emitidos na **Narrativa de sua perseguição** e no **Correio Braziliense**.

Entre elas ressalto a seguinte declaração de Hipólito para o Tribunal da Inquisição:

"Não haver em Portugal lei alguma a que proibisse a Maçonaria, não podendo para ele ser crime o alistar-se maçom, sendo uma consequência da liberdade civil a facilidade moral que tem cada cidadão de fazer tudo o que não seja proibido por lei".

### **A idéia do Correio Braziliense**

Em 1807, forças de Napoleão ocuparam a Espanha e Portugal. O rei de Espanha foi aprisionado por Napoleão.

A Família Real portuguesa conseguiu escapar e transferir-se para o Brasil, em janeiro de 1808.

Muitos portugueses se refugiaram na Inglaterra, inimiga de Napoleão.

Hipólito percebeu a magnífica oportunidade que se abria para sua pátria, o Brasil, com a transferência da capital do reino para o Rio.

E aproveitou a oportunidade para, com seus escritos, contribuir, gradativamente, para a redenção social, política e econômica do Brasil.

Considerava que através de seu jornal livre poderia contribuir para a educação e desenvolvimento do Brasil.

E, liberdade de imprensa existia somente na Inglaterra.

O seu Rio Grande amado beneficiou-se da vinda da Família Real. Antes mesmo que ela deixasse Portugal.

Pois, em 19 de setembro de 1807, era elevado à categoria de capitania independente com o nome de Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul. Pouco após eram criados seus quatro primeiros municípios:

Porto Alegre, 23 Ago 1808; Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha, em 7 Out 1809.

Foram criadas diversas capelas curadas e freguesias.

Pelotas atual, em cuja região vivera, seria elevada à categoria de freguesia em 1812, no mesmo ano de Canguçu, Piratini e Jaguarão.

**Nota:** o Barão Homem de Mello faleceu em 1918, em Itatiaia atual, durante a Gripe Espanhola, em seu sítio, à direita da saída da ponte sobre o riacho da estrada que leva ao Parque Nacional do Itatiaia. Em 1979 fundamos, com a presença de Dante de Laytano, na Associação Educacional D. Bosco, a Delegacia Barão Homem de Mello, em Resende, da Academia Brasileira de História. Delegacia que, extinta, deu origem a Academia Resendense de História, por nós fundada em 1992. Logo depois, fundamos também a Academia Itatiaense de História, onde assumimos a cadeira Barão Homen de Mello, personagem ligado à construção da ferrovia Rio-São Paulo e ao turismo no maciço de Itatiaia. E a ele, concluo que se está muito a dever, no resgate inicial da vida e obra de Hipólito da Costa.

### **Mensagem de Hipólito**

Em junho de 1808 Hipólito lançou o primeiro número do **Correio Braziliense**. Usou um estilo simples e comunicativo, acessível a todos os leitores. Aqui revelou o que hoje chamaríamos de **comunicador social**.

Ou seja, transmitir mensagens sem obscuridade, para uma grande faixa de públicos, em linguagem do dia a dia, sem preocupação literária.

Objetivava esclarecer os brasileiros sobre diversos assuntos, preparando sua pátria para um melhor destino.

Criticava Portugal que após haver obtido sua independência, graças à ação de jornais políticos, negava ao Brasil a existência de imprensa.

“O vasto império do Brasil, o qual poderá um dia rivalizar, pela sua posição e local em que a natureza o pôs, às primeiras potências do mundo”.

E prosseguia, dizendo qual o seu objetivo para contornar essa orientação portuguesa:

**“Levado por sentimentos de patriotismo, e desejando esclarecer meus patriotas (os brasileiros) sobre fatos políticos, civis e literários da Europa, empreendi este projeto, o qual espero mereça a geral aceitação daqueles aos quais o dedico (aos brasileiros)”.**

### **Jornal dirigido ao Brasil**

Sintetizando o objetivo de Hipólito em relação ao Brasil:

**“Feliz de mim se puder transmitir ao longínquo e tranqüilo Brasil, em português, os acontecimentos da Europa, que a ambição dos homens a está conduzido ao estado de barbárie.**

**O seu único desejo será acertar, na opinião geral dos brasileiros.**

**E para isso dedico todas as minhas forças, persuadido que meu trabalho atingirá o objetivo de esperança a que me propus.**

**Ocupado com meu objetivo principal que é o Brasil, serão seus negócios importantes que merecerão particularmente a atenção do Correio Braziliense.**

**Deste modo, pouco diremos a respeito de Portugal, a não ser no que se relacione ao Brasil”.**

Era um jornal brasileiro voltado para os negócios do Brasil e editado por um patriota brasileiro.

Teve de ser editado no estrangeiro, em razão da ausência de liberdade de imprensa no Brasil e Portugal.

Hipólito elucidava para os brasileiros todos os problemas ligados ao Brasil. Elogiava os atos do governo colonial ou, criticava-os, conforme o caso.

### **Proibição de seu jornal no Brasil**

Por diversas vezes o jornal foi proibido em Portugal e no Brasil.

As proibições eram inúteis. A abertura dos portos, em 1808, e a "existência de numerosos maçons do Brasil" tornaram estas medidas inúteis.

O jornal era disputado com avidez pelos brasileiros.

A Maçonaria já existia no Brasil. A Inconfidência Mineira foi por eles realizada. Tiradentes teria sido maçom.

No início do jornal, Hipólito começou a difundir ideais maçônicos.

Em 1808, o embaixador português na Inglaterra escrevia a Portugal, dizendo temer a entrada no Brasil do **Correio Braziliense**.

"Por que lá já está cheio deles". Referia-se aos maçons.

O edital que proibia a entrada de seu jornal no Brasil foi estampado na primeira página do volume 19.

"O Príncipe Regente, nosso senhor, tem sido servido determinar imediatamente que se proíba neste reino e seus domínios a entrada e publicação do periódico intitulado **Correio Braziliense**, assim como todos os demais escritos do seu **furioso e malévolos autor...**"

Data: 12 Mar 1812 (Homem de Mello, op. cit., p. 242)

### **Correio Braziliense apreendido no Rio Grande**

Em 6 de dezembro de 1810, D. Diogo de Souza, governador e capitão general da Capitania do Rio Grande de São Pedro, comunicava à Côrte ter mandado recolher à secretaria de seu governo exemplares do **Correio Braziliense**.

Sua apreensão foi realizada numa "casa de conferência mercantil" de Porto Alegre.

D. Diogo concordara com seus diretores que importassem jornais estrangeiros para serem lidos naquela casa, após liberados por seu governo.

Os números apreendidos foram os 23, 24, 26 e 27.

D. Diogo pediu instruções de como proceder, "pois ouvira dizer que o periódico estava proibido na Côrte".

Em 13 de março de 1811, comunicava, de seu acampamento em Bagé atual, estar ciente da aprovação pelo príncipe, do ato anteriormente mencionado.

Em consequência tinha tomado providências para vedar, no futuro, a circulação do **Correio Braziliense** na capitania (Homem de Mello, op. cit. p. 243, transcreve ofícios).

Dáí conclui-se que o **Correio Braziliense** entrou sem restrições no Rio Grande do Sul durante dois anos e meio.

Nesta época, no Rio Grande do Sul, o Exército Pacificador da Banda Oriental preparava-se, em Bagé atual, para invadir a Banda Oriental.

### **Um elogio**

Em 8 de maio de 1808, foi criada a Imprensa Régia no Brasil.

Hipólito, no número de novembro de 1808, elogiou com grande júbilo o ato de D. João "**com estes esforços para promover a felicidade dos brasileiros**" e completava que o príncipe não possuía em seu serviço, "nenhum ministro, nem mais inteligente, nem mais desinteressado do que D. Rodrigo de Souza Coutinho, e de seu patriotismo não quero outra prova senão o decreto que acabei de transcrever". (**Correio Braziliense**, 1º, p. 518, Nov. 1808)

Esta imprensa foi a pioneira em território brasileiro.

## **Despedidas do Correio Braziliense**

Após longos 13 anos e meio de luta do **Correio Braziliense** por um Brasil melhor, com a proclamação da Independência, Hipólito deixou de publicá-lo em dezembro de 1822.

Cumprira o objetivo a que se propusera, ajudar sua pátria a conquistar um melhor destino.

Sintetizamos o pensamento de Hipólito nas despedidas do **Correio Braziliense**:

**“O Correio Braziliense sempre teve como objetivo principal o trato de problemas do Brasil.**

**Desde alguns meses tem se ocupado de sua Independência ou de assuntos de Portugal que digam respeito a esse objetivo.**

**A proclamação da Independência do Brasil tornou dispensável meu trabalho de enviar para minha pátria as novidades do mundo.**

**Agora existe liberdade de imprensa no Brasil.**

**Os muitos jornais publicados em suas cidades se encarregarão doravante desta tarefa, antes tão vital que eu a fizesse.**

**Deixará o Correio Braziliense de ser impresso mensalmente. Somente será editado quando se oferecer assunto que julgamos nosso dever opinar a bem de nossa pátria – o Brasil”.**

## **Hipólito e a Independência**

Hipólito não era adepto de um Brasil independente e, sim, de um Brasil unido a Portugal, em pé de igualdade. Não como colônia.

Sua ação através de seu jornal visava obter a redenção social, política e econômica de sua pátria, dentro do Império português.

Lutou pela constitucionalização de Portugal. Isto lhe trouxe uma decepção, após concretizada.

As Cortes de Lisboa obrigaram, por sua atitude injusta para com o Brasil, que optasse pela independência de sua pátria e que pregasse essa idéia como única solução.

Hipólito temia que a Independência do Brasil, sob a forma republicana, acarretasse sua fragmentação em diversas partes, como acontecera às colônias espanholas da América do Sul.

Possuía, como San Martin, a visão de que a monarquia constitucional era a única maneira de manter a unidade das colônias espanholas e do Brasil, quando se tornassem independentes.

O tribunal da História provou que seu ponto de vista e o de San Martin eram certos e realistas.

### **A Revolução ideal para Hipólito**

Hipólito classificava as revoluções em graduais e repentinas. Estas, infecundas e contraproducentes.

A revolução gradual era a forma positiva.

Seria obtida orientando-se a opinião pública no sentido de reformar costumes através da educação e por oferecer àquela, orientação, com vistas ao progresso e bem-estar da nação.

O progresso dizia: "**será obtido por meios pacíficos originários do conhecimento científico e da educação**".

### **Hipólito e a Educação**

Hipólito dedicou especial atenção em seu jornal à educação de seus compatriotas, esta, no seu duplo sentido – **instrução e educação**.

Apresentou brilhantes sugestões para um melhor ensino primário no Brasil e Portugal.

Deu especial atenção ao estudo comparativo entre as constituições da Inglaterra e Portugal. Após nossa independência, publicou em seu jornal uma sugestão de constituição para o Brasil.

Todos estes assuntos visavam a educação democrática dos homens públicos de Portugal e Brasil.

Na atualidade brasileira, parece estar reservado um papel importante para a imprensa televisada, na educação assistemática do povo brasileiro. Essa, dentro das bases filosóficas e legais sobre as quais se erigiu a nação que Hipólito ajudou a nascer. Nação regida por uma constituição decretada e promulgada pelo Congresso Nacional sob a invocação da proteção de Deus, que ilumina toda nossa legislação, no dizer de Pontes de Miranda.

Uma televisão que contribua, por instruir e educar divertindo, para a construção de uma grande nação. Será que Hipólito aprovaria no todo a atual TV do Brasil??

### **Hipólito e a Economia Política**

Hipólito sempre teve grande interesse por assuntos de Economia Política.

Adquiriu noções desse assunto como autodidata.

Em 1819 criticava a Universidade de Coimbra:

“Os estudos de Economia Política são proibidos na Universidade de Coimbra e não sabemos que existam no Reino, escolas em que isto se aprenda”. (**Correio Braziliense**, Jan 1819, v. 22, p. 84)

Transcreveu em seu jornal a obra do economista suíço Simone de Sismonde.

### **Alguns pensamentos de Hipólito**

Hipólito da Costa, ao longo de sua vida emitiu conceitos sobre diversos assuntos. Transcrevo alguns, emitidos durante 14 anos e meio no **Correio Braziliense** e que sintetizam sua luta por um Brasil melhor, livre, mais justo e perfeito.

**Antevisão de Brasília:** Recomendava aos cortesãos do Rio, como gratidão do acolhimento brasileiro, a escolha de outra capital “em um país do interior central, imediato às cabeceiras dos grandes rios e ali edificarem uma nova cidade. Começariam

por abrir estradas que se dirigissem a todos os portos do mar e removeriam os obstáculos que tem os rios naturais.

Uma situação que se pode comparar com a descrição que temos do paraíso terreal". (**Correio Braziliense**, v. 17, p. 96)

O local escolhido seria **"um ponto central nas cabeceiras do Rio São Francisco. Em sua vizinhança estão as vertentes de caudalosos rios que se dirigem ao norte, ao sul, ao nordeste e sueste; vastas campinas para criação de gado, pedras em abundância para toda a sorte de edifícios, madeiras de construção para todas as necessidades e minas riquíssimas de toda a qualidade de metais..."** (**Correio Braziliense** , v. 20, p. 613)

Mais tarde continuava a insistir na interiorização da capital, hoje uma realidade incontestada.

"Quanto ao local, recomendaríamos a parte mais setentrional de Minas, como sendo, **por enquanto**, o ponto central mais habitado do Brasil" (**Correio Braziliense**, Abr 1822, v. 28).

O lugar do governo provisório do Brasil não deve ser o Rio de Janeiro, mas algum lugar no interior". (**Correio Braziliense**, Set 1822, v. 28)

Defendo a idéia "que temos mais de uma vez recomendado, de haver no Brasil uma capital central". (**Correio Braziliense**, Out 1822, v. 29)

**Colonialismo:** "Acostumadas, as nações européias, a olharem para as nações americanas com os mesmos olhos com que as viam há três séculos, considerando-as pequenos presídios ou meras feitorias de comércio, se esqueceram da importância que estas colônias adquiriram..."

Quando D. João se mudou para o Brasil sua Côrte era toda composta de europeus. E europeus foram sempre todos os seus ministros... Na exuberante nomeação de títulos de nobreza que se concederam durante a estada da Côrte no Rio de Janeiro, não houve filho nenhum do Brasil elevado a essa dignidade. Eram os brasileiros chamados de irmãos para

pagarem tributos e para levarem o peso dos cargos públicos. As contemplações tocavam aos irmãos europeus”.

**Reação da administração colonial do Brasil:** “Ninguém tem atacado mais os defeitos da administração do Brasil que o **Correio Braziliense**. Começou este periódico há 11 anos só para este fim, sendo acidentais as outras matérias... já porque escrevendo contra os defeitos da administração, todas as pessoas em autoridade, principalmente as em quem se fala diretamente, devem ser inimigas dessa obra e embaraçar-lhe os meios de obter informações autênticas”.

**Dia do Fico:** O decreto das Cortes obrigando o príncipe a retornar para Portugal “é impolítico em mais de um sentido. E, por não considerarem isso, se expuseram às Cortes ao deixar de se verem desobedecidas, o que será um golpe fatal a seu poder moral no Brasil”. (**Correio Braziliense**, Mar 1822, v. 28, p. 266-290).

**Independência:** “Uma provocação mais e os brasilienses darão seu último passo para a Independência. E é natural quando chegar ao Brasil a notícia da forma de governo político que as Cortes de Lisboa prepararam para ele”.

**Aplauso à Independência do Brasil:** “Aprovamos mui cordialmente, a declaração de independência do Brasil, persuadidos há muito tempo que não havia outro meio de se conduzir com regularidade e tranqüilidade os negócios públicos dos brasilienses...”

... Nestes termos, os brasilienses patriotas que tinham influência no Brasil, deviam as suas consciências, deviam a seus concidadãos, deviam a posteridade e ao mundo, prevenir a tempo esses males da anarquia, declarando a sua Independência...”.

**Adesão à nacionalidade brasileira:** Comecei a dirigir-me as coisas do Brasil, porque provendo a cisão da monarquia portuguesa, por dever e por persuasão, forçoso era juntar-me aquela das duas partes desligadas aonde tenha nascido, e que mais imediatamente tem direitos a meus serviços, visto que em tal caso era impossível ficar neutral”. (**RIHGB**, Tomo 22, p. 437-439).

**Escolha de governantes para o Brasil:** É preciso atender com igualdade todas as províncias do Brasil, que por vontade própria queiram unir-se ao príncipe. Ir buscar o mérito aonde quer que se encontre, **proscrevendo o sistema antigo de dar funções para acomodar os homens** em detrimento dos homens que sirvam para as funções”.

**Segurança interna e externa:** “**Os soldados servem para defender o país dos inimigos externos.** Quando o interior, as leis devem ser tais que cada juiz da vintena seja capaz de se fazer obedecer todas as vezes que falar em nome da lei. E todo o governo que não puder conservar-se assim, não merece o trabalho de se manter. (**Correio Braziliense** , nº 28, maio 1822).

**Forças navais do Brasil:** Seria inútil ao Brasil condecorar-se Império e ver-se sujeito à suas costas serem varridas por duas fragatas velhas de Portugal. **E seria descuido injustificável declarar-se nação independente, sem adquirir os meios de sustentá-la. E esses meios não são outros que a criação de uma poderosa força naval.**

**Sem esta não haverá segurança, comércio livre, riquezas, caráter nacional e prosperidade individual.**

**Papel do Senado:** “Conciliar a autoridade do monarca com a dos representantes do povo... pelo respeito que deve inspirar uma corporação com atribuições mais duradouras e permanentes do que as de mera função legislativa”.

**Funcionários e autoridades:** “Quanto aos funcionários públicos e autoridades. O seu caráter pessoal, seus atributos morais e habilidade devem ser a razão de sua qualidade de empregados do Estado, por que deles depende a felicidade ou infelicidade da nação. E como para remover o mal é necessário remover a causa, não existe outro meio senão apontar os vícios dos indivíduos constituídos em dignidade pública, para que conhecidos sejam depostos” (**Correio Braziliense**, v. 3, Dez 1809, p. 667).

**Dever do governo:** “O governo tem a obrigação de promover o bem público, mas **não o de fomentar e seguir a falsa opinião do público**”. (**Correio Braziliense**, idem).

**Popularidade:** "As medidas de um governo não são boas ou más, porque sejam ou deixem de ser populares..."

Se infelizmente o povo vai contra alguma medida justa ou política do governo, **é o dever dos escritores guiar a opinião pública e nunca favorecer os erros ou prejuízos à nação.** (*Correio Braziliense*, idem).

**Demagogos e "Revolucionários":** São os que lisonjeiam sempre os prejuízos e a opinião do público, para tirarem disso partido, pescando nas águas turvas. Promover o bem público e fomentar os prejuízos do povo são coisas mui diferentes". (*Correio Braziliense*, idem).

**Escravidão:** "É contradição uma nação tornar-se livre e blasonar em todas as partes e tempos sua liberdade e manter dentro de si a escravatura. Isto é idêntico ao costume oposto à liberdade..."

...Mas se a abolição repentina seria um absurdo rematado, sua perpetuação num sistema de liberdade constitucional é uma contradição tão grande que uma ou outra deve acabar.

Os brasilienses devem escolher uma dessas alternativas..."

### **O historiador**

Hipólito possuiu acentuado gosto pela História. Ao chegar nos Estados Unidos uma das suas primeiras preocupações foi estudar a história desse país.

Em 1809, prefaciou, editou e colaborou com o capítulo referente ao reinado de D. Maria na seguinte obra:

**História de Portugal.** Londres: Oficina de Wingrave T. Bossey; Dulan e Cia e Lace Kington. Allem e Cia, 1809, 2ª ed.

A primeira edição da obra fora em 1802, por um grupo de literatos, em inglês.

Antônio de Moraes a traduziu para o português. Hipólito escreveu sobre o reinado de D. Maria, com deferência e proclamando o mérito de sua administração. Voltou suas críticas para o seu algoz – Pina Manique.

Através do **Correio Braziliense** comunicou estar escrevendo uma **História do Brasil**. Em consequência, o visconde de Cairu que se dedicava à mesma tarefa, desistiu. Alegou que abandonava o projeto porque Hipólito possuía capacidade para fazer algo melhor. Lamentavelmente seu trabalho não foi encontrado.

Em 1820, escreveu em inglês:

**Sketch for the History of the Dionysian Artificers.**

London: Missers, Shewood, Nelly and Jones, Paternoster Row, 1820. 47 páginas.

Era trabalho maçônico. Procurava demonstrar que as origens da maçonaria encontravam-se em seitas filosóficas da Grécia clássica.

Foi republicada em 1836, na Califórnia-EEUU, pela The Philosophical Research Society Press.

Acreditava que seu jornal seria uma preciosa fonte da História do Brasil. E cuidava para que o **Correio Braziliense** desempenhasse este papel.

E de fato, constituiu-se em preciosa fonte da História do Brasil, (1808-1822).

## **VIDA PRIVADA DE HIPÓLITO**

Em 1955, eram desconhecidos diversos detalhes da vida privada de Hipólito na Inglaterra.

Eles foram revelados pela revista **O Cruzeiro**, de 29 de outubro de 1955, em reportagem assinada por Carlos Rizzini.

O autor faz justiça ao diplomata brasileiro Gastão Nothman, como o responsável pela pesquisa reveladora de muitos detalhes, por ele buscados sem êxito.

Segundo Rizzini, em sua reportagem, "A descoberta do túmulo de Hipólito, do qual não havia a menor notícia ou referência, constituiu o ponto alto das buscas do diplomata Gastão Nothman.

Praticamente, o pesquisador esquadrinhou todas as igrejas e arquivos dos distritos e subúrbios de Londres e dos condados vizinhos, durante mais de dois anos".

Conclui-se que o mérito das pesquisas que culminaram com a descoberta do túmulo e detalhes da vida privada e descendência de Hipólito, deve-se a esse diplomata brasileiro. Rizzini as difundiu, complementando-as com síntese das informações publicadas, em 1946, em seu livro: **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil**.

### **Esposa de Hipólito**

Hipólito casou, em julho de 1817, na igreja de Santa Maria, paróquia de Lambeth, Londres, com Mary Ann Troughton.

Seu sogro, Richard Troughton, era abastado funcionário aduaneiro, com residências em Vanschall, Londres e em Hurley, condado de Berkshire. Neste local, seria sepultado Hipólito.

Testemunharam o consórcio o pai da noiva, o Conde de Sussex e o casal Grant.

O casamento durou seis anos. Foi interrompido com a morte de Hipólito.

Hipólito possuía 43 anos e a noiva 20. Da união nasceram três filhos.

Sua viúva casou mais duas vezes. Na primeira com um cidadão chamado Glinn e, na segunda, em 1841, com Robert Melville, filho do célebre matemático e militar James Glenie.

Mary Ann faleceu em 15 de março de 1866, em Gillinghem, condado de Kent.

**Retrato de Hipólito, ampliado de pintura em jóia pertencente à família e conservada por sua tataraneta Sra. Cel Oliver Bellassis, trazendo no verso a seguinte dedicatória: "Comendador Hyppolito Joseph da Costa Pereira Furtado, encarregado dos negócios do Imperador do Brasil e redator do Correio Braziliense. Para minha esposa Mary Ann Costa, 1823". Fonte: Revista O Cruzeiro, 29 Out 1955.**

### **Filhas de Hipólito**

Augusta Carolina, nascida em 1818. Contraindo matrimônio com seu primo Adolphus Charles Troughon. Não deixou descendentes. Foi testemunha do segundo casamento da mãe.

Ann Shirley, nascida, em novembro de 1819 e batizada, em 18 de janeiro de 1820, na igreja St Mary Abbott's em Kensington. (ver certidão op. cit.)

Casou em 1850 com o tenente de Engenharia Whitworth Porter.

Este casal teve dois filhos, que deram origem à descendência de Hipólito – Reginald e Catherine.



**1- Mary Ann, esposa de Hipólito. 2- Ann Shirley, sua neta. 3- n/idf. 4- Cel de Engenheiros do Exército Inglês Whitworth. 5- Capitão de Engenheiros do Exército Inglês Reginald Costa Porter, neto de Hipólito e morto em acidente na ilha de Malta. 6- Sra. John Oliver Bellassis, tataraneta de Hipólito e à direita seu filho Charles Oliver Bellassis e sua jovem esposa. Ver texto. Fonte: O Cruzeiro, 29Out1955 e 12Jul 1922).**

## **Filho de Hipólito**

Augustus Frederick Hipólito da Costa, nascido em 1821 e batizado na mesma igreja que sua irmã. Seu nome é a combinação do nome do duque de Sussex, seu padrinho, e do pai.

Seguiu a carreira das armas na Inglaterra.

Em março de 1839, com 18 anos, é 2º tenente do Real Corpo de Engenheiros do Exército Inglês.

Em setembro de 1841, 1º tenente. Em 1847, capitão. Nesta ocasião foi destacado na Ásia.

Em 25 de fevereiro de 1849, com 28 anos de idade, foi assaltado e assassinado em Hong Kong por piratas chineses, juntamente com o tenente Dwyer, quando transitavam pela praia de Whag-Ma-Kok.

Deste modo trágico, morreu o filho legítimo de Hipólito, como capitão de Engenharia do Exército Inglês.

Seis meses após faleceu o seu padrasto, no posto de tenente-coronel de Engenharia. Acreditamos que tenha influenciado na carreira do enteado, pois, no seu testamento, legava-lhe suas pistolas.

Sua mãe e irmãs, na mesma capela onde fora sepultado seu pai, mandaram escrever na lápide em sua memória:

“By his devoted and broken hearted mother  
Who, with his afficionate sisters, with never  
cease to lament his loss”.

Carlos Rizzini não refere se os restos mortais do filho de Hipólito foram trasladados de Hong Kong para junto do túmulo do pai.

É possível que o Exército Inglês assim tenha procedido. É um ponto a ser esclarecido.

O duque de Sussex pediu, em 1821, a D. Pedro I, amparo para o filho de Hipólito.

O Imperador respondeu que a concessão do amparo dependia da Câmara de Deputados e que oportunamente

intercederia **“por um homem cujos serviços a causa do Brasil foram tão úteis e apreciáveis”**.

Segundo Carlos Rizzini, D. Pedro I esquecera a promessa, pois a Câmara reuniu-se somente dois anos após.

E aqui lançamos a pergunta: o esquecimento foi do Imperador ou dos representantes do povo, a quem caberia a concessão do amparo?

### **Netos de Hipólito**

Os netos de Hipólito, Catherine e Reginald, filhos de Ann Shirley, deram origem a sua descendência na Inglaterra.

Reginald seguiu a carreira do pai, do tio e de seu avô político, oficial de Engenharia do Exército Inglês. Casou com Margaret Gwyn Jefferies, em 1877.

Morreu tragicamente em 1882, num acidente em Malta. Deixou dois bisnetos de Hipólito.

Catherine casou com um oficial inglês, Charles Robert Crosse.

Desse consórcio nasceram 2 bisnetos e 2 bisnetas de Hipólito.

### **Bisnetos de Hipólito**

Desses bisnetos de Hipólito existiam 24 descendentes em 1956, na Inglaterra. Pertenciam às famílias Porter Crosse, Sellon, Bates Oliver Bellassis, Prynne O’Kelly.

Entre estes, Mary da Costa, bisneta de Hipólito casada com o coronel Arthur Sidney Bates e Anne Mary, trineta do jornalista, casada com o tenente coronel John Oliver – Bellassis.

Nas homenagens a Hipólito na Inglaterra prestadas pelo governo brasileiro, Anne Mary e seu filho John Oliver Bellassis, respectivamente trineta e tataraneto do homenageado, se fizeram presentes.

Os descendentes de Hipólito ligaram-se á arma de Engenharia do Exército Inglês, uma coincidência, pois o autor

pertence a esta arma no Exército Brasileiro. Mais um motivo para estudá-lo.

### **Local onde viveu**

Hipólito residiu durante 5 anos de 1809-1814, numa pensão para solteiros na desaparecida Rua Wyc, nº 1.

Após, admite-se ter passado a viver ostensivamente com Mary Anne Lion ou Symons, em Stoke Newington, de cuja ligação havia nascido, em 1812, seu filho José Tito, (ou Felix, segundo o seu descendente Cel Av Fernando Hypólito da Costa) por ele confiado a Marinha do Brasil em 1824. Marinha Brasileira para cuja grandesa tanto contribuiu intermediando o contrato de oficiais ingleses para a organizarem em seus primeiros passos.

### **Morte**

Hipólito morreu em 11 de setembro de 1823, em Kensington de "moléstia rápida e traiçoeira". "Uma inflamação intestinal" o mesmo mal que vitimara seu irmão, o padre Felício.

Em 18 de março de 1823 ele escreveu em seu **Diário** "Hoje sofri grande incômodo de estômago e cabeça".

Em 11 do mês seguinte: "Estou com uma frouxidão e uma lassidão de corpo que não posso escrever".

Seu temperamento segundo sua definição era "exaltado, sanguíneo e fogoso".

A narrativa de sua perseguição pela Inquisição fornece outros elementos sobre sua saúde que poderiam ajudar um médico a diagnosticar a suspeita de Mecnas Dourado de que Hipólito "fosse sujeito a manifestações epileptóides". (op. cit., p. 60, v. 1).

### **Obstáculos na vida de Hipólito**

Hipólito, apesar de toda a sua magnífica atuação em prol do Brasil, sofreu reações, “como todos os que têm levantado a cabeça sobre a multidão”. Reação indicadora se determinado homem contribuiu para a causa da Humanidade. Jesus Cristo foi crucificado, Gandhi foi assassinado. E a história é farta em exemplos iguais e mais brandos. Osvaldo Cruz foi violentamente combatido por querer salvar vidas de seus irmãos.

Mecenas Dourado refere-se sobre a atuação de Hipólito nos Estados Unidos.

“Manifestações de ciúme do ministro português com relação ao jovem emissário do seu governo, o qual se mostrava superior em inteligência, maneiras e simpatia pessoal.

Na realidade, eram prenúncios das limitações que Hipólito iria sofrer em que as mediocridades solidárias e unidas pelo instinto de conservação, costumam opor aos que possuem a audácia do talento e do conhecimento”. (op. cit., p. 64, v. 1)

Barbosa Lima Sobrinho, ao referir-se à imigração da imprensa portuguesa para a Inglaterra caracteriza este período em Portugal como “áureo para os que não sabendo ou não podendo escrever, acham que já se publica demais e recomendam silêncio, quanto baste para não perturbar a meditação dos profetas que são de poucas letras ou detestam os homens de pena fácil, classificados sumariamente entre os levianos ou os derramados” (vide bibliografia).

Observa-se atualmente (em 1972, na Rússia fenômeno semelhante), escritores, poetas e intelectuais sendo perseguidos em seus países por escritos “levianos ou desalmados” que os tornam traidores de seus países.

Mas alguns deles enfrentam todas as conseqüências para assegurarem ao homem o direito de pensar e de expressar-se, com responsabilidade.

A luta travada por Hipólito, cheia de percalços, reações e perseguições mereceu esta expressão a seu irmãos, quando manifestou o desejo de retornar ao Rio Grande do Sul e radicar-se na região de Pelotas atual.

Após “20 anos de extermínios em terras estranhas”.

A palavra extermínios sintetiza a reação que enfrentou em sua luta por sua pátria e uma Humanidade mais justa e perfeita.

### **Hipólito e os Objetivos Nacionais do Brasil**

Há quase dois séculos Hipólito da Costa anteviu "**o vasto Império do Brasil**" e por sua afirmação começou a lutar.

E o patriota brasileiro Hipólito contribuiu de modo decisivo para o despertar do gigante adormecido, principalmente com suas idéias difundidas através do "**Correio Braziliense**" de 1808-1822.

Muitas delas se fazem presentes e atuais na vida brasileira.

Analisarei Hipólito do ponto de vista de sua contribuição para a **conquista dos objetivos nacionais, aspirações comuns de todas as nações**, mostrando de que modo cooperou para um Brasil melhor.

**Independência:** Seu papel foi destacado. Prova foi ter sido agraciado com a comenda da ordem do Cruzeiro. "Figurou em 17º lugar na lista". Daí o título de comendador que consta na lápide de seu túmulo.

Contribuiu, indiretamente, ao conscientizar o Brasil do tratamento injusto que lhe dispensava a metrópole e, ao competir esta a dispensar melhores atenções a sua pátria e a seus compatriotas.

Isto é, tratar o Brasil como nação integrante da monarquia portuguesa e seus filhos como irmãos dos portugueses.

Diretamente, ao preconizar a nossa Independência, após o ato absurdo das Cortes de Lisboa, obrigando D. Pedro a retornar para, logo em seguida submeter o Brasil à antiga condição de colônia.

Por outro lado, derramou luzes do saber sobre os brasileiros, preparando-os, culturalmente, para assumirem a direção do país após a Independência.

Lutou na Inglaterra pelo reconhecimento de nossa Independência, além de recrutar tropas para a consolidarem, principalmente no norte e nordeste do Brasil.

Sua ação foi mais além. Exerceu-se, vigorosa, através da maçonaria que tão relevante papel desempenhou em nossa Independência.

E esta ação é difícil de ser medida, por pertencer aos arquivos dessa instituição. Mas a obra de Mecenas Dourado levanta um pouco do véu que encobria a atuação de Hipólito na maçonaria.

A presença de oficiais ingleses em nossa Marinha de Guerra na consolidação de nossa Independência e até pelo menos a Guerra contra Oribe E Rosas 1851/52 deve-se em parte a sua intermediação na Inglaterra.

**Soberania:** Antes mesmo de nossa Independência, Hipólito lutava por um maior grau de soberania do Brasil dentro da monarquia portuguesa.

Exigia que sua pátria fosse tratada em pé de igualdade a Portugal.

Após a Independência vimos Hipólito preconizar para o Brasil uma poderosa força naval, como elemento essencial para sua pátria ser soberana.

**Unidade:** Contribuiu para nossa unidade ao preconizar uma monarquia constitucional com duas câmaras. Com isso ele evitava os efeitos do "liberalismo" que podia nos conduzir prematuramente à República. Isto poderia colocar sua pátria face ao perigo de se desmembrar em mais de uma pátria, conforme aconteceu com as colônias espanholas da América do Sul. Disto, tivemos um exemplo no período 1831-1845, em que diversas revoluções republicanas ameaçaram dividir o Brasil em várias pátrias.

Hipólito não era revolucionário. Anteviu o perigo do Brasil sair de um estado de servidão para o de liberdade total.

Acreditava que devia haver uma transição. Lamentavelmente já havia morrido em 1831.

**Integridade:** Contribuiu ao preconizar a Monarquia Constitucional e duas câmaras para o Brasil. Com isto obtinha um catalisador da alma nacional – o trono e, um freio para os abusos de autoridade do Imperador e sonhos utópicos de alguns membros da Câmara de representantes do povo – o Senado.

Mantendo uma pátria unida ela se manteria íntegra.

Por outro lado contribuiu para que a integridade do Brasil fosse mantida nas guerras da Independência, ao agenciar recursos militares da Europa, em homens e materiais, para o Brasil consolidar a Independência.

**Prestígio Internacional:** Contribuiu por seus escritos, através de seu jornal e por sua ação pessoal em Londres, para que o Brasil começasse a ser visto nos meios internacionais, como “**um vasto império**” e não como uma colônia.

Hipólito vivia na corte do mais poderoso país naval de então. Tinha por amigo íntimo o irmão do rei da Inglaterra. Sua ação contribuiu para o prestígio de sua pátria.

**Paz Social:** Hipólito sempre teve um grande interesse maçônico pela solução dos problemas sociais, dentro do ideal de Liberdade – Igualdade – Fraternidade.

Em 1789, já sonhava, em Filadélfia, fundar em Pelotas, às suas expensas, uma escola de aprendizes de ofícios para jovens pobres.

Era, filosoficamente, contra as discriminações de cor, de raça, de religiões e classes.

Para ele, todos os homens eram filhos de Deus e, como tais, iguais a seus irmãos.

Seus estudos de Economia Política revelavam essa preocupação.

Concordava com o economista suíço Simone de Sismonde cuja obra traduziu e publicou no seu jornal. Este economista dizia entre outras coisas:

“O objetivo da Economia Política não é apenas conhecer os fenômenos da produção, distribuição e consumo de riquezas, como também, as conseqüências sociais da industrialização”.

E mais adiante:

“A Economia Política é função das necessidades da sociedade e instrumento do Estado na sua função social de fiscalizador da produção e distribuidor de maneira vantajosa da mesma, por todos os indivíduos que o compõem, sem perturbações da ordem social e das instituições”.

Hipólito era contra a escravidão em 1822, 66 anos antes que fosse abolida no Brasil.

Pouco atrás vimos seu conceito sobre este assunto. Foi emitido com a mesma coragem com que se comportara frente ao Tribunal da Inquisição.

Era fiel à sua filosofia. Não emitiu conceitos para agradar milhares de escravocratas brasileiros.

Já em 1810 escrevia:

“Todo o indivíduo que se esforça pelos meios que tem a seu alcance para educar e instruir seus compatriotas, nas verdadeiras idéias de governo e das formas que podem contribuir para a felicidade e bem-estar públicos, faz um bem real à nação”.

E Hipólito foi fiel aos brasileiros e ao Brasil no cumprimento desse dever cívico.

Talvez essa fidelidade tenha sido motivo de seu esquecimento por 48 anos no Brasil. Pois, pregava a necessidade da abolição. E esta idéia começou a tomar corpo, por volta de 1871, após o término da guerra do Paraguai. Nesta ocasião foi que o barão Homem de Mello o tirou do olvido.

**Democracia:** Era fundamentalmente adepto do ideal de Igualdade – Liberdade – Fraternidade.

Acreditava na existência de um Ser Superior e por conseqüência no amor e na solidariedade.

Defendia a Monarquia Constitucional como a que mais se adaptava “**a educação, modo de vida, religião e costumes**” do Brasil.

Propôs através do **Correio Braziliense** uma constituição para o Brasil, fundamentalmente democrática.

Em suas andanças pelo mundo tinha adquirido conhecimento e autoridade para pronunciar-se sobre a Democracia Brasileira.

Querida duas câmaras e sofreu reações no Brasil e Portugal. Foi acusado de aristocrático. E respondeu:

“Quem isto escreve, não tem esperanças, não precisa e não deseja aproveitar-se de um estabelecimento aristocrático no Brasil. Visa unicamente o que lhe parece ser mais útil à sua pátria. Raciocina segundo idéias que adquiriu pelas lições da História e pelo conhecimento dos países que tira como exemplo (EUA, Inglaterra, Portugal) e pela experiência que tem dos costumes do Brasil”. (**Correio Braziliense**, nº 29, Dez 1822, p. 371)

A seguir, respondeu que nenhum dos seus acusadores de aristocrata, no Brasil e Portugal, possuía mais autoridade em liberdades civis do que o abade De – Pradt, Lanjuinais, Adams, Washington e Franklin, que advogaram a existência da Câmara dos deputados e do Senado, com pequenas diferenças.

O modelo de Hipólito era o do senado americano com pequenas diferenças adaptadas a uma monarquia. (**Correio Braziliense** idem, p. 566)

O Senado funcionaria como poder **Moderador** entre o Imperador e a Câmara de Deputados.

A influência de Hipólito em nossas constituições é tarefa que está a merecer estudo mais acurado de parte dos constitucionalistas brasileiros.

Talvez tenhamos muitas surpresas acerca de sua influência nas nossas sucessivas constituições.

**Desenvolvimento:** Sua ida para Coimbra para estudar matérias ligadas ao desenvolvimento e seu desejo de retornar ao Brasil para aplicá-las no setor da agricultura, revelam sua preocupação pelo Desenvolvimento de sua pátria.

Sua missão nos Estados Unidos e México era voltada, basicamente, para o Desenvolvimento do Brasil.

E aqui introduzir o inseto e a planta da cochonilla.

Todo **know how** que transferiu dos Estados Unidos para Portugal visava o desenvolvimento também do Brasil.

O ministro interessado pelo Desenvolvimento de Portugal, seria o impulsionador do Desenvolvimento do Brasil após a família real para cá transferir-se.

Esse ministro trazia em sua bagagem cultural estudos realizados por Hipólito nos Estados Unidos.

Reportando-nos ao trabalho de Hipólito nos Estados Unidos e na Imprensa Régia em Portugal, constatamos que todo o seu trabalho era voltado para o Desenvolvimento.

E que dele se beneficiou diretamente o Brasil com a vinda da Família Real.

Toda a infraestrutura econômica aqui plantada por certo apoiou-se em muito no trabalho de Hipólito.

E continuou o Brasil a beneficiar-se do trabalho de Hipólito no **Correio Braziliense**. Neste, oferecia à sua pátria diretrizes para o progresso econômico, além de mostrar a seus compatriotas o que de melhor havia no mundo neste setor.

A publicação da obra de Economia Política de Simone Sismond, em seu jornal, revela esta preocupação.

Sua contribuição para o Desenvolvimento do Brasil foi mais através da ação educativa, principalmente voltada para os homens que viriam a dirigir seus destinos, após independente.

**Integração:** É patente sua contribuição neste objetivo ao preconizar, com insistência, a interiorização da capital brasileira.

Sua idéia foi plantada. Em 1891, a Constituição Brasileira encampou sua sugestão.

Esta, concretizou-se 138 anos após. Hoje é uma grata realidade a causar admiração ao mundo.

Faltam alguns anos apenas para concretizar esta parte de sua previsão em relação a Brasília.

**“Uma situação que se pode comparar com a descrição que temos do paraíso terreal”. (Correio Braziliense, v. 17, p. 96)**

E nos 43 anos de existência de Brasília (2004), podemos já vislumbrar que Brasília será como a antevisão de Hipólito, e esta visão de D. Bosco:

**“Eu vi uma grande civilização surgindo nas praias de um lago entre os paralelos 15º e 20º. Uma terra de promessa de rico leite e mel abençoado”.**

Hipólito foi pioneiro na antevisão de Brasília.

Ele a manifestou, em 1816, quando D. Bosco tinha menos de um ano de idade.

**Preservação dos valores espirituais e morais da Nacionalidade:** A ação de Hipólito foi decisiva para implantar e projetar na Nacionalidade Brasileira estes valores que a distinguem no concerto das nações.

- Crença na existência de um Ser Supremo.
- Amor à paz e a justiça.
- Amor à liberdade com responsabilidade.
- Crença de que todos os homens são irmãos, sem distinção de raça, cor, religião e classes.
- Repúdio a violência, ao sectarismo, ao absolutismo e preconceitos.
- Respeito aos direitos universais do ser humano.
- Bondade, alegria e hospitalidade.
- Amor à pátria, respeito a seus símbolos e à memória dos brasileiros do passado que ajudaram a construí-lo e em especial aos que deram a vida em sua defesa ,que por ele fizeram neste instante que os demais em todas as suas vidas, segundo o dirigente grego Péricles, criador da Democracia na Grécia e cujo século em que viveu recebeu o nome de Século de Péricles.
- Respeito a instituições pátrias, às suas leis e à instituição da família.

E, a tarefa de preservá-los e fortalecê-los caberá, fundamentalmente, a seus discípulos jornalistas do Brasil, da imprensa escrita, falada e televisada.

A estas, caberá a educação assistemática do povo brasileiro, como complemento à educação familiar, escolar e religiosa, evitando que esses valores se aviltem e se

descaracterizem, sobre a influência de agressões materialistas consumistas e pragmáticas.

É um dever cívico imposto aos jornalistas brasileiros pela Era da Comunicação Social ou da Aldeia Global.

Somente assim procedendo eles serão fiéis à memória de seu "**patrono, o modelo, a grande inspiração**" conforme Hipólito foi definido pelo **Jornal do Brasil** em editorial de 5 e 6 de março de 1972.

Será que a Mídia do Brasil está trilhando estes caminhos sonhados e por Hipólito da Costa, o gaúcho fundador e patrono da Imprensa Brasileira?

# **Capítulo IV**

## **HOMENAGEM A HIPÓLITO, 1821 – 74**

**(CRONOLOGIA, DAS QUE O AUTOR PODE REUNIR)**

## **(CRONOLOGIA, DAS QUE O AUTOR PODE REUNIR)**

<b>Data</b>	<b>Acontecimentos</b>
1822 -	Nomeado por D. Pedro encarregado de seus negócios junto à Corte da Inglaterra.
1823 -	Comendador da Ordem do Cruzeiro – Foi o nº 17 da lista.
1823 -	Nomeado Cônsul Geral do Brasil em Londres, nomeação que não conheceu, pois morreu antes de receber a notícia.
1823 -	Homenagem do Duque de Sussex inscrita no seu túmulo.
1871 -	Homenagem do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro ao publicar trabalho do Barão Homem de Mello na RIHGB, t. 35, p.203/245. Foi a primeira homenagem no Brasil, decorridos 49 anos de sua morte.
1912 -	Homenagem do Instituto Histórico de São Paulo, publicando trabalho de Alcebíades Furtado.
19?? -	Homenagem da Academia Brasileira de Letras publicada no volume XIII, trabalho de Arthur Mota.
1946 -	Homenagem de Carlos Rizzini, dedicando-lhe o capítulo 9 de seu livro – O jornal, o livro e a Tipografia no Brasil.
1954 -	Da Academia Brasileira de Letras, ao publicar duas de suas obras "por iniciativa de Alceu Amoroso Lima". (Jornal do Brasil, Rio, 5 e 6 Jul 72)
1955 -	Homenagem da revista O Cruzeiro de 29 Out, publicando trabalho de Carlos Rizzini que divulga profunda e trabalhosa pesquisa realizada pelo diplomata brasileiro Gastão Nothman.
1956 -	Homenagem do Exército Brasileiro que editou alentada pesquisa de Mecenaz Dourado, que consolidou estudos anteriores e

	aprofundou ainda mais a pesquisa.
1960 -	Homenagem dos Diários Associados através do Dr. Assis Chateaubriand, criando o Correio Braziliense, em Brasília, em homenagem ao jornalista que anteviu Brasília, e a grandeza do Brasil. Desde então todos os dias o nome de Hipólito é lembrado.
1969 – Abr 15	Artigo no Diário Popular de Pelotas. “O Patriarca da Independência”, de Paulo Duval, abordando interessantes aspectos da vida de Hipólito em Pelotas. Localiza a antiga Estância de Santana onde viveu o patrono da Imprensa.
1972 -	Ano do sesquicentenário da Independência.
30 Jan-	Em artigo de nossa autoria publicado na Coluna A Querência, do Diário Popular de Pelotas, dávamos início à campanha para transladação dos restos mortais de Hipólito para o Brasil. Referido artigo, síntese da vida do grande jornalista, foi publicado em três domingos consecutivos, 30 Jan, 13 e 20 de fevereiro de 1972. Na mesma ocasião remetíamos a matéria às seguintes revistas, jornais e instituições, diretamente, ou através de amigos que aí possuíamos: Instituto Histórico Geográfico Brasileiro; Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul; Instituto Histórico Geográfico Paraibano; Revista A Defesa Nacional. Revista O Cruzeiro; Revista Manchete; Programa Flávio Cavalcante; Correio Braziliense; Jornal do Comércio – Recife; Museu do Açúcar – Recife e a diversos intelectuais de nossas relações, inclusive do grande historiador da imprensa pernambucana, Luiz Nascimento.
3 Mar -	O jornal Estado de São Paulo faz referência a minha sugestão no Diário Popular. Adere à idéia e refere a certa altura: “Desta forma caberia a imprensa brasileira lançar uma campanha para a transladação dos restos mortais de Hipólito, ficando a execução do projeto entregue ao governo por meio dos ministérios da Educação e Relações Exteriores”. (p. 8)

5 e 6 Mar -	<p>O Jornal do Brasil, em editorial desta data, refere e aplaude minha sugestão que já devia ter sido feita pelos grandes jornais e associações de Imprensa e de jornalistas. Conclui o editorial com esta referência: "As cinzas de Hipólito devem ser trazidas da Inglaterra, e sua obra deve ser publicada, como parte das comemorações do sesquicentenário. Trata-se sem nenhum favor, de uma das grandes figuras da História do Brasil e não apenas da História da Imprensa.</p> <p>Sua figura heróica e sua visão de um Brasil independente e livre, com uma imprensa livre, não apenas na Inglaterra como no Brasil, constituem até hoje uma lição de civismo. Seu retorno, século e meio após sua morte é fundamental, como o de D. Pedro I. Ainda podem fecundar e inspirar o Brasil as cinzas e as obras de Hipólito José da Costa".</p>
12 Mar -	O Correio do Povo transcreve na coluna "Revivendo o Passado", do jornalista Archymedes Fortini, a primeira parte de meu trabalho.
14 Mar -	A pedido do jornalista Ari Cunha, editor do Correio Braziliense, eu publicava artigo intitulado "Restos mortais do patrono da Imprensa". O artigo original ele reservava para o dia 21 de abril.
14 Mar -	O Diário Popular de Pelotas transcreveu o editorial do Jornal do Brasil de 5 e 6 Mar.
18 Mar -	O jornal Zero Hora de Porto Alegre, através de artigo assinado pelo jornalista Raul Quevedo aplaude nossa idéia. Seu artigo repercutiu nos meios intelectuais e jornalísticos gaúchos.
25 Mar -	O Diário Popular de Pelotas transcreveu meu artigo de 14 Mar no Correio Braziliense e através de editorial aplaudiu e revigorou a idéia de trasladar os restos mortais de Hipólito, por mim lançada através de suas páginas. Alude ao 198º aniversário do nascimento de Hipólito.
21 Abr -	O Correio Braziliense difundiu artigo por mim publicado no Diário Popular. Deixara para publicá-lo nesta data, início dos festejos do sesquicentenário da Independência e 12º aniversário do jornal e de Brasília.
27 Abr -	O deputado Anapolino de Faria, da Arena de Goiás homenageou Hipólito em discurso pronunciado na Câmara. (Correio Braziliense,

	27 Abr)
Maio -	A Revista Defesa Nacional transcreveu meu artigo publicado no Diário Popular de Pelotas que deu origem à campanha.
9 Jun -	O Correio Braziliense publicou artigo sobre o título Homenagem a Hipólito. Anunciava as homenagens que seriam prestadas pelo governo brasileiro junto ao túmulo de Hipólito da Costa, no 167º aniversário da edição do primeiro número do Correio Braziliense, em Londres.
11 Jun -	Em editorial, o Correio Braziliense apoiou idéia de trasladar-se os restos mortais de Hipólito para o Brasil. Transcreveu trecho de artigo do escritor Austragésilo de Athayde: "Em Hipólito da Costa cujos conselhos de moderação, de equilíbrio e de sabedoria política, é possível identificar a linha mais constante e criadora do jornalismo brasileiro".
20 Jun -	Homenagem junto ao túmulo de Hipólito prestadas pelo governo brasileiro, na pessoa de seu embaixador em Londres (Correio Braziliense, de 28 Jun 1972 e Revista O Cruzeiro de 12 Jul 1972).
26 Jun-	Homenagem a Hipólito pela Câmara de Deputados, em Brasília. Falaram os deputados Juarez Bernardes (MDB – GO), Alcir Pimenta (MDB – GB) e José Fonseca (Arena – ES). O deputado Juarez Bernardes lembrou o projeto de Constituição Brasileira publicado por Hipólito em seu jornal "no qual preconizou a monarquia constitucional, a abolição da escravidão e a interiorização da capital". O deputado Alcir Pimenta recordou que Hipólito "considerava a imprensa livre, importante fator para a educação e desenvolvimento dos povos". O deputado José Carlos Fonseca afirmou que com o lançamento do Correio Braziliense, há 164 anos, "estava lançada a semente do jornalismo brasileiro que germinou, floresceu e frutificou de tal sorte e a tal ponto, que a Imprensa com que contamos, nos dias atuais, não pede meças nem diminui ante qualquer outra do mundo moderno". (Jornal do Brasil, 23 Jun 1972 e Correio Braziliense de 23 Jun 1972).
2 Jul -	A imprensa noticiou a organização de Comissão no Rio Grande do Sul com o objetivo de homenagear Hipólito da Costa. Segundo podemos colher esta comissão teve a seguinte constituição (Da Imprensa): Presidente – Alberto André – Presidente da ARI. Membros em ordem alfabética: Almir Accossi – jornalista; Antonio Carlos Ribeiro

	<p>– jornalista; Antonio Firmo Gonçalves; Ari Alcântara – Prefeito de Pelotas; Biagio Tarantini – jornalista; Carlos Rafael Guimarães – jornalista; Clair Lobo Rochefort – jornalista; Elvo Clemente da PUC; Élio Falcão Vieira; Francisco L. Alves – Prefeito de Pelotas; Francisco Rio-Pardense de Macedo – historiador; Homero Guerreiro; Gabriel Borges Fortes – jornalista; Osvaldo Lopes – jornalista; Paulo Xavier – historiador; Percio Pinto – jornalista; Plínio Dotto – jornalista; Renato Pinto da Silva – jornalista; Raul Quevedo – jornalista. Estas informações foram retiradas da Imprensa. A esta Comissão se deve magnífico trabalho. Perseguiu os objetivos a que se propôs. Somente não conseguiu o de trasladar os restos de Hipólito, por ter sua família, na Inglaterra, a isto se oposto. As notícias sobre parte de seus trabalhos constam do noticiário da Imprensa que pude captar, da distância em que me encontrava em Brasília. Vide Fontes consultadas.</p>
4 Jul -	<p>O Conselho Federal de Cultura em reunião desta data aprova, por unanimidade, moção do professor Raymundo Faoro, em apoio a idéia de jornalistas e professores gaúchos de desejarem trasladar os restos de Hipólito para o Brasil. Em certa altura o professor Faoro referiu:</p> <p>“Nunca Hipólito abandona, quer nos Estados Unidos, quer em Portugal, quer na Inglaterra, o anelo, a obsessão de volta, para dedicar-se às atividades agrícolas, na fazenda do pai... Deve-lhe o Rio Grande este serviço ao muito que amou a paisagem de sua infância e juventude, paisagem que moldou a luta do último dos enciclopedistas, não apenas pela emancipação do Brasil, mas, sobretudo, pela sua unidade e integridade territorial e política, numa sociedade de homens livres”.</p>
20 Ago -	<p>O jornalista Alberto André, presidente da Associação Riograndense de Imprensa propôs ao Presidente da Assembléia Legislativa do RGS, deputado Solano Borges, a promoção de um Concurso de Monografia sobre Hipólito, com base no Decreto 2821, de 6 Dez 1970. (Correio do Povo, 20 Ago 72)</p>
14 Set -	<p>A ARI e a Assembléia Legislativa Estadual do Rio Grande do Sul, em cerimônia na Assembléia, sob a presidência do deputado Solano Borges, lançaram o Concurso Nacional de Monografia sobre Hipólito da Costa “o patrono da imprensa brasileira”, presentes mais de 30 deputados gaúchos. A Assembléia atendeu parecer do deputado Afonso Tacques. A certa altura de seu discurso o deputado Solano Borges falou: “que há perfeita identidade entre a tribuna do colunista no jornal e a pena do deputado na tribuna legislativa. Ambos perseguem os mesmos objetivos, versam os</p>

	<p>mesmos temas, transmitem mesmos anseios, defendem mesmas causas, são mensageiros dos mesmos ideais, batalhadores do mesmo ofício, por que ambos, na tribuna do jornal ou na coluna parlamentar, praticam a mesma arte, pela palavra falada ou escrita: a promoção do Bem Comum". Hipólito da Costa foi exemplo vivo do que estou dizendo".</p> <p>Após citar belas referências de Sívio Romero sobre Hipólito concluiu:</p> <p>"Esperamos que a inteligência brasileira atenda ao chamamento da Assembléia Rio-Grandense e da ARI e venha participar do concurso que ora se lança e pelo qual pensamos homenagear um dos grandes vultos do jornalismo, da cultura e da Independência do Brasil. A seguir usou da palavra o jornalista Alberto André, de cuja oração destaco os seguintes trechos: "Entre os personagens fascinantes da nossa história, do período das lutas de emancipação política, deve ser incluído Hipólito da Costa. Sua bibliografia, no entanto, tem sido escassa e seu nome contestado. Apesar de considerado patrono da imprensa brasileira e o maior jornalista político da Independência, a data em que celebramos o dia da Imprensa é outro". O ilustre jornalista referiu a minha sugestão no sentido de trasladar para o Brasil os restos mortais de Hipólito e, que ao Exército, em 1957, coube editar "o maior e mais raro trabalho que possuímos sobre Hipólito". Após sintetizar a obra de Hipólito concluiu agradecendo a todos "pela aprovação desta iniciativa do Concurso Nacional de Monografias sobre Hipólito". Esperamos que seus resultados expressem mais um traço de ligação com o nosso passado e os de confiança nos destinos do Brasil". Compuseram a mesa que presidiu a cerimônia os deputados Solano Borges, Silverius Kist e jornalistas Alberto André, Antônio Gonzáles e Plínio Dotto (Correio do Povo, 15 Set 72, p. 8).</p>
10 Set 1973 -	<p>A Câmara de vereadores de Pelotas, em homenagem à imprensa, lembra, através de oração do vereador Élbio Abreu, Hipólito da Costa: "homem que por suas realizações e padrão de conduta, representa dignificamente toda uma classe de profissionais, cuja missão é nobre e plena dos mais altos valores". (Diário Popular, 11 Set 73). O Diário Popular de Pelotas publicou pesquisa sob o título "Sesquicentenário de Hipólito" de autoria de Adalberon Mello Silveira, sob o patrocínio da Loja Maçônica Fraternidade nº 3.</p>

A pesquisa complementa aspectos de Hipólito maçom. Realça aspectos do seu sofrimento nos cárceres da Inquisição em Portugal.

“Hipólito passou três anos preso, durante os quais ficara em uma masmorra sem luz, dispondo de uma manta de baixa qualidade sobre um estrado de pau. Uma bilha com água e um vaso que era esvaziado de 8 em 8 horas. As paredes vertiam água no inverno. A roupa de Hipólito estava sempre úmida.

Era submetido a interrogatórios e constantemente chamado para denunciar seus irmãos maçons e revelar onde estavam os cofres da sociedade.

Mudava de roupa só de 2 em 2 meses e alimentava-se de 50 gramas de carne cozida, uma côdea de pão e algumas colheradas de arroz”.

Publiquei reportagem no Correio Braziliense de Brasília, sob o título “Hipólito Patrono da Imprensa”, de invocação à sua memória, por ocasião do sesquicentenário de sua morte”.

Abri a reportagem com esta introdução:

Em 1792, partiu do Rio Grande do Sul com destino a Universidade de Coimbra, com 18 anos, o jovem gaúcho Hipólito José da Costa.

Atravessou o oceano Atlântico em busca de luzes, para retornar à sua pátria para participar e “propugnar por seu progresso material, cultural e espiritual”.

Quis o destino que ele prestasse, à distância, à sua terra, como redator do Correio Braziliense, em Londres, “uma soma de serviços jamais prestada ao Brasil por nenhum homem de imprensa, com maior constância, por mais tempo e em condições menos favoráveis”. Hipólito morreu faz exatamente 150 anos, sem poder realizar seu sonho – morar no Brasil e contribuir para seu desenvolvimento “após 20 anos de extermínios em terras estranhas”.

Neste exato momento, deixei de acompanhar a campanha em sua homenagem, com a grande satisfação cívica de haver concorrido para o melhor conhecimento da vida e obra de um dos maiores vultos de nossa Independência e, por uma coincidência muito feliz, o fundador e patrono da Imprensa do Brasil, além de gaúcho da Zona Sul como o autor, e de ascendência e descendência militar que souberam honrar as armas portuguesas, inglesas e brasileiras em terra e no mar.

# **In fine**

## **HOMENAGEM A HIPÓLITO, 1821 – 74**

**NOTAS COMPLEMENTARES AO TEXTO**

**FONTES CONSULTADAS E CONVENÇÕES**

**Dados do autor**

**Dados sobre a Academia de História Militar Terrestre do Brasil**

**Dados sobre o Instituto de História e Tradições do RGS**

**O traslado dos restos mortais para o Brasil, em 2001, de Hipólito da Costa – o fundador e patrono da Imprensa Brasileira**

**Posfácio**

## NOTAS COMPLEMENTARES AO TEXTO

(Referidas às Fontes pesquisadas)

(1)	Homem de Mello, 57º presidente da Província do Rio Grande do Sul (22 Jan 1867 – 13 Mai 1868) assim o afirma. Ele teve muitos contatos no Rio Grande, principalmente com o general Osório, cuja família morava em Pelotas. Ambos tiveram a missão de recrutar um Corpo de Exército no Rio Grande do Sul, para a fase final da Guerra do Paraguai. Carlos Rizzini em <b>O Cruzeiro</b> afirma que o pai de Hipólito era agricultor em Canguçu..Como canguçuense desejaria que assim fosse, mas não encontrei elementos para negar ou endossar a afirmação do Barão Homen de Mello A confirmação depende das seguintes respostas: As terras da Estância de Santana abrangiam terras do município de Canguçu?; A sesmaria de Hipólito, localizada no rincão entre os dois arroios formadores do arroio Pestana, abrangiam ou abrangeram, em alguma época, terras de Canguçu?; A chácara do pai de Hipólito herdada de seu filho padre, situada no local denominado Santo Amor abrange ou abrangeu, em alguma época, terras do município de Canguçu?; Todas estas perguntas as formulei à vista do inventário do pai de Hipólito, localizado graças ao pesquisador gaúcho Moacir Rodrigues (Dourado, p. 632, v. 2); Este assunto não pode precisar. Será mais fácil por pesquisadores no Rio Grande do Sul.
(2)	RIZZINI, <b>O Cruzeiro</b> , 29 Out 1955.
(3)	<b>Jornal do Brasil</b> , 5 e 6 Mar 1972.
(4)	O autor assim referiu sob o subtítulo: "Uma sugestão à Imprensa do Brasil". "O desejo de Hipólito de retornar para a pátria e fixar-se em Pelotas, penso, possa ser realizado através da trasladação de seus restos mortais para a antiga Estância de Santana em Pelotas (ou em algum local de Capão do Leão na igreja matriz que foi fundada pelo seu tio padre doutor). Penso, igualmente, tarefa a ser encampada e realizada pela Imprensa do Brasil da qual foi o fundador e destacado integrante. Qual a melhor oportunidade para a trasladação? O ano de 1972, sesquicentenário da Independência para a qual tanto contribuiu através de sua decisiva jornalística no <b>Correio Braziliense</b> e eficaz atividade maçônica? O ano de 1973,

	sesquicentenário de seu falecimento, ou o ano de 1974, bicentenário de seu nascimento? É uma sugestão que o historiador aponta à decisão da Imprensa do Brasil, para que este grande patriota volte à pátria, através de seus veneráveis restos mortais, para ser cultuado eternamente, pelas gerações do Brasil de hoje e de sempre, como um exemplo a seguir e, mesmo, em respeito a seu grande desejo (vide bibliografia).
(5)	<b>RIHGB</b> , 1867, tomo 35, p. 207.
(6)	Furriel equivalia a graduação de sargento, na época considerado oficial inferior juntamente com o cabo e o porta estandarte. Terminou seus dias como alferes oficial de patente, imediatamente abaixo do posto de tenente. Equivale hoje ao posto de 2º tenente.
(7)	Vide, "Ruínas Antigas em Canguçu". <b>Diário Popular</b> . Pelotas, 21 fevereiro 1971. Pesquisas posteriores levaram a confirmar minha afirmação.
(8)	Vide ANTUNES, <b>Dragões</b> p. 125. (Conclusão, após demorada pesquisa e crítica de MONTEIRO, <b>Dominação</b> ).
(9)	Pai de Rafael Pinto Bandeira. Substituído pelo capitão Cypriano Cardoso, grande herói que deve repartir as glórias de Rafael Pinto Bandeira. Está a merecer justiça.
(10)	MONTEIRO, <b>Dominação</b> .
(11)	Carta RS – 102 – Mapoteca da Diretoria de Patrimônio do Exército – Brasília SMU – QG do Exército (valioso documento original, contendo o levantamento do Rio Grande do Sul ao longo da faixa do Tratado de Santo Ildefonso. Contém o autógrafo do general Veiga Cabral. Reproduzo cópia de parte dela.
(12)	MONTEIRO, op. cit., p. 187.
(13)	Herói da Independência, teve destacada atuação no Dia do Fico no Campo de Santana.
(14)	Carta citada.
(15)	Hipólito sustentou uma movimentada questão de terras, em 1801, com o capitão João Pereira Lemos. Este alegava estar na posse pacífica das mesmas ou através de seus pais, desde antes de 1750. Hipólito alegava que elas tinham sido compradas por seu tio de um colono. Os documentos foram publicados pela primeira vez por

	Manoelito de Ornelas um: <b>Gaúchos e Beduínos</b> . Porto Alegre, 1956, 2ª ed. Dourado os transcreveu em seu trabalho, após alertado pelo historiador amazonense Arthur Cezar Ferreira Reis, que comigo figura como um dos historiadores que trabalharam na redação de capítulos da <b>História do Exército</b> . (Dourado, p. 634 – 638, v. 2)
(16)	O historiador Riopardense de Macedo obteve um exemplar no Rio de Janeiro e o doou à Associação de Imprensa Rio-Grandense.

### FONTES PRINCIPAIS

Abaixo o autor relacionou as principais fontes relativas a: Pesquisa sobre a vida e obra de Hipólito (x). Parte do noticiário da imprensa relativo à campanha para homenageá-lo e trasladar seus restos mortais para o Brasil. Fatos históricos que moldam o ambiente da vida de Hipólito de 1774-1792, em Colônia do Sacramento, Rio Grande e região de Pelotas. Muitas fontes são citadas no texto ou nas gravuras. A obra literária de Hipólito está relacionada no texto do trabalho. Aparece em ordem cronológica.

### ABREVIATURAS PRINCIPAIS

Bibliex	- Biblioteca do Exército.
CHEB	- Comissão de História do Exército Brasileiro.
CB	- <b>Correio Braziliense</b> – Londres, 1808-1822.
CB	- <b>Correio Braziliense</b> – Brasília.
CP	- <b>Correio do Povo</b> – Porto Alegre.
DB	- <b>Diário de Brasília</b> .
DP	- <b>Diário Popular</b> – Pelotas – RS – Coluna Querência.
RIHGB	- Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
RIHGRGS	- Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.
RIHGSP	- Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
Rio	- Rio de Janeiro.
Hipólito da Costa	- Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça.

O acompanhamento da campanha de homenagem a Hipólito, o encerramos em 11 set 1973, sesquicentenário de sua morte.

ALMEIDA, Gabriel Ribeiro de, Furriel. Parte de combate da tomada dos Sete Povos das Missões em 1801. **in:** SILVEIRA, Hemetério José Veloso da. **As missões orientais e seus antigos domínios.** Porto Alegre: Liv. Universal, 1909, p. 87-98.

ANDRÉ, Alberto. Palavras sobre o concurso Hipólito da Costa. **CP**, Porto Alegre, 15 Set 1972.

ANTUNES, De Paranhos. **Os dragões do Rio Pardo.** Rio de Janeiro: Bibliex, 1954.

CÍCERO, Manuel. O patriarca dos jornalistas brasileiro. Hipólito de Mendonça. Conferência no IHGB em 1923. (Referência a **RIHGB**, tomo 94, 1923)

CARTA RS – 102. Rio Grande do Sul 1784-88. Brasília, Mapoteca do Departamento de Engenharia e Comunicações. SMU, QG do Exército.

BENTO, Cláudio Moreira. Pelotas e o fundador do jornalismo brasileiro. **DP**, 30 Jan, 13 e 20 Fev 1972. (x)

(---) Trasladação dos restos mortais do patrono na Imprensa do Brasil. **CB**, Brasília, 14 Mar 1972. (x)

(---) O patrono na Imprensa do Brasil. **CB**, Brasília, 21 Abr 1972. (x)

(---) Sesquicentenário da morte do patrono e fundador da Imprensa do Brasil. **CB**, Brasília, 11 Set 1973.(x)

(---) O Fundador do jornalismo brasileiro. **A Defesa Nacional**/643, Mai/Jun1972. (x)

(---) Documentação da campanha de transladação para Pelotas, dos restos mortais de Hipólito... Pelotas, Arquivo da Loja Maçônica Antunes Ribas, 1972. (Documentação doada a essa instituição pelo autor, em homenagem a seu membro Agostinho Viana) (x)

(---) Charqueadas de Pelotas. **DP**, 1 a 8 Mar 1970. (x)

(---) Canguçu por volta de 1780-1804. Questões de terras. **DP**, Pelotas, 15 Mar 1970. (x)

- (---) A barra diabólica do Rio Grande. **DP**, 5, 12, 19 e 26 Abr 1970.
- (---) As 11 estâncias jesuíticas no Rio Grande do Sul. **DP**, Pelotas 20 Jul 1970.  
( ---) O tigre no Rio Grande do Sul. **DP**, 9 Ago 1970.
- (---) História da Real Feitoria do linho-cânhamo do Rincão do Canguçu. **DP**, Pelotas, 30 Ago e 6 Set 1970.
- (---) Corrida pela estância própria ao sul dos rios Jacuí e Camaquã. **DP**, Pelotas, 27 Jun 1971. (x)
- (---) Ruínas antigas em Canguçu. **DP**, Pelotas, 21 Fev 1971.
- (---) Canguçu o 22º município a ser criado. **DP**, Pelotas, 12, 9, 20 Nov 1971.
- (---) O trigo no Rio Grande do Sul. **DP**, Pelotas, 23 Jan 1972.
- (---) Forte São Gonçalo 1755-1801. **DP**, Pelotas, 3 e 10 Dez 1972.
- (---) Tropeada Cultural à Zona Sul. **DP**, Pelotas, 12, 19 e 26 Mar 1972.
- (---) Trasladação para o Brasil dos restos mortais do Patrono da Imprensa. **DP**, Pelotas, 25 Mar 1972. (x)
- (---) História da Igreja N. S. da Conceição de Canguçu. **DP**, Pelotas, 16, 23 e 30 Abr 1972.
- (---) A Zona Sul na Independência. **DP**, Pelotas, 8 Nov 1972.
- BENTO, Conrado Ernani. Arquivo. Canguçu, RS. (x)
- BIBLIOTECA NACIONAL. **Independência do Brasil**. Rio de Janeiro, Div. de Pub. E Divulgação, 1972, p. 25. (x) Exposição de Sesquicentenário.
- BORGES, Solano, deputado. Palavras sobre o concurso Hipólito da Costa. **CP**, Porto Alegre, 15 Set 1972, p. 8. (x)
- CALMON, Pedro. **História da Independência do Brasil**. Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1928. (x)
- CÂMARA, Patrício Correia da. Maj. Diário de Operações de 17 Fev – 21 Mar 1776. **in**: ANTUNES, de Paranhos. **Dragões do Rio Pardo**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1954.

(---) . Parte sobre a conquista das missões pelo soldado José Borges do Canto. **RIHGB**. Tomo 40, 1877, 2 sem, p. 268-271.

(---). Parte de operações da Fronteira do Rio Pardo de 10 Nov 1801. **RIHGB**, Tomo 40, 1877, 2 sem, 268-271.

CÂMARA, Sebastião Xavier da Veiga Cabral. gen. Relatório ao vice rei sobre o estado do Rio Grande em 10 Dez 1783. **RIHGB**, Tomo 40, 1877, 2 sem, 251-261. (x)

CAMPOS, Bento. Hipólito da Costa. **A voz de Canguçu**. Canguçu, 15 Nov 1955. (x)

CEZAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul – Período Colonial**. Porto Alegre, Globo, 1970.

CHAVES, Antonio José Gonçalves. Memórias Economo-Políticas. **RIHGRGS**, 1922, 2º e 3º trim.

CIDADE, Francisco de Paula. **Síntese de três séculos de literatura militar**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1959.

(---) **Dois Ensaios de História**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1966.

COSTA, Hipólito José da. **Cópia e registro de ofício**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1955. (x)

(---) **Minha viagem à Filadélfia**. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1955. (x)

(---) Narrativa de minha perseguição, trechos in: **RIHGB**, 1972, Tomo 35, p. 203-245. (x)

CORREIO BRAZILIENSE. Londres 1808-1822. (Existem coleções incompletas na Biblioteca Nacional e IHGB no Rio de Janeiro).

(---) Homenagens a Hipólito – Editorial. Brasília, 11 Jun 1972. (x)

(---) Partidos homenageiam Hipólito. Brasília, 23 Jun 1972. (x)

(---) Brasil não esqueceu Hipólito. Brasília, 28 Jun 1972. (x)

(---) Homenagem maçônica a Hipólito. Brasília, 5 Ago 1972. (x)

CORREIO DO POVO. Monografia sobre Hipólito da Costa tem apoio da Assembléia Estadual. Porto Alegre, 20 Ago 1972. (x)

(---) Regulamento do concurso sobre Hipólito da Costa. Porto Alegre, 15 Set 1972. (x)

(---) Comissão quer selo comemorativo e monografia de Hipólito da Costa. Porto Alegre, Jul 1972. (x)

CORREIO DO POVO. Associação Brasileira de Imprensa ABI apóia trasladação de Hipólito da Costa. Porto Alegre, 25 Jul 1972. (x)

(---) Trabalho sobre Hipólito da Costa terá prêmio de 12 mil cruzeiros. Porto Alegre, 15 Set 1973, p. 8. (x)

CUNHA, Jacinto Rodrigues, cap. Diário da expedição de Gomes Freire de Andrade às missões do Uruguai. **RIHGB**, tomo 16.

DIÁRIO POPULAR. Pelotas e Hipólito. Editorial, Pelotas, 12 Mai 1972. (x)

(---) Hipólito José da Costa. Editorial. Pelotas, 25 Mai 1972. (x)

(---) Hipólito repousará aqui. Pelotas, 6 Ago 1972. (x)

(---) Comissão de Hipólito cumpriu roteiro. Pelotas, 5 Set 1972. (x)

(---) Comissão veio pesquisar Hipólito ontem em Pelotas. Pelotas, 17 Dez 1972. (x)

(---) Vida e obra de Hipólito. Editorial. Pelotas, 17 Dez 1972. (x)

DOCCA, Souza. **História do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1954.

DOURADO, Mecenas. **Hipólito da Costa e o Correio Braziliense**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1959, 2 v. (x)

DUVAL, Paulo. O Patriarca da Independência. DP, Pelotas, 15 Abr 1969.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Imprensa é concitada a trazer seu patrono. São Paulo, 3 Mar 1972, p. 8. (x)

FAORO, Benjamim. Reunião do Conselho Federal de Cultura. Jul 1972. (x)

FARIA, Anapolino. Discurso na Câmara dos Deputados em 21 Abr 1972.

**CB.** Brasília, 27 Abr 1972. (x)

FERREIRA FILHO, Arthur. **História Geral do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, 1958.

FLEIUSS, Max. **O Instituto Histórico através de sua revista.** Imp. Nacional, 1938.

FORTES, João Borges. **Rio Grande de São Pedro.** Rio de Janeiro: Bibliex, 1941.

FORTES, Amyr et WAGNER, João Batista Santiago. **História administrativa, judiciária e eclesiástica do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, Ed. Globo, 1963.

FORTINI, Archymedes. Pelotas e o fundador do jornalismo brasileiro. **CP,** Porto Alegre, 12 Mar 1972. (x)

FRAGOSO, Augusto Tasso. **A Batalha do Passo do Rosário.** Rio, Imprensa Militar, 1922.

FURTADO, Alcebíades. Biografia de Hipólito José da Costa... **RIHGSP,** São Paulo. v. 17, p. 235. (x)

JORNAL DO BRASIL. Fundador da Imprensa. Editorial. Rio de Janeiro, 5 e 6 Mar 1972. (x)

(---) Reunião do Conselho Federal de Cultura aprova transladação dos restos mortais de Hipólito. Rio de Janeiro, 5 Ago 1972. (x)

(---) Jornalistas gaúchos querem trazer as cinzas de Hipólito. Rio de Janeiro: 30 Jun 1972. (x)

MAGALHÃES, Manoel Antônio de. Almanak da vila de Porto Alegre, com reflexões sobre o estado da Capitania do Rio Grande do Sul. **RIHGB,** Tomo 30, 1867, p. 42-47. (autor, DP, Pelotas 6 e 13 jun 1971).

MELLO, Francisco Inácio Marcondes Homem de. Hipólito José da Costa. **RIHGB,** Rio de Janeiro, 1972, Tomo 35, p. 203-245. (x)

(---) Ano de 1871, leitura no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de trabalho sobre Hipólito. (x)

MESQUITA, Pedro Pereira Fernandes, padre doutor. Relação da conquista de Colônia. **RIHGB**, v. 31, 2 sem ano 1868, p. 350-363. (x)

MONTEIRO, Jonathas da Costa Rego, cel. Parte V **in: A Colônia do Sacramento 1680-1777**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1937, v. 1, p. 423-457.

(---) Dominação Espanhola do Rio Grande do Sul 1763-1777. **Revista Militar Brasileira**. 1935, nº 1 a 4.

OSÓRIO, Luiz Fernando, Filho. **A cidade de Pelotas**. Pelotas, 1919. (x)

PIMENTA, Alcir, dep. Discurso na Câmara em 21 abr 1972. Brasília, 23 Jun 1972. (x)

PINTO, Teixeira. **A maçonaria na Independência do Brasil 1812-1823**. Rio de Janeiro: Ed. Salogan, 1961. (x)

PORTO ALEGRE, Achylles. **História Popular de Porto Alegre**. Porto Alegre, 1940.

QUEVEDO, Raul. Hipólito da Costa, jornalista da Independência. **DB**, Brasília, 3 Jul 1972.

(---) Idem. **Jornal da Manhã**, Ijuí, 11 Ago 1973.

(---) Conheça em Pelotas a casa onde viveu Hipólito José da Costa. **DB**, Brasília, 10 Out 1972. (x)

RHEINGANTZ, C. Os últimos povoadores de Colônia do Sacramento. **RIHGRGS**. Porto Alegre, 1951. (x)

RIZZINI, Carlos. Descoberto na Inglaterra o túmulo do fundador da Imprensa Brasileira. **O Cruzeiro**, 29 Out 1955. (x)

(---) **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil**. Rio de Janeiro, Liv. Kosmos, 1946.

(---) **Hipólito da Costa e o Correio Braziliense**. São Paulo, Cia Ed. Nacional (1957). (x)

ROCHA, Claudionor. Um precursor da Independência. **O Cruzeiro**, 12 Jul 1972. (x)

SÃO LEOPOLDO, Visconde de. **Anais da Província de São Pedro**. Rio de Janeiro, INL, 1946, 3ª ed.

SENADO FEDERAL. **A Constituinte de 1823**. Brasília, Graf. Do Senado, 1973.  
SILVEIRA, Adalberon Mello. Sesquicentenário de Hipólito. **DP**, 11 Set 1973.

SOBRINHO, Barbosa Lima. A imprensa na Independência, in: **História da Independência do Brasil**. Rio de Janeiro, A Casa do Livro, 1972, v. 2, p. 8-43. (x)

(---) Ação da Imprensa em torno da Constituinte, in: SENADO FEDERAL. **A constituinte de 1823**. Brasília, Centro Gráfico do Senado, 1973, p. 9, 16 e 21. (x)

SOUZA, Francisco Ferreira de, cirurgião mor. Costumes riograndenses, in: CEZAR, Guilhermino. **Primeiros cronistas do RGS 1605-1801**. Porto Alegre, UFRGS, 1969, p. 154-157. (Esta fonte analisa os costumes no Rio Grande do Sul na época do nascimento de Hipólito da Costa).

SOUZA (1º), Manoel Marques de Souza, Cel. Parte de combate de passo das Perdizes, de 17 Out 1801. **RIHGB**, Tomo 40, 1877, 2 sem, p. 251-261.

SPALDING, Walter. **Gênese do Brasil-Sul**. Porto Alegre, Ed. Sulina, 1953.  
TAUNAY, Afonso de S. Retrato de Hipólito José da Costa. **Grandes vultos da Independência Brasileira**. São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1922. (x)

TENGARRINHA, José. **História da Imprensa Periódica Portuguesa**. Lisboa, 1965, pág. 60 e 65. (x)

VELINHO, Moysés. **Capitania d'El-Rei**. Porto Alegre, Ed. Globo, 1964.

Reprodução de fotos e aquarelas dos arquivos iconográficos: Comissão de História do Exército Brasileiro; Conrado Ernani Bento – Escola Normal N. S. Aparecida, Canguçu, RS; Correio Brasiliense – Brasília; Revista O Cruzeiro – Rio; Serviço de Documentação do Exército.

**Nota:** O presente trabalho foi atualizado no texto com referências a trabalhos do autor, publicados depois de 1972 e pelo livro do historiador dos lassalistas, meu mestre e amigo irmão Jacob Parmagnani, com seu valioso e esclarecedor trabalho sobre o Padre Doutor Pedro Pereira Fernamndes de Mesquita, o tio, mestre e protetor de Hipólito da Costa e que o infraestruturou culturalmente e moralmente para a sua imortal projeção na História do Brasil



## Dados sobre o autor

Cláudio Moreira Bento, Coronel da Arma de Engenharia, Doutor em Aplicações e Planejamentos Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Gaúcho, natural de Canguçu-RS. É historiador militar brasileiro consagrado com mais de 60 títulos publicados e mais de 1000 artigos na imprensa do Brasil e EUA, detentor de 7 prêmios literários, inclusive nos EUA, e artigos transcritos na Câmara Federal, assembleias de Goiás, Minas Gerais e Pernambuco, e municipais. Há 9 anos, fundou e preside a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), sediada em Resende, junto à Academia Militar das Agulhas Negras. Integra cerca de 30 entidades de História, do Brasil, América do Sul e Europa. Fundou o Instituto de História e Tradições do RGS em Pelotas, em 10 Set 1986, no centenário do combate do Seival, que criou condições para a proclamação da República Rio Grandense no dia seguinte. Atualmente desenvolve a história do Exército na Região Sul, já com 9 volumes publicados. Acaba de produzir **Brasil, conflitos externos 1500-1945** e **Brasil Lutas Internas, 1500-2003**. Foi reeditado seu trabalho **Como estudar e pesquisar a História do Exército**. O site com mais de 30.000 visitas em Natal 2004, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil [www.resenet.com.br/users/ahimtb](http://www.resenet.com.br/users/ahimtb), publica artigos e livros de sua autoria versando sobre a História do Exército e a sua biobibliografia. E o site [www.militar.com.br](http://www.militar.com.br) publica a Revista Eletrônica da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, com vários artigos de sua autoria. Possui, no Site Portal Agulhas Negras [www.resenet.com.br](http://www.resenet.com.br), vasto material sobre História Militar, em Caserna, e sobre a História de Resende e de Itatiaia. Fundou na área, e foi o primeiro presidente, das academias Resendense e Itatiaense de História, das quais hoje é Presidente Emérito. Conhece e domina a História de Resende sobre a qual possui o maior acervo bibliográfico junto à Academia de História Militar Terrestre do Brasil na AMAN da qual é patrono o Duque de Caxias, cujo bicentenário comemorou Brasil afora, lançando 4 livros comemorativos de sua autoria, entre os quais **Caxias e a Unidade Nacional** e **Amazônia Brasileira – conquista, consolidação e manutenção**. Fundou e preside no Rio Grande do Sul o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e as academias Canguçuense e Piratiniense de História e é membro correspondente dos IHGRGS, IH de São Leopoldo, IHGPel, IHG São Luiz Gonzaga, Academia Rio Grandense de Letras e CIPEL, em cuja revista anual vem publicando trabalhos sobre assuntos propostos por aquela instituição. Participou e foi premiado no Rio Grande do Sul no Biênio da Imigração e Colonização do RGS com os trabalhos **O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul** (1º lugar), **com Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul** (2º lugar) e antes,

com o trabalho O gaúcho que foi o fundador da Imprensa Brasileira (2º lugar) em concurso promovido pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul e Associação Rio Grandense de Imprensa. Sua obra literária é focalizada em parte no **Dicionário de Historiadores Brasileiros** do IHGB, no **Dicionário Bibliográfico Gaúcho**, no site [www.resenet.com.br/users/ahimtb](http://www.resenet.com.br/users/ahimtb) e em Personalidades no site Página do Gaúcho. Estudou no Colégio N. S. Aparecida em Canguçu de 1938/44, o qual possui disponível sua obra literária, bem como a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos e no Armazém Literário e Iconográfico Cel Cláudio Moreira Bento em Pelotas, organizado e de propriedade do historiador Flávio Azambuja Kraemer, etc. Possui grande volume de artigos históricos publicados no **Diário Popular** de Pelotas na Coluna Querência da União Gaúcha João Simões Lopes Neto e no Jornal **Tradição** do Movimento de Tradições Gaúchas, ao tempo que era dirigido por Edson Otto. Foi agraciado com diversas condecorações e distinções civis onde se destacam Comendador do Mérito Militar Brasileiro, do Mérito Histórico Militar Terrestre, da comenda Conde de Resende pela Câmara de Resende – RJ e a J.Simões Lopes Neto, pela Câmara Municipal de Pelotas, além da Medalha Militar de Ouro, com passador de Platina por mais de 40 anos de bons serviços prestados ao Brasil, no Exército. É cidadão itatiaense pela Câmara de Itatiaia e itajubense pela Câmara de Itajubá, onde comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate 1981/82, criado em Rio Pardo em 25 de janeiro de 1910, com uma bateria do atual Regimento Mallet em Santa Maria e com quartel na antiga Escola Militar do Rio Pardo, hoje recuperada e sede do Centro Regional de Cultura de Rio Pardo.

## **ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL (AHIMTB)**

Fundada em Resende, A Cidade dos Cadetes, em 1º março 1996, aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). A **Academia de História Militar Terrestre do Brasil**, ou simplesmente AHIMTB, desenvolve a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam Voluntários da Pátria, Guarda Nacional etc. Possui sede e foro em Resende, mas de amplitude nacional, e com delegacias espalhadas pelo Brasil. Tem como patrono o **Duque de Caxias** e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres assinalados, por vezes também ilustres chefes militares, como os marechais **José Bernardino Bormann, José Pessoa, Leitão de Carvalho, Mascarenhas de Moraes, Castelo Branco** e generais **Tasso Fragoso, Alfredo Souto Malan, Aurélio de Lyra Tavares e Valentim Benício**. Foram consagrados em vida como patronos de cadeiras, em razão de notáveis serviços à História Militar Terrestre do Brasil, os generais **A. de**

**Lyra Tavares, Jonas de Moraes Correia, Francisco de Paula Azevedo Pondé, Severino Sombra e Umberto Peregrino**, o Almirante **Hélio Leôncio Martins** e os coronéis **Francisco Ruas Santos, Jarbas Passarinho e Hélio Moro Mariante**, da Brigada Militar/RGS. Figuram como patronos civis o **Barão do Rio Branco, Dr. Eugênio Vilhena de Moraes, Gustavo Barroso, Pedro Calmon e José Antônio de Mello**, pelas contribuições à História Militar Terrestre do Brasil. Entre os fatores da escolha de Resende ressalta ser a AMAN a maior consumidora de assuntos de História Militar, que hoje ministra a seus cadetes nos 2<sup>o</sup> 3<sup>o</sup> e 4<sup>o</sup> anos, através de sua cadeira de História Militar, o único núcleo contínuo e dinâmico de estudo e ensino de História Militar no Brasil. A Academia possui como órgão de divulgação o jornal **O GUARARAPES** que é dirigido a especialistas no assunto e a autoridades com responsabilidade de Estado pelo desenvolvimento deste assunto de importância estratégica. Divulgação que potencializa através de sua Home page - já com mais de 31.000 visitas (Dez 2004). A Academia desenvolve seu trabalho em duas dimensões: **1ª)** a história militar terrestre crítica clássica como instrumento de aprendizagem em Arte Militar, com vistas ao melhor desempenho constitucional das Forças Terrestres, com apoio em suas experiências passadas, etc. **A 2ª)** com vistas a isolar os mecanismos geradores de confrontos bélicos externos e internos para que colocados à disposição das lideranças civis estas evitem futuros confrontos bélicos com todo o seu rosário de graves conseqüências para a Sociedade Civil Brasileira. A constituição da AHIMTB acaba-se publicada em seu site [www.resenet.com.br/users/ahimtb](http://www.resenet.com.br/users/ahimtb)

## **INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RGS (IHTRGS) 1986-2004**

Em 10 Set 1986, sesquicentenário do combate do Seival, que criou condições para a Proclamação da República Riograndense (1836-45) no Campo do Menezes, foi fundado, em cerimônia concorridíssima na Escola Técnica Federal de Pelotas, o **Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS)**. Instituição destinada a memorar fastos sesquicentenários da Revolução Farroupilha (1835-45). A referida fundação está toda documentada em volume especial encadernado guardado pela Presidência a rua Florença, 266, Jardim das Rosas, Itatiaia-Rio de Janeiro. CEP 27580-000, e-mail [cmbento@resenet.com.br](mailto:cmbento@resenet.com.br). É um volume sob o título **IHTRGS- Histórico, Organização e Fundação, 1986**, com índice e 311 páginas, sendo que nas p. 220/223 consta o nome do membros de diversas categorias diplomados na sua Fundação, como dados dos sócios fundadores com votos e respectivos votos para a eleição da Diretoria que foram apurados por comissão integrada pelos presidentes do IHGB e IGHMB. Os Estatutos foram registrados no Tabelionato de Canguçu pelo seu titular José Moreira Bento e escritã Carla Bento Bosenbecker. Guarda o Presidente, no endereço citado, toda a

documentação produzida nos diversos encontros. Com o 2º Presidente do IHTRGS, Osório Santa Figueiredo, em seu endereço, Rua Propício Mena, 975, São Gabriel, RS 97.300-000, e que atuou como secretário e coordenador, estão todas as atas dos diversos encontros. Como sócios efetivos fundadores figuraram o Cel BMRS Alberto R. Rodrigues, Major Ex Ângelo Pires Moreira (coordenador), Arnaldo Luiz Cassol, Clayr L. Rochefort, Cel Ex Cláudio Moreira Bento (presidente), Corálio Cabeda, Fernando O' Donell, Gastão Abbot (falecido), Cel BMRS Hélio Moro Mariante (vice-presidente), Ivo Caggiani (falecido) Gen Jonas Correia Neto, Cel BMRS José Luiz Silveira (2ºvice), Júlio Petersen (falecido), Manoel A. Rodrigues (falecido) Mário Gardelin, Mário Matos, Marlene Barbosa Coelho (falecida), Gen Morivalde Calvet Fagundes (falecido) Mozart Pereira Soares, Osório Santana Figueiredo (secretário), Péricles Azambuja, Sejanos Dorneles (falecido) e Telmo Lauro Muller. Dentre as múltiplas realizações do IHTRGS, registradas em seus Anais, mencione-se encontros anuais, com vistas a integrar historiadores, tradicionalistas e folcloristas, isolados no movimento cultural gaúcho, estreitar laços de amizade e culturais entre eles e, deslocamentos do IHTRGS até os locais cenários de fastos históricos, para comemorá-los. Assim, em Pelotas ocorreu o encontro de fundação na **Escola Técnica Federal**, coordenado por Ângelo Pires Moreira e com apoio do **Diário Popular**, através de Clayr Lobo Rochefort, que dedicou edição especial ao combate do Seival, elaborada pelo presidente do IHTRGS. Em 8 Abr 1987 ocorreu o Encontro de Caçapava do Sul, no **Clube União Caçapavano**, sob a coordenação de Arnaldo Luiz Cassol, onde foi empossado sócio efetivo Humberto Fossa (já falecido), de Encruzilhada do Sul. Em 13 Set 1987 ocorreu mais um encontro em Pelotas, na sede da **União Gaúcha Simões Lopes Neto**, mais uma vez sob a coordenação de Ângelo Pires Moreira. Encontro que se estendeu a Porto Alegre, no CPOR/PA, com conferência do presidente sobre os **Sítios farrapos de Porto Alegre**, sob a coordenação do sócio Jonas Correa Neto, na época comandante da 6ª DE. Em 30 Abr 1988 ocorreu o encontro de Rio Pardo, comemorativo do sesquicentenário da maior vitória farrapa - o combate do Rio Pardo - quando foi lançada pelo presidente plaqueta alusiva. Encontro ocorrido no **Clube Literário Recreativo de Rio Pardo**. Em 10 Set 1988 ocorreu o encontro de Canguçu, na **Casa de Cultura**, tendo como tema o combate de Cerro Alegre de 20 Set 1932, quando foi lançada plaqueta alusiva de José Luiz Silveira e Osório Santana Figueiredo, preparatória à fundação 3 dias após, da **Academia Canguçuense de História**. Encontro coordenado por Marlene Barbosa Coelho, onde foi efetivado o tradicionalista Armando Ecíquo Perez, que representara o Instituto no sesquicentenário de instalação da República Rio Grandense em Piratini, em 6 Nov 1986 o que mereceu do **Diário Popular** memorização condigna do fato histórico, através de artigo do presidente. Em 10 Jul 1989 ocorreu o encontro de São Borja, no **Teatro do Regimento João Manoel**, tendo como tema central a comemoração à resistência a invasão paraguaia em 1865. Coordenaram o evento os sócios efetivos então empossados Sérgio Roberto Dentino Morgado e Aparício Silva Rillo (falecido).

Houve visita do presidente às ruínas de São Miguel. Em 15 Set 1990 e 28 Set 1991 ocorreram os encontros de São Gabriel, na **Associação Alcides Maya**, sob a coordenação do sócio Osório Santana Figueiredo, um dos esteios do IHTRGS e com apoio cultural e logístico do Dr. Milton Teixeira, quando foi efetivado o poeta gaúcho Caio Prates da Silveira e muito evocada a obra de Alcides Maya. Em 14 Set 1992 ocorreu o encontro de Lavras do Sul, no **Plenarinho da Casa de Cultura** José Néri da Silveira, sob a coordenação do sócio Edilberto Teixeira. Em 25 Set 1993 ocorreu o encontro de Santana do Livramento, de caráter internacional, marcadamente histórico e tradicionalista, na **Associação Comercial e Industrial**, sob a coordenação do historiador santanense Ivo Leites Caggiani, ocasião em que foi lançada a obra **O Exército Farrapo e seus chefes**, da lavra do presidente e diplomados efetivos os historiadores Raul Pont, Miguel Jaques Trindade e Blau Souza. Em 7 Abr 1995 ocorreu o encontro do Rio de Janeiro, na sede do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, sob a coordenação do sócio então empossado Manoel Pessoa Mello Farias, coordenador do Núcleo Rio de Janeiro do IHTRGS, que reunia diversos e ilustres gaúchos e gaúchas, residindo no Rio de Janeiro e também sócios da quase sesquicentenária **Sociedade Sul Riograndense**, lá existente. Na oportunidade foram diplomados sócios efetivos Manoel Pessoa Mello Farias, Edson Otto, Daoiz de La Roche, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e Ciro Dutra Ferreira. Categoria na qual já haviam sido empossados, quando da fundação do Núcleo do IHTRGS na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, P. J. Mallet Joubim e Hélio Almeida Brum.

Dia 10 Set 1996, o IHTRGS fez mais um encontro no Rio de Janeiro, na sede do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, em parceria com a **Sociedade Sul Rio Grandense**, e seu **CTG Desgarrados do Pago** e mais o **Galpão da Saudade** da **Academia Militar das Agulhas Negras**, para memorar, no seu 10º aniversário as suas realizações em prol da História, Folclore e Tradições do Rio Grande do Sul. E o fez com a satisfação de já haver superado o tempo de duração da **República Rio-Grandense**, cujos fastos se propôs prioritariamente memorar e divulgar, o que tem consciência de haver bem cumprido. Em 27Mai99 foi feito um memorável encontro no Salão Brasil do Colégio Militar de Porto Alegre, onde foi reverenciada a memória dos seguintes sócios falecidos, evocados pelos novos sócios: Arthur Ferreira Filho, de São José do Norte; Aparício Silva Rillo, de Porto Alegre (samborjense de coração); Raul Pont, de Uruguaiana; Miguel Jacques Trindade, de Alegrete; Edilberto Teixeira, de Lavras do Sul; Arnaldo Cassol, de Caçapava do Sul; Humberto Castro Fossa, de Encruzilhada do Sul; Sejanos Dornelles, de Santa Vitória do Palmar; Manoel Pessoa Mello Faria, de Pelotas (viveu no Rio); Hélio de Almeida Brum, de Dom Pedrito (viveu no Rio) e Marlene Barbosa Coelho, de Canguçu. Foram eleitos os seguintes sócios efetivos: Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Ivo Benfatto, Major Flávio Mabilde (falecido), Cap BMRS Aroldo Medina, José Conrado de Souza, Cel Leonardo Roberto de Araújo e Ten Cel Cláudio Belém de Oliveira. Em 24Jul99,

na cidade de Alegrete, em encontro presidido pelo 2º presidente, Osório Santana Figueiredo, foram eleitos sócios efetivos: Hugo Ramires e Maria Fraga Dornelles. Sócios colaboradores: Sérgio Alves Levy, César Pires Machado, João Francisco de Andrade e Marione Jacques. Sócio correspondente: Daniel Fantti e José Eber Bentim da Silva. Em 15Abr2000, na reunião de Rosário do Sul, presidida por Osório Santana Figueiredo foram entregues diplomas de colaboradoras às professoras Mara Regina Miranda de Souza, Secretária Municipal de Educação e a Maria Almir Souto Nascimento. Nestes quase 20 anos de resistência cultural, alguns dos soldados do **IHTRGS** faleceram, outros foram atingidos por problemas de idade e outras limitações, para uma presença mais efetiva em suas atividades. A renovação de novos nomes foi pouca, de igual forma que nas demais entidades brasileiras do gênero, parecendo que as novas gerações são avessas a estudos históricos ou pelo menos à produção e à divulgação históricas, o que nos parece lamentável. E no caso do Rio Grande do Sul, como ficará em breve a sua perspectiva e a identidade históricas na cabeça das novas gerações gaúchas? Só Deus sabe! E creio que a Mídia cabe grande responsabilidade por esta situação. Aqui, por oportuno, registre-se o apoio que o IHTRGS teve de parte do jornal **Diário Popular** de Pelotas, de **A Platéia** de Santana, dos mensários **Ombro a Ombro** e **Letras em Marcha** e de o **Tradição**, que era editado pelo sócio efetivo Edson Otto que o tornou e órgão de divulgação oficial do **IHTRGS**, **MTG** e da **CBTG**. Em **História** ou **Estória**, que o Presidente do IHTRGS publicou em **Tradição**, maio 96 (ano da consciência tradicionalista) abordou a conjuntura crítica da historiografia brasileira, assunto estratégico nacional, para o qual os governos em todos os níveis e a Mídia, salvo raras e honrosas exceções, não tem dado a menor atenção. Em vista desta postura de quem teria obrigação social e cívica de estimular estudos de História, qual o jovem que se animará a dedicar-se a este assunto? E quem no futuro escreverá **HISTÓRIA** e não **ESTÓRIA** do Rio Grande do Sul, como bússola para a construção segura do futuro do Rio Grande do Sul e de seus filhos e como mãe legítima das **TRADIÇÕES GAÚCHAS**? Eis a pergunta que o IHTRGS deixará aqui no ar Praza a Deus que os estudos de História do Rio Grande do Sul sejam retomados e estimulados com vigor pela Mídia e poder público estadual para que produzam perspectiva e identidade históricas seguras. E estas, mais consensos sobre soluções a implementar! E que não aconteça o que ocorria em 1904, segundo J.Simões Lopes Neto em sua histórica conferência na Biblioteca Pública de Pelotas sobre Educação Cívica e sobre o ensino de História do Brasil: **"Esse estudo não é somente descuidado, mas ele não existe e nunca existiu. E a sua consequência é a preferida ignorância em que vivemos da nossa história e estudando histórias alheias.** Todo o ensino tem um fim, o da História do Brasil é dar-nos o conhecimento da noção exata da solidariedade nacional, da disciplina cívica, da liberdade obediente e com ela o amor ao Brasil."

Mas o que se tem assistido nos programas **A Ferro e Fogo** levados ao ar pela RBS são desanimadores, como manipulações da História do Rio Grande do Sul que, ao invés de usarem a História como “a mestra das mestras”, a mestra da vida” a fizeram de “Maestra da calúnia e da mentira”, segundo definiu o falecido historiador Luis Flodoardo Silva Pinto, membro do IHTRGS. E mais, não dão oportunidade ao contraditório, e somente a monólogos!!!.

## **O traslado dos restos mortais para o Brasil, em 2001, de Hipólito da Costa – o fundador e patrono da Imprensa Brasileira**

Em 4 de julho de 2001, finalmente, foi concretizado o sonho de trasladar da Inglaterra para o Brasil, os restos mortais de Hipólito da Costa, bem com feita a deposição definitiva dos mesmos em monumento em sua memória no Museu da Imprensa Nacional, então inaugurado em Brasília, próximo das instalações do **Correio Braziliense**. Aliás, local com que Hipólito da Costa sonhou um dia, conforme assinalam seus biógrafos, razão da fundação do **Correio Braziliense** em Brasília, por iniciativa do Dr. Assis Chateaubriand, para dar continuidade ao espírito do jornal editado por Hipólito de 1808 a 1822, em Londres.

Em 1972, no ano do sesquicentenário de nossa Independência, pesquisamos a vida de Hipólito da Costa, para confirmar, ou não, afirmações de que ele havia residido em sua infância e adolescência em terras hoje pertencentes a nossa terra natal, Canguçu – RS.

E comprovamos, com pesar, que esta afirmação não possuía apoio na História.

Mergulhando nesta pesquisa, constatamos a sua participação destacada no processo que levou o Brasil à Independência. Publicamos, então, artigos no **Diário Popular** de Pelotas, em 30 de janeiro, 1º e 2 de fevereiro de 1972, sob o título "Pelotas e o fundador do jornalismo brasileiro".

de abril de 1972, que assinalou o início das comemorações do Sesquicentenário da Independência, a convite do seu editor Ari Cunha produzimos, entre outras reportagens, uma bem ampla e ilustrada, sob o título "O patrono da Imprensa do Brasil e a Independência".

Em julho de 2001 estávamos em Brasília, presidindo posses de acadêmicos na Delegacia Marechal José Pessoa da Academia de Historia Militar Terrestre do Brasil, que fundamos e presidimos, quando então conhecemos que havia então sido

E neles sugerimos o traslado

vitoriosa a idéia de traslado de Hipólito da Costa, que havíamos sugerido em 1972.

Os detalhes, só agora conhecemos, por informações colhidas por telefone com o historiador e Coronel Aviador Fernando Hypolito da Costa (hoje na reserva), que representou a família de Hipólito da Costa. E mais os detalhes solicitados aos nossos confrades na Academia de História Militar Terrestre do Brasil, os coronéis Manoel Soriano Filho e Paulo Isaías.

Dados solicitados que nos foram enviados em anexo ao ofício de 16 dezembro de 2004 pelo Sr. Rodrigo Lima, do Núcleo Texto-Cedoc dos Associados do Centro-Oeste.

E assim sintetizamos as informações contidas no **Correio Braziliense** de 5 de julho de 2004, a nós enviadas e complementadas, ao final, por relato enviado via e-mail pelo Cel Fernando Hypólito da Costa e complementadas pelo mesmo por telefone.

Em 1969, o dr. Assis Chateaubriand tentou, sem sucesso, obter permissão para o traslado dos restos mortais de Hipólito para o Brasil.

E, em 1999, o projeto de traslado foi retomado por Mário Cotrim, Diretor da Fundação Chateaubriand.

Para esta tentativa, agora vitoriosa, muito contribuiu o embaixador do Brasil no Reino Unido, o Dr. Sérgio Amaral, que fora porta-voz do governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso. O embaixador conseguiu satisfazer complexo protocolo exigido pelo Reino Unido para o traslado de Hipólito da Costa e a conseqüente permissão da rainha da Inglaterra para a exumação e traslado de Hipólito da Costa.

Assim, em 24 de maio de 2001, os restos mortais de Hipólito foram exumados, em cerimônia que contou com a presença de 50 pessoas. Entre os ingleses, o prefeito de Hurley-on-Thames, representando o Ministério do Exterior inglês. E do Brasil, o embaixador Sérgio Amaral e o Sr. Paulo Cabral, presidente dos Diários Associados.

E, representando a família de Hipólito, a sua descendente na 6ª geração, a arquiteta Maria Beatriz Arruda Campos.

Na ocasião, o reverendo católico Roy Taylor saudou, em português, os brasileiros presentes na cerimônia, por sua paróquia, Saint Mary-the-Virgin.

Assim, às 10 horas de 4 de julho de 2001, ao som do Hino da Independência, executado pela banda sinfônica da Polícia Militar do Distrito Federal e cantado pelo Coral Madrigal de Brasília, os restos mortais, transportados em urna por 4 cadetes da Polícia Militar do Distrito Federal, chegaram ao local, para serem depositados no monumento em sua memória, no Museu da Imprensa Nacional.

A cerimônia foi presidida pelo vice-presidente da República Dr. Marco Maciel, e o **Correio Braziliense** foi representado pelo Sr. Paulo Cabral, presidente dos Diários Associados.

A família de Hipólito foi representada por seu tetraneto, o Coronel Aviador Fernando Hypolito da Costa, historiador de nossa Força Aérea e da Aeronáutica, da qual o Dr. Assis Chateaubriand é patrono, de sua Aviação Desportiva, conforme abordamos em nosso álbum **Os patronos nas Forças Armadas do Brasil**, constante em **Livros** no site [www.resenet.com.br/users/ahimtb](http://www.resenet.com.br/users/ahimtb), da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Entre as orações então proferidas, o Coronel Carlos Alberto Guimarães, Diretor da Imprensa Nacional, referiu que seguiram o grande exemplo de Hipólito da Costa, entre outros jornalistas, Evaristo da Veiga, Rui Barbosa, Líbero Badaró e Barbosa Lima Sobrinho.

O embaixador do Reino Unido no Brasil, Roger Bonne, elogiou em nome de seu governo o jornalismo independente de Hipólito da Costa.

**O Correio Braziliense** deste dia publicou opiniões, sobre Hipólito da Costa, de Edmundo Minervino, presidente do Tribunal de Justiça do DF, de Marco Maciel, vice-presidente da República, e hoje membro da Academia Brasileira de Letras, do embaixador Sérgio Amaral e de Paulo Cabral, presidente dos Diários Associados, que a certa altura referiu:

“Hipólito retornou à sua casa, na cidade que sonhou. E aqui ficará para o agradecimento perene de todos, pelo perene exemplo de vida que legou à nossa História”.

A edição do **Correio Braziliense** de 16 de dezembro de 2001, pouco mais de uma quinzena antes da inauguração do monumento de Hipólito da Costa, anunciou o lançamento, às 11 horas de 15 de junho, no Museu da Imprensa Nacional, da Coleção do **Correio Braziliense**, ou **Armazém Literário**, em 31 volumes, impresso pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Este número, e sob o título Repercussão, traz depoimentos de Fernando Henrique Cardoso (presidente da República), de Marco Maciel (vice-presidente da República), de Nelson Marchesan (deputado federal), de Rubem César (sociólogo), de Leonardo Dantas (historiador), de Roberto da Matta (antropólogo), de Izabel Lustosa (historiadora), de Marcos Carvalho (professor de História na UFPE), de Ana Maria Fernandes (reitora da UnB), de Murilo Cesar Ramos (Diretor da Fac. de Comunicação da UnB), de José Genoíno (deputado federal), de Erika Kokay (presidente da CUT), de Carlos Chagas (professor de História da Imprensa na UnB), a entrevista do jornalista Alberto Dines, por Arlete Salvador, e o artigo “Retrato impresso da História, por Cristiana Felipe, da equipe do **Correio Braziliense**.

Indicado pelo confrade Cel Manoel Soriano Filho, contatei por telefone com o Cel Av Fernando Hypolito da Costa, nosso confrade, como o Cel Soriano, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, e lhe formulamos várias perguntas, das quais recebi, por e-mail, as respostas a seguir:

“RESPOSTAS AOS QUESITOS: 1) Sou tetraneto de Hipólito da Costa, isto é, 5ª geração.  
1ª geração (Filho de Hipólito) - FÉLIX JOSÉ HIPÓLITO DA COSTA. Foi enviado para o Brasil antes do casamento de HC com a inglesa MARY ANN TROUGHTON DA COSTA.  
2ª geração (Neto de HC) - HIPÓLITO SIMÕES DA COSTA (prenome não identificado), casado com CÂNDIDA

LADEIRA SIMÕES DA COSTA, de tradicional família mineira.

3ª geração (Bisneto de H C) - MANOEL HIPPOLYTO SIMÕES DA COSTA, casado com PRECILIANA LADEIRA HIPPOLYTO SIMÕES DA COSTA (começou então o registro do nome como Hippolyto).

4ª geração (Trineto de HC) - com sete filhos do casal anterior: ARISTOTELINA, JOAO HIPPOLYTO (meu pai), ARISTÓTELES, SEBASTIÃO, NÍZIA, ALCYPE e MARIA. Todos nasceram em Rio Novo/MG.

5ª geração (Tetraneto de HC) - Vários descendentes. Pertencço a esta geração, filho de João Hippolyto Simões da Costa e Maria de Lourdes Castello Branco da Costa. Neste caso, o jornalista é Tetravô ou Tataravô. Observação - JOSÉ SATURNINO DA COSTA PEREIRA (1778-1852) é o irmão mais novo de HC. O outro irmão, FELÍCIO JOAQUIM (1776-1818), tornou-se Padre. A minha descendência é, portanto, direta de HC, através de Félix Jose Hipólito da Costa.

2) Os restos mortais de HC foram trasladados da Inglaterra para o Brasil. Toda a cerimônia foi organizada pelo **Correio Brazi- liense**, Fundação Assis Chateaubriand e Associados. O monumento foi erigido nos jardins do Museu da Imprensa, em Brasília, ao lado da sede do Correio Braziliense (SIG, Quadra 6, lote 800). A solenidade ocorreu em 4 de julho de 2001, com a presença do Vice-presidente da República MARCO MACIEL. A cerimônia foi muito bonita, tocante e organizada, com cerca de 1 hora e 50 minutos de duração.

3) Iniciativa - Não sei exatamente de quem foi a iniciativa do traslado dos restos mortais de H C para Brasília. Quando ocorreu a inauguração do "Auditório Hipólito da Costa", em 7 de julho de 1991, localizado no subsolo do edifício do "Correio Braziliense", ocasião em que proferi uma palestra acerca da vida e da obra do "Patrono da Imprensa Brasileira", tive a oportunidade de conversar com o Jornalista AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE (falecido pouco tempo depois) com relação a esse problema, e ele disse-me que Assis Chateaubriand, como

Embaixador do Brasil junto ao Reino Unido, já havia tentado conseguir, por várias vezes, a autorização do Governo da Inglaterra para o referido traslado, mas surgiam sempre duas grandes dificuldades: 1ª) os descendentes de HC, na Inglaterra, não consentiam no traslado; 2ª) Pelo fato de HC estar sepultado numa igreja, a Lei colocava entraves. Passados diversos anos, o Itamarati, através do Embaixador do Brasil em Londres, SÉRGIO AMARAL, com o apoio do Embaixador do Reino Unido no Brasil, ROGER DRIDGLAND, e com a participação direta e importante da Fundação Assis Chateaubriand e **Correio Braziliense** (Dr. PAULO CABRAL DE VASCONCELOS e Dr. MÁRCIO COTRIM), os quais, com persistência, abnegação, entusiasmo e, sobretudo, paciência, desincumbiram-se a contento dessa espinhosa tarefa.

4) Minha participação - Durante todo o tempo do planejamento do traslado, cerca de dois anos, participei diretamente da remessa de informações que eram solicitadas pelo **Correio Braziliense** e pelo Dr. Márcio Cotrim (da Fundação), e que se referiam aos dados familiares do jornalista, local de sepultamento na Inglaterra (Igreja de St. Mary- The Virgin), locais de suas residências e outros dados que não recordo.

Finalmente, depois de tamanha papelada e inúmeros telefonemas, assinei um documento "autorizando o traslado em nome da Família", o qual foi enviado para Brasília via fax, em caráter de "urgência" pelo **Diário de Natal**, com destino ao Embaixador Sérgio Amaral, através da Fundação Assis Chateaubriand e **Correio Braziliense**. Natal, 22 Dez 2004, **Fernando Hippolyto Costa, Cel Av Ref.**

Em telefonema do Cel Fernando Hyppólito, que vinha escrevendo sem dois pp, fui por ele informado do seguinte:

- Que ele é filho do Ten Cel Inf João Hypolito Simões da Costa com Lourdes, irmã do Marechal Humberto de Alencar Castello Branco que, além de seu tio é o seu padrinho de batismo e o doador, como coronel, de sua espada de oficial da Força Aérea, e que integrou a Casa Militar do tio e padrinho

quando este foi presidente da República. - Que foi na casa paterna que o então tenente Humberto, servindo no 12º RI, em Belo Horizonte, junto com seu pai, que conheceu, namorou e veio a casar com D. Argentina, de ilustre família mineira.

- Que era irmão do Brigadeiro Roberto Hypólito da Costa, declarado Aspirante Aviador do Exército em 1940, passando para a Força Aérea ao esta ser criada pouco depois. E que entre descendentes seus, do Brigadeiro Roberto e de suas irmãs e, portanto, descendentes de Hipólito da Costa, existem militares da FAB e do Exército que se fixaram em Belo Horizonte, Juiz de Fora, Além Paraíba, Rio Novo, etc”.

# Posfácio

## Repensando Hipólito José da Costa

Eduardo Cunha Müller (x)

Brinda-nos o notável historiador Cel Cláudio Moreira Bento, com mais um alentado trabalho, agora enfocando a vida e a obra do grande brasileiro e riograndense Hipólito José da Costa.

Como destaca o autor, que é filho de Canguçu – RS, Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) - Hipólito foi gaúcho de fato, nascido na Colônia do Sacramento e gaúcho riograndense de coração, por haver vivido nas regiões de Rio Grande e de Pelotas dos 4 aos 18 anos, onde se preparou para o seu grande vôo internacional. Vôo que o consagraria como o Patrono da Imprensa Brasileira, por havê-la fundado em 1808, em Londres, a serviço da Independência do Brasil, representada pelo jornal **Correio Braziliense**, que lá editou, até a Independência, para a qual ele concorreu significativamente ao ponto de, naquele jornal, haver esboçado e proposto uma Constituição para o novel Império. Proposta seguramente apoiada em seu curso de Direito, especializado em Direito Constitucional, de 1792 a 98, na Universidade de Coimbra, onde recebeu seu diploma de advogado em 7 de agosto de 1798 e mais, sua vivência democrática nos Estados Unidos e na Inglaterra.

Chamou-nos a atenção, como aluno egresso da Escola Superior de Guerra, a interpretação, feita pelo autor, da obra de Hipólito da Costa, como contribuição expressiva do fundador de nossa Imprensa para a conquista e preservação dos objetivos nacionais considerados permanentes por todas as

democracias; Independência, Soberania, Unidade, Integridade, Prestígio Internacional, Paz Social, Integração, Democracia e Preservação dos valores morais e espirituais da Nacionalidade.

Admiração e destaque merece o autor pelo aprofundamento que realizou da vida de Hipólito no Rio Grande do Sul, com apoio em diversos estudos existentes, com o que emoldurou os tempos vivenciados por Hipólito, menino e adolescente, nas regiões de Rio Grande e Pelotas, almejando um dia retornar para esta região e nela se dedicar à Agricultura, em terras que herdara.

Neste momento crucial pelo qual atravessa a Nação Brasileira – infestada de Organizações Não Governamentais estrangeiras, buscando limitar, a cada minuto, a nossa soberania – sobrepõem a pertinência e atualidade dos conceitos expendidos por Hipólito José da Costa no **Correio Braziliense**, há mais de dois séculos.

ONGs, cuja finalidade e existência a Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara Federal busca precisar, com grandes dificuldades, eis que acusadas, muitas, de representarem interesses alienígenas sobre a nossa Amazônia, área estratégica vital, estudada recentemente pelo citado Cel Bento na obra **Amazônia Brasileira - Conquista - Consolidação e Manutenção - História Militar Terrestre da Amazônia, 1616-2004**.

Os conceitos expendidos por Hipólito da Costa no **Correio Braziliense**, gozam de expressiva pertinência, atualidade e oportunidade, levando-nos a pensar como seria valioso para o futuro do Brasil, neste momento, o esforço conjunto dos soldados e jornalistas Brasileiros, discípulos de Hipólito, em prol da defesa e preservação das enormes riquezas reais e potenciais que a Amazônia Brasileira abriga. Batalha da qual, ao que se vislumbra, a Mídia Nacional se faz pouco presente, o que será ruinoso caso confirmada tal ausência, para a Nação. O que pensaria e como atuaria hoje, no caso, Hipólito da Costa, se vivo o fosse?

Destinado aos **BRAZILIENSES**, assim considerados os portugueses que aqui tinham nascido, ou consideravam o Brasil

como a sua Pátria, O Correio Braziliense reunia textos variados que iam da Política às Ciências, contendo, inclusive, uma seção denominada Miscelânea, em que o autor exprimia suas opiniões contra o domínio português.

Lamentavelmente, não pôde Hipólito retornar ao solo natal, como era o seu desejo, após longo exílio em terras de além-mar. Tão grande foi a influência de Hipólito José da Costa, no Jornalismo, que, com justíssima razão, foi escolhido o Patrono da Imprensa Brasileira, fazendo jus ao galardão sintetizado por Rui Barbosa:

**“A Imprensa é a vista da Nação. Por ela é que a Nação enxerga o que de mal lhe fazem, vela pelo que lhe interessa e se acautela no que a ameaça” (A imprensa e o Dever da Verdade).**

Despiciendo maiores comentários acerca da obra – Magnífico Retrato Social e Político de Uma Época Longínqua – o que vem a confirmar a máxima de que os fatos históricos se repetem, guardadas as proporções impostas pelo tempo, ressaltando, apenas, que o **CORREIO BRAZILIENSE** ou **ARMAZÉM LITERÁRIO**, vendido de forma clandestina no Brasil, foi o primeiro veículo a projetar internacionalmente o nosso País.

(x) Eduardo Cunha Müller é Advogado e Historiador, Autor da Obra **Marechal Salvador César Obino – o Idealizador da Escola Superior de Guerra**. Ex-Aluno do Colégio Militar de Porto Alegre, estudou também no Chelsea College em Londres, bacharelando-se em Direito pela PUC/RS, em 1976. É membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – AHIMTB, onde ocupa a Cadeira nº 40, que tem por Patrono o Marechal Valentim Benício da Silva. Coursou a Escola Superior de Guerra em 2003.

**Nota do autor:** Por oportuno, reproduzimos, para reflexão e auto-crítica de patriotas, na Mídia Nacional, se for o caso, o início de artigo publicado no site do **Observatório da Imprensa**, de autoria do jornalista Mário Augusto Jakobskind, que contém o conceito coincidente com o sentimento que vigora, a respeito, em largos círculos de nossas Forças Armadas:

“COCHILOS E PRECONCEITOS NA COBERTURA DA MÍDIA”

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=313JDB003>

**Mário Augusto Jakobskind (\*)**

“De que forma a grande Mídia tem dado cobertura à área militar? Esta pergunta deveria merecer alguma reflexão dos editores e também dos pauteiros, um setor vital na rotina do noticiário diário. Nos últimos anos, órgãos de imprensa que nos chamados anos de chumbo compactuaram com o arbítrio, têm apresentado as Forças Armadas de forma visivelmente preconceituosa”.